A CLARIVIDÉNCIA DE BESSIE WILLIAMS

FLORENCE MARRYAT

Tradução: Amadeu António

A CLARIVIDÊNCIA DE BESSIE WILLIAMS
(SRA. RUSSELL DAVIES)
RELATADO POR ELA PRÓPRIA

FLORENCE MARRYAT

Londres:
BLISS, SANDS AND FOSTER,
CRAVEN STREET, STRAND
1893

Florence Marryat

PREFÁCIO

Não considero necessário dizer nada para apresentar as declarações a seguir ao público.

O interesse pelo Espiritualismo tem crescido tanto ultimamente que espero que elas sejam lidas com avidez.

Tampouco posso acrescentar nada a elas. Escrevi tão detalhadamente sobre as minhas experiências extraordinárias com Bessie Fitzgerald* no meu próprio livro—*Não Há Morte*—que qualquer confirmação de suas afirmações seria mera repetição.

Tudo o que posso afirmar, portanto, é que registrei cada palavra diretamente de seus lábios e estou certa de que, em todos os aspetos, são absolutamente verdadeiras.

* Nome de solteira: Bessie Williams.

E este não é apenas um relato do passado.
Sua clarividência hoje é mais forte do que nunca, e qualquer um que duvide disso pode comprovar a verdade por si mesmo. FLORENCE MARRYAT

CAPÍTULO I

A MINHA CLARIVIDÊNCIA

"Certamente Aquele que nos fez com tão ampla razão,
Olhando para o passado e o futuro, não nos deu
Essa capacidade e razão divina
Para que enferrujasse sem uso."

"Há mais coisas entre o Céu e a Terra, Horácio,
Do que sonha a tua filosofia."

A minha clarividência deve ter nascido comigo, pois venho de uma família de videntes. O avô do meu pai era de pura origem galesa, e sua mãe, de pura origem irlandesa.

A primeira história de fantasmas da família que consigo lembrar aconteceu com a minha trisavó. Ela tinha dois meninos pelos quais era profundamente dedicada, e ambos se afogaram acidentalmente num curto intervalo de tempo. Essa dupla perda afetou sua mãe de tal forma que ela se recolheu ao leito, recusando-se a comer, beber ou interessar-se por qualquer afazer doméstico. Temia-se que enlouquecesse ou morresse.

Contudo, um dia, inesperadamente, levantou-se e começou a cuidar da casa com um semblante sereno. Quando a pressionaram para saber a razão de sua mudança repentina, ela declarou que, certa noite, enquanto chorava, ouviu uma voz dizer: *"Mãe, leva-me para a cama contigo!"* e, ao olhar, viu seu filho mais novo e favorito subindo para a sua cama. Ela contou que o tomou nos braços, e ele lhe disse que suas lágrimas incessantes impediam que seu espírito deixasse a Terra e se reunisse aos das outras crianças, como deveria acontecer. Desde então, ele vinha repetidamente dormir com ela, e isso restaurara sua paz de espírito.

Ela nunca falou muito sobre o assunto, mas todos percebiam o efeito que teve sobre ela. O mais estranho era que, toda semana, as roupas de dormir da criança eram lavadas com a roupa da família, e quando isso cessou, seus amigos souberam que a aparição havia partido. Viveu até idade avançada, mas nunca alterou a sua história sobre o filho falecido.

Sua filha, minha avó materna, casou-se com o Sr. Thomas Clarke, um conhecido comerciante de madeira de Birmingham e tio de John Clarke, o comediante, que era, portanto, primo de minha mãe.

O marido não se portou bem com ela e, depois de algum tempo, separaram-se. Minha avó passou a residir numa grande casa perto de Wrexham, que possuía um portão de entrada com uma guarita anexa.

Certa noite, enquanto estava acordada, ouviu o som de cascos de cavalo galopando pela estrada pública, parando subitamente à entrada, seguido por uma voz masculina que clamava: *"Portão! Portão!"* Ela ouviu atentamente, mas como ninguém passou pelo portão em direção à casa, concluiu que poderia ser um visitante para o caseiro da guarita. No entanto, poucos minutos depois, o mesmo chamado foi repetido, e uma terceira vez novamente.

O episódio a assustou tanto que, ao ouvir o terceiro chamado de *"Portão! Portão!"*, levantou-se, vestiu-se e saiu para ver o que estava acontecendo. Mas não havia ninguém lá, e ninguém mais ouvira os cascos do cavalo nem o grito de *"Portão!"* além dela.

Na manhã seguinte, o ocorrido se concretizou. Um homem a cavalo chegou galopando com a notícia de que seu marido, Sr. Clarke, havia morrido subitamente na noite anterior, apresentando todos os sintomas de envenenamento.

O MEU AVÔ E AS

MANIFESTAÇÕES SOBRENATURAIS

O pai do meu pai era um ministro galês e vivia em Monmouthshire com sua esposa e três filhos. Certa ocasião, foi chamado para assumir outro dever, e como costumava chegar tarde em casa à noite, sua esposa ficava acordada esperando por ele. Ela se queixava frequentemente de ser perturbada nessas noites por ruídos estranhos na casa—sons de crianças correndo no andar de cima, subindo e descendo as escadas, e até mesmo o barulho de um carrinho de mão sendo empurrado pelo quarto superior, aparentemente despejado e depois levado de volta.

Meu avô era extremamente cético e ria dos medos da esposa. No entanto, ela insistia que tais perturbações aconteciam, e uma noite, quando ele estava em casa, decidiu ficar acordado com ela e ouviu os ruídos com seus próprios ouvidos.

Furioso, subiu imediatamente as escadas e espancou as pobres crianças inocentes, acreditando que estavam pregando peças na mãe.

Pouco tempo depois, sua esposa estava novamente acordada ouvindo os mesmos ruídos inexplicáveis, quando, de repente, um painel na parede do quarto onde se encontrava deslizou para trás, e de dentro dele saiu uma senhora muito pequena e frágil, com pés de criança calçados em pequenos chinelos bordados. Ela vestia um longo vestido verde e um saiote volumoso.

A pequena senhora olhou para a esposa do meu avô com um ar altivo, como se dissesse: *"O que está a fazer aqui?"*, e então caminhou lentamente pelo quarto, retornou ao painel e desapareceu, que se fechou atrás dela.

Meu avô ridicularizou completamente a história da esposa, mas ela insistiu tanto e mostrou-lhe o próprio painel de onde o fantasma havia saído, que ele decidiu mandá-lo remover. Por trás, encontraram um velho guarda-roupa cheio de roupas mofadas e deterioradas, entre as quais estavam os restos de um vestido de seda verde e um pequeno sapato.

Minha avó recusou-se a continuar morando na casa, que foi demolida pouco tempo depois. Durante as escavações, uma grande quantidade de ossos de crianças foi descoberta. Uma fileira de novas casas foi construída no local, mas nenhum inquilino permaneceu nelas por muito tempo.

O DOM MÉDIÚNICO DO MEU PAI

Meu pai devia ser um médium muito poderoso, mas naquela época (refiro-me à minha primeira infância) pouco se sabia sobre médiuns ou mediunidade. Falava-se ocasionalmente de clarividência e mesmerismo—isso foi na época em que o bom e injustiçado Dr. Elliottson lutava para convencer um mundo cético de que existiam forças ocultas na natureza humana, até então pouco compreendidas.

Como sempre, o mundo se recusou a acreditar em qualquer coisa que ainda não tivesse sido descoberta, e o pobre Dr. Elliottson morreu—desprezado pela classe médica, ridicularizado pelo público—em condições muito semelhantes à fome. E agora, ironicamente, a própria classe médica vem a público anunciando uma *nova* e *maravilhosa descoberta*: a existência de um poder oculto no ser humano, que chamam de *hipnotismo*—um fenômeno tão potente e perigoso que apenas os médicos deveriam ser autorizados, por lei, a praticá-lo. Assim é a vida—pelo menos entre os médicos.

UMA EXPERIÊNCIA

MEDIÚNICA ASSUSTADORA

Lembro-me de uma ocasião em que meu pai teve um grande susto. Por diversão, ele e alguns amigos decidiram tentar mesmerizar alguém. Quatro ou cinco homens reuniram-se no escritório do meu pai, e um dos seus funcionários se ofereceu como cobaia para o experimento.

Dois dos amigos tentaram e falharam. Então chegou a vez do meu pai, que teve tanto sucesso que seu sujeito caiu num sono profundo e hipnótico. Para seu horror, os amigos perceberam que ninguém sabia como despertá-lo. Imagino que todos se comportaram como loucos.

Chamaram um médico, mas este sabia tão pouco quanto os hipnotizadores. Por fim, alguém sugeriu que, como o homem parecia estar à beira da morte, deveriam simplesmente deitá-lo na cama. Assim fizeram, e lá ele dormiu até o dia seguinte, quando acordou tranquilamente, sentindo-se muito revigorado após seu longo e agradável descanso.

Esse experimento teve um impacto tão forte em meu pai que ele nunca mais se envolveu com mesmerismo.

A MAGIA DO CHAPÉU DO MEU PAI

Uma das formas favoritas do meu pai de nos divertir—éramos seis crianças—era pegar seu chapéu alto de seda, colocá-lo sobre a mesa, pousar os dedos na aba e mostrar como conseguia fazê-lo se mover.

Vi o chapéu girar sobre a mesa e, em seguida, erguer-se lentamente no ar, movendo-se por todo o cômodo onde estávamos. Para nós, crianças, isso era algo tão comum que nunca percebemos que se tratava de um fenômeno incomum.

Mas nossa maior diversão era convencê-lo a nos contar histórias de fantasmas, e muitas vezes ouvi-o narrar como, em sua juventude, os espíritos jogavam pedras nele.

O ATAQUE DAS

PEDRAS INVISÍVEIS

Meu pai era um amante da natureza e, desde pequeno, encontrava grande prazer em passear pelos campos, bosques e caminhos rurais. Era também um ávido pescador.

Certa vez, enquanto pescava às margens de um trecho isolado do rio Dee, sentiu uma pequena pedra bater em suas costas. Ignorou, supondo que um pássaro ou esquilo a tivesse derrubado de uma árvore. Mas, quando várias outras pedras começaram a atingi-lo, virou-se para ver se algum amigo estava lhe pregando uma peça.

Contudo, por mais que procurasse, não havia uma alma viva nas proximidades.

As pedras então começaram a cair em verdadeira enxurrada, mas sem nunca acertá-lo. Não importava para onde se movesse—se sentado ou de pé—o estranho fenômeno persistia, até que, tomado pelo pânico, saiu correndo.

Correu até chegar a um grande campo, onde havia um monte de feno. Cansado, sentou-se à sombra do feno para descansar.

Não sabia por quanto tempo ficou ali, mas de repente o bombardeio recomeçou—desta vez, com pedras maiores, que poderiam causar ferimentos.

Mais uma vez, levantou-se e fugiu, e a chuva de pedras não cessou até que alcançou a estrada principal.

Não adianta dizer que ele não ficou assustado. Apesar de ser um homem adulto, teve um verdadeiro pavor, mas, do início ao fim, além do susto, não sofreu nenhum ferimento.

A TRANSMISSÃO HEREDITÁRIA

DA CLARIVIDÊNCIA

Muitos dos meus leitores, sem dúvida, dirão:
"Sim, isso pode ser verdade, mas não se trata da sua própria experiência pessoal."

Eu admito isso; mas gostaria que compreendessem que a clarividência, a mediunidade e todos os dons e faculdades espirituais são frequentemente herdados, transmitindo-se pelo sangue através das gerações.

Acredito que este seja o meu caso; herdei a minha mediunidade dos meus antepassados irlandeses e galeses, e sou-lhes profundamente grata pelo dom que me concederam. Com a bênção e ajuda de Deus, guardarei e utilizarei esse dom ao longo de toda a minha vida terrena como uma dádiva preciosa e sagrada, empregando-o apenas para os mais elevados e nobres propósitos.

Reivindico ser uma clarividente natural, capaz de ver claramente em qualquer momento, no meu estado consciente habitual, mas com os meus olhos espirituais. Posso enxergar cenas, objetos e pessoas que são invisíveis à maioria dos seres humanos.

A MINHA PRIMEIRA

MANIFESTAÇÃO ESPIRITUAL

A mais antiga manifestação do dom que me foi concedido ocorreu quando eu tinha apenas cinco meses de idade.

Naquele momento, meu avô, Thomas Clarke, faleceu. Seu comportamento (como já mencionei) não havia sido inteiramente satisfatório para sua família e, por ocasião de sua morte, todos os seus parentes se reuniram em sua casa, curiosos para saber como ele havia disposto da sua fortuna. Meus pais estavam entre os presentes, e minha mãe levou-me consigo.

Parece que alguns dos meus familiares já tinham alguma noção sobre o Espiritualismo, pois naquela mesma noite sentaram-se em volta de uma mesa para tentar obter alguma informação. Minha mãe, que nada sabia sobre o assunto, foi instruída a colocar sua mão sobre a mesa. Para se livrar de mim por um momento, colocou-me no centro dela.

Imediatamente, o espírito do meu avô manifestou-se e revelou o conteúdo do seu testamento (que ninguém ainda havia visto). Ele declarou que deixara toda a sua fortuna e bens pessoais para uma certa senhorita Douglas, por toda a vida dela, excluindo assim as suas filhas de qualquer benefício até a morte da legatária. Ele descreveu-se como já sofrendo os tormentos do inferno que criara para si mesmo, arrependido pelo que fizera.

Minha mãe ficou extremamente assustada. A mesa começou a balançar violentamente sob a influência do meu magnetismo infantil e, temendo que algo me acontecesse, agarrou-me nos braços e atirou-se sobre o sofá. A mesa moveu-se sozinha para o outro lado da sala e tombou contra o sofá. Minha mãe gritou e correu para fora do quarto, mas a mesa seguiu-a e tentou subir as escadas.

Essa manifestação aterrorizou-a tanto que ficou doente durante semanas.

Quando o testamento do meu avô foi finalmente aberto, confirmou exatamente o que ele havia dito: todos os seus bens foram deixados para a senhorita Douglas, que os usufruiu pelo resto da sua vida.

A DESCOBERTA DO CRIME

ATRAVÉS DE UM CÃO

O próximo acontecimento curioso envolvendo o meu dom ocorreu quando eu tinha quase dois anos de idade.

Na época, vivíamos em Chester, e um detetive chamado Whittaker morava na casa ao lado. Ele possuía um cão chamado "Bob de Whittaker", que frequentemente aparecia no nosso jardim.

Naquele período, um homem chamado Jackson estava preso, sob suspeita de ter assassinado os próprios filhos, que haviam desaparecido misteriosamente. O caso estava sob a responsabilidade do detetive Whittaker, mas ele ainda não havia conseguido obter provas para condenar o suspeito.

Um dia, "Bob de Whittaker" veio brincar no nosso jardim. O meu irmão Frank estava a rolar na relva com ele por um tempo, e depois aproximei-me para brincar também. Assim que o cão tocou e cheirou-me, soltou um uivo aterrador, como se tivesse enlouquecido subitamente.

Em seguida, disparou como uma flecha, saltando a cerca e correndo com o nariz rente ao chão, dirigindo-se a uma plantação afastada da casa. Não parou até alcançar o exato local onde os corpos das crianças assassinadas estavam enterrados.

Foi assim que os cadáveres foram descobertos, e o assassino, Jackson, acabou sendo condenado e enforcado.

UMA MENSAGEM MISTERIOSA

SOBRE MISS DOUGLAS

Éramos seis crianças na família—três meninos e três meninas—e dormíamos todos juntos num grande quarto no sótão da casa. A minha irmã mais velha, Caroline, era encarregada de nos ensinar a rezar.

Éramos crianças peculiares, pois, a um sinal dela, ajoelhávamo-nos e dizíamos em uníssono:

"Que Deus conceda que Miss Douglas morra logo para que a mãe possa receber o dinheiro."

Eu tinha três anos na época e ainda não sabia ler nem escrever.

Uma manhã, enquanto brincava sozinha numa plantação, vi uma folha de papel branco no chão, com escrita sobre ela. Naturalmente, não conseguia decifrar as palavras, mas o papel estava limpo e novo, e pensei que devia ser uma carta para a minha mãe.

Corri para entregá-lo a ela e, ao examinar o papel, minha mãe encontrou nele as palavras escritas em caligrafia elegante:

"Miss Douglas está morta."

Ela ficou extremamente agitada e começou a interrogar-me com ansiedade:

"Quem lhe deu este papel? Foi um homem ou uma mulher?"

A todas as suas perguntas, só conseguia responder:

"Eu encontrei-o no chão."

Naquele momento, ninguém em Chester sabia do escândalo ocorrido em Birmingham—minha mãe, sendo uma mulher orgulhosa, jamais expôs

as fraquezas de seu pai. Assim, ela não sabia o que pensar daquela misteriosa mensagem.

Sem perder tempo, escreveu imediatamente aos seus curadores em Birmingham para confirmar a informação. A resposta veio dizendo que era falsa—Miss Douglas ainda estava viva.

Mas quem poderia ter deixado uma folha de papel tão limpa e imaculada no meio do bosque, exatamente onde eu brincava? Só posso acreditar que foi uma entidade espiritual, talvez apenas para nos pregar uma peça. Afinal, Miss Douglas ainda viveu mais seis anos para usufruir da herança.

CAPÍTULO II

O DESENVOLVIMENTO DA

MINHA CLARIVIDÊNCIA

"Ele parecia encontrar o seu caminho sem os olhos."

Pouco tempo depois do acontecimento anterior, a minha avó, Sra. Clarke, faleceu em nossa casa, e minhas primeiras manifestações físicas começaram a se manifestar. Minha mãe estava ocupada cuidando da doente, e, como de costume, fui colocada para dormir às oito horas da noite, no berço dentro do quarto dos meus pais.

Assim que me deitei, começaram a soar batidas fortes nas ripas da cama, um ruído que continuou por horas. Eu estava aterrorizada. O barulho era incessante.

Às onze horas, meu pai subiu e, ao ver o meu estado de pavor, pegou-me nos braços e deitou-me na cama dele. Imediatamente, as batidas cessaram e, ao mesmo tempo, minha avó faleceu.

A INFLUÊNCIA DO

MEU DOM MÉDIÚNICO

Minha mediunidade ainda não desenvolvida causava efeitos estranhos em mim. Meu avô deixara para trás um filho que nunca reconheceu oficialmente, mas a quem minha mãe tratava como irmão.

Certa noite, esse jovem visitou nossa casa e minha mãe, sendo muito afetuosa com seus filhos, quis levá-lo ao nosso quarto para nos ver enquanto dormíamos. Meus irmãos comportaram-se normalmente, mas quando ela o trouxe até mim para que ele falasse comigo, fiz as caretas mais horríveis e ameaçadoras, sem conseguir parar. Minha mãe, indignada, repreendeu-me e ameaçou castigar-me, mas eu estava totalmente incapaz de controlar minhas expressões.

Tanto minha mãe quanto meu tio observaram o quão assustadoramente eu parecia com o meu avô falecido. Ele, sem dúvida, estava a me influenciar naquele momento.

Hoje, ao lembrar-me de quantas vezes fui repreendida quando criança por ações que estavam completamente fora do meu controle, penso que a punição é frequentemente aplicada de forma descuidada. Quando o Espiritualismo for mais amplamente compreendido, perceberemos que crianças extremamente desobedientes e rebeldes nem sempre agem por vontade própria.

O APRENDIZADO MISTERIOSO

Aprendi a ler e a escrever de maneira misteriosa, sem que ninguém aparentemente me ensinasse. Quando fui para a escola, parecia não adquirir conhecimento pelos métodos comuns.

Enquanto estudei lá, meus apelidos frequentes eram *A Pequena Sonhadora* e *A Bruxa de Lancashire*. Quando voltei para casa aos doze anos, não sabia muito mais do que quando entrei na escola.

Um fato curioso é que nunca resolvi um único problema de aritmética na minha vida, mas, de alguma forma, nunca falhei nos exames escolares.

Eu sempre fui uma menina inquieta, avessa a qualquer tipo de trabalho—especialmente bordado—e levava uma vida muito ociosa.

O RAPAZ DEMONÍACO

Aos dezesseis anos, minha saúde deteriorou-se completamente e minha mãe enviou-me para a casa da minha irmã mais velha, que morava a cerca de sete milhas de Birmingham.

Na manhã seguinte à minha chegada—um lindo dia de verão—eu estava deitada na cama, lendo, logo após o café da manhã, quando senti algo pular sobre os pés da cama.

Pensei que fosse o gato e, sem olhar, tentei afastá-lo com o pé. Mas, nesse momento, ouvi uma risada.

Olhei para cima e, para minha surpresa, vi um menino de cerca de nove anos parado aos pés da cama, de costas para a grade. Era uma criança belíssima, vestida de forma fantasiosa com um traje de veludo preto da época de Carlos II, e com o cabelo cortado reto sobre a testa.

Sua aparência era tão natural e encantadora que, a princípio, não senti medo. No entanto, de repente, fui tomada por um estranho sentimento de repulsa, pois, apesar de sua beleza, havia algo demoníaco em seu rosto.

Exclamei:

— *Vai-te embora! Vai-te embora!*

Ele, porém, não se moveu nem deu qualquer sinal de ter ouvido.

Meu horror aumentou a tal ponto que, mesmo tremendo de medo, sentei-me na cama e implorei várias vezes que ele me deixasse. Mas ele apenas riu, de maneira zombeteira.

Então, reunindo coragem, sentei-me mais ereta e disse solenemente:

— *Em nome do Senhor Deus Todo-Poderoso, afasta-te de mim!*

No mesmo instante, seu rosto perdeu toda a beleza e assumiu uma expressão malévola e ameaçadora. A figura soltou um grito estridente e, deslizando pelo lado da cama, desapareceu.

Apavorada, levantei-me imediatamente e corri para contar tudo à minha irmã. Ela, no entanto, não pareceu surpresa.

Minha irmã era uma Vidente—como, aliás, todos nós éramos—e acreditava que aquela aparição fosse um aviso para mim, um possível ponto de virada na minha vida.

O PRESSÁGIO DA

MORTE DA MINHA MÃE

Quando completei dezoito anos, minha mãe faleceu.

Duas semanas antes de sua morte, dormíamos juntas no mesmo quarto.

Numa noite, por volta das onze horas, quando eu ainda estava acordada, ouvi doze batidas fortíssimas na parede oposta ao nosso quarto. Era uma parede externa, já que nossa casa era semi-isolada.

Chamei minha mãe e perguntei se ouvira o barulho, mas ela não tinha escutado nada.

Apertando os ouvidos, percebi que o som continuava. Então levantei-me e fui até o quarto da minha irmã Fanny, que ficava ao lado, para ver se ela precisava de algo, mas ela tampouco ouvira nada.

Fiquei completamente intrigada na ocasião. Contudo, duas semanas depois, exatamente à mesma hora, minha mãe faleceu.

O ESPÍRITO DO DR. ABERNETHY

Após esse acontecimento, minha saúde piorou ainda mais. Poucos meses depois, fui morar com amigos em Edgbaston.

Enquanto estava lá, rompi um vaso sanguíneo, e o médico ordenou-me que ficasse deitada sem me mover por duas semanas.

Durante esse período, ouvi frequentemente sons de pancadas e cantorias no andar de baixo, mas não conseguia compreender o que se passava.

Quando finalmente me recuperei o suficiente para descer as escadas, um dos meus amigos contou-me que um certo Dr. Abernethy os havia visitado durante a minha doença.

Ele teria afirmado que eu me recuperaria em breve, mas que nunca voltaria a ter plena saúde novamente.

Intrigada, perguntei:

— *Como pode um médico que nunca me viu diagnosticar a minha doença?*

Minha amiga riu e disse que ele já me visitara várias vezes.

Considerei aquilo um absurdo.

Na casa, havia também um jovem estudante de medicina, e, ao conversar com ele sobre o ocorrido, ele me disse que o Dr. Abernethy era um espírito, que se comunicava com meus amigos através da mesa.

Ri-me da ideia e sugeri que fizéssemos uma sessão para chamar o espírito do Dr. Abernethy.

Assim que nos sentamos, a mesa começou a se mover. Acusei meu amigo de estar mexendo nela de propósito, mas ele negou veementemente.

Então, a mesa começou a fazer movimentos violentos na minha direção e, ao soletrarmos o alfabeto, surgiu a seguinte mensagem:

— *Esta menina é uma tola, e, como toda tola, zomba do que não entende.*

Aquilo fez-me parar de rir, pois tive certeza de que o estudante jamais ousaria dirigir-se a mim dessa forma.

Após esse episódio, o espírito do Dr. Abernethy recusou-se a se comunicar diretamente comigo, embora tenha continuado a enviar mensagens sobre minha saúde aos meus amigos.

Assim que melhorei, voltei para casa, mas, por ordem médica, ainda precisava recolher-me ao anoitecer, algo que considerei uma grande provação.

CAPÍTULO III

A EXPLORAÇÃO DO MUNDO ESPIRITUAL

Naquela época, éramos três irmãos e duas irmãs vivendo na mesma casa. Enquanto eu permanecia no meu quarto, doente e recolhida ao entardecer, tudo parecia anormalmente silencioso lá em baixo. Perguntava-me o que estariam fazendo meus irmãos e irmãs.

Certa noite, a curiosidade foi mais forte do que eu. Desci sorrateiramente e descobri que todos tinham saído—eu estava sozinha em casa. Fiquei magoada ao perceber que eles conseguiam se divertir enquanto eu estava doente e isolada. Quando Fanny voltou para o quarto, insisti para que me contasse onde tinham ido.

Depois de alguma hesitação, confessou-me que, durante a minha estadia em Edgbaston, tinham feito amizade com um senhor idoso que morava na casa ao lado. Ele era um grande espiritualista e costumava realizar sessões espíritas com sua governanta e o marido dela. Meus irmãos e Fanny já participavam dessas sessões há meses e estavam completamente familiarizados com o Espiritualismo.

Após essa confissão, decidi que não ficaria mais na cama. Desafiei as ordens médicas e comecei a participar das sessões noturnas na casa do vizinho. Assim, enquanto eu estava aprendendo sobre Espiritualismo em Edgbaston, minha família já o estudava em Birmingham—uma coincidência curiosa.

O VIZINHO ESPIRITUALISTA

Esse senhor idoso havia sido introduzido ao Espiritualismo de maneira extraordinária. Não sabia nada sobre o assunto até o dia em que sofreu um ataque epiléptico nas ruas de Birmingham.

Uma multidão logo se reuniu ao seu redor, e todos ficaram espantados ao vê-lo gesticulando de forma descontrolada e exclamando que era Lady Tichborne, a mãe do famoso pretendente à herança da família Tichborne.

Levaram-no primeiro à delegacia de polícia e, em seguida, a um hospício, mas os médicos concluíram que não havia nada de errado com ele e o liberaram.

Era um homem de grande inteligência e saúde robusta. Quando o conhecemos, já realizava sessões diárias com sua governanta e o marido dela, buscando comunicação com sua falecida esposa.

Na primeira noite em que me juntei a eles, a força espiritual presente era intensa. Não apenas a mesa se movia, mas também os móveis da casa. O espírito da esposa do senhor idoso manifestou-se e declarou que eu me tornaria uma médium extraordinária assim que meu dom fosse devidamente desenvolvido.

Ela orientou que me vendassem os olhos, virassem o relógio para a parede e alterassem os ponteiros. Assim, eu deveria tentar dizer a hora exata.

Fiquei entusiasmada em testar essa habilidade. Meu irmão Frank colocou a venda em meus olhos, levou o relógio para o lado oposto da sala, alterou as horas e voltou para se sentar à mesa.

Após alguns momentos de concentração, vi claramente a face do relógio em minha mente e informei-lhes a hora exata, bem como a posição precisa dos ponteiros.

O experimento tornou-se um dos nossos favoritos. Com o tempo, passei a conseguir dizer as horas sem que o relógio estivesse na sala e calcular, com precisão absoluta, o tempo que ficávamos sentados, mesmo que ninguém soubesse.

UM AVISO AMEDRONTADOR

Após três meses de experimentos com esse senhor idoso, um dos espíritos que o guiavam fez uma profecia perturbadora: afirmou que eu seria levada deste mundo por forças espirituais.

Ingenuamente, acreditei nisso e fiquei tão assustada que me recusei a voltar à casa dele.

Gostaria de ressaltar a importância de ter cuidado com as pessoas com quem se participa de sessões espíritas.

Éramos jovens e completamente inexperientes quanto às forças com as quais estávamos lidando. No fundo, apenas buscávamos diversão e desconhecíamos totalmente a verdadeira natureza do nosso vizinho.

Ele era um homem de grande inteligência, mas estava cercado por espíritos que não eram nem elevados nem refinados—muitas vezes, eram brincalhões e até mesmo perturbadores. No final, tornaram-se tão problemáticos que tivemos que encerrar nossas reuniões.

AS MANIFESTAÇÕES

EM NOSSA CASA

Lembro-me bem de como minha irmã e eu costumávamos rezar, em nossa casa, pedindo que os espíritos nos protegessem do mal.

Entretanto, não previámos as consequências de atrair um grupo de espíritos ao nosso redor.

As manifestações físicas começaram imediatamente em nossa própria casa. Os espíritos se reuniram ali para impedir que os do vizinho nos incomodassem, mas isso fez com que nunca mais tivéssemos uma noite de descanso.

Ouvíamos passos circulando nosso quarto a noite inteira. Eles se sentavam ao pé da cama e deixavam marcas visíveis nos lençóis, que podíamos ver pela manhã. Além disso, móveis se moviam sozinhos pelo cômodo.

O INCIDENTE NO BANHO

Houve um episódio curioso durante esse período.

Fui aconselhada a tomar banhos quentes como tratamento para minha insônia. Eu costumava levar um livro comigo e ler enquanto permanecia na banheira.

Minha irmã advertia-me sobre o perigo de ficar tanto tempo na água, mas eu ignorava seus conselhos.

Certa noite, enquanto estava no banho, completamente absorta na leitura, ouvi batidas fortes na porta do banheiro.

Gritei:

— Não pode entrar! Ainda estou na banheira!

As batidas continuaram, e a maçaneta da porta começou a girar.

Isso irritou-me profundamente, e reclamei:

— Fanny, não adianta ficar mexendo na maçaneta! Saio quando terminar!

Assim que me sequei e vesti meu roupão, abri a porta—mas não havia ninguém lá.

Intrigada, desci as escadas e encontrei todos os meus irmãos e irmãs sentados à mesa do jantar.

Eles perguntaram-me por que eu estava jogando pedras na escada.

Surpresa, contei-lhes sobre as batidas no banheiro. Eles juraram que não haviam saído da mesa, mas garantiram que houve um grande alvoroço na escada.

Enquanto isso, do meu lado, eu só tinha escutado os sons na porta do banheiro.

A AMEAÇA INVISÍVEL

Por essa mesma época, meu irmão Frederick teve uma experiência assustadora com sua arma de fogo.

Ele adorava caça e costumava descansar sua espingarda de dois canos num canto do quarto.

Todas as noites, ouvia o som da arma sendo movida dentro do quarto.

Mas, numa certa noite de sábado, quando já estava deitado, viu a arma sendo erguida por mãos invisíveis e apontada diretamente para sua cabeça.

Apavorado, saltou da cama e correu escada abaixo.

Subimos ao seu quarto e encontramos a espingarda repousando tranquilamente no mesmo canto. Cuidadosamente, retiramos as balas.

Naquele tempo, realizávamos sessões espíritas dentro da família, mas, depois desse episódio, Frederick recusou-se terminantemente a participar novamente.

CAPÍTULO III.

COMUNHÃO ENTRE OS DOIS MUNDOS

— "Não será isto algo mais do que fantasia?"
— "O que achas?"

Desde a primeira vez que nos sentámos juntos, recebemos uma comunicação de um espírito que se apresentou como *Guido Minost*. Disse-nos que tinha morrido de morte natural há séculos, mas que, por direito, deveria ter sido enforcado, pois tinha levado uma vida completamente fora da lei — embora, segundo ele, sem saber que fazia mal. Trouxe consigo outro espírito, e, apesar de ambos se descreverem como grandes pecadores, as suas comunicações trouxeram-nos tanto prazer como ensinamentos valiosos.

Recebemos inúmeras provas da sua amizade e afeto por nós, e todos os dias ansiávamos pela chegada da noite, momento em que realizávamos as nossas sessões e podíamos conversar longamente com *Guido Minost* e *Jamoch Imona*. Foi, portanto, com genuína tristeza que, numa noite, recebemos a notícia de que o trabalho deles connosco tinha chegado ao fim e que, deste lado, não voltaríamos a vê-los. No entanto, espero que, onde quer que estejam agora, saibam que não os esqueci e que aguardo com expectativa o momento em que nos reencontraremos no outro "lado" da mesa.

Ao recordar esses tempos, não consigo evitar um certo arrependimento por não termos registado todas as nossas experiências invulgares. Naqueles dias, fomos visitados por espíritos de todas as naturezas — bons, maus e indiferentes — mas nunca para nosso prejuízo. Um exemplo curioso foi o seguinte:

Certa noite, estávamos reunidos à volta da nossa pequena mesa — um encontro familiar composto pelos meus três irmãos, a minha irmã e eu. Como de costume, fomos saudados pelos nossos amigos espirituais através de leves inclinações da mesa. A propósito, não era a típica mesa redonda usada em sessões espíritas, mas sim uma mesa Pembroke de quatro pernas, com duas abas.

Pouco depois, começámos a ouvir pequenos toques suaves, que gradualmente aumentaram até se tornarem batidas fortes e nítidas. Percebemos que um espírito queria comunicar e o meu irmão mais velho começou a fazer perguntas, enquanto o segundo irmão recitava o alfabeto para que o espírito assinalasse as letras necessárias.

— "És um amigo?"
— "Sim."
— "Um parente?"
— "Não."
— "Qual o teu sexo?"
— "Feminino."
— "Conheces pessoalmente algum de nós?"
— "Não."
— "És jovem?"
— "Não."
— "De meia-idade?"
— "Sim."
— "Diz-nos o teu nome."
— "O meu nome é *Mary Wyatt*. Parti deste mundo num lugar chamado *Yeovil* e venho, queridos filhos, dizer-vos que finalmente compreendi a gloriosa verdade de que **'Deus é Amor'**."

E foi só isso. O espírito partiu e não voltou mais.

Na manhã seguinte, um amigo nosso, *Sr. M.*, veio visitar-nos. Ele estava a investigar o espiritualismo, mas com bastante ceticismo. Contámos-lhe a estranha mensagem que havíamos recebido na noite anterior e, para nossa surpresa — e dele também —, abriu o seu bloco de notas e mostrou-nos exatamente a mesma mensagem, palavra por palavra, com a única exceção de "queridos filhos", que não constava na versão dele. A mensagem tinha-lhe sido dada na mesma noite, praticamente à mesma hora, durante uma sessão na casa do **Sr. J.**, na Bull Street, em Birmingham — pelo menos a três milhas da nossa casa!

Naquela mesma noite, assim que o espírito de Mary nos deixou, outro espírito apareceu e tivemos a seguinte comunicação:

— "Quem és tu?"
— "Um amigo."
— "Um parente?"
— "Não."
— "De quem?"
— "De Fanny."
— "Qual o teu sexo?"
— "Feminino."
— "És idosa?"
— "Não."
— "És jovem?"
— "Não."

— "De meia-idade?"
— "Sim."
— "Que idade tens?"
— "Setenta e nove anos."

Neste momento, pensámos que setenta e nove anos era um pouco mais do que "meia-idade", e um de nós comentou isso. A mesa, então, começou a oscilar como se alguém a estivesse a segurar e se risse incontrolavelmente.

— "Qual o teu nome?"
— "*Tom Johnstone*."

Todos nos rimos e, a partir daí, a mesa começou a dançar. Ah, as mentirinhas que essa "senhora" de meia-idade nos contou!

No início, tudo isto foi bastante divertido. Mas, com o passar do tempo, a situação tornou-se complicada. A mesa, sem que ninguém lhe tocasse, passou a movimentar-se sozinha pela sala, a deslizar pelas paredes, a subir para uma mesa maior e a pregar-nos partidas de tal forma que se tornou uma verdadeira inconveniência. Já não conseguíamos receber comunicações sem que *"Tom Johnstone"* interferisse.

Às vezes, ele — ou ela, ou "aquilo" — conseguia enganar-nos, fazendo-nos crer que tinha partido e que os nossos amigos espirituais estavam de volta. Mas, mais cedo ou mais tarde, **Tom** acabava por se trair e estragar a sessão.

CAPÍTULO III

UMA PAUSA NAS SESSÕES

Suspendemos as nossas sessões espirituais durante uma ou duas semanas por vários motivos. Um deles foi a presença do bebé irrequieto da nossa irmã mais velha, que estava connosco e passava o tempo a chorar. Outro motivo foi, claro, *"Tom Johnstone"*.

Certa noite, reunimo-nos à volta da mesa, que ele transformara numa espécie de tablado festivo. Mal nos tínhamos sentado quando o nosso sobrinho bebé começou a chorar desesperadamente. Subi rapidamente as escadas para o acalmar e, mal desci, ele recomeçou. Por fim, declarei que não subiria mais e sentei-me teimosamente à mesa. Nesse instante, a mesa começou a dançar, e o meu irmão disse:

— "Ah, é o Tom! Vai-te embora e vai pôr o pequeno Fred a dormir."

A resposta veio imediatamente:

— "Bess, sobe até à criança ou ele vai partir o pescoço!"

Fiquei indecisa. O bebé estava agora silencioso, e Tom já nos pregara tantas partidas que pensei que fosse mais uma. No entanto, a minha irmã insistiu:

— "Vai, só desta vez."

Corri para o quarto e, para meu espanto, lá estava o pequeno Fred, pendurado de cabeça para baixo na beira da cama, preso apenas pelo pezinho enrolado no lençol! Rapidamente deitei-o de novo e aconcheguei-o bem. Ao virar-me para sair do quarto, ouvi um som forte a bater na vidraça.

Olhei e vi, claramente, o rosto luminoso da minha querida mãe, com a mão direita pressionada contra o vidro, olhando para dentro do quarto do lado de fora. Sorriu-me docemente, bateu outra vez com os dedos no vidro e desvaneceu-se.

A noite lá fora estava escura como breu, e havia uma boa luz no quarto, mas vi nitidamente o seu rosto, sereno e resplandecente. A partir desse dia, nunca mais ouvimos falar de *"Tom Johnstone"*.

CAPÍTULO IV

NOVOS DESENVOLVIMENTOS

"Este espírito, que para nós está mudo, falará com ele."

Foi por essa altura que comecei a sofrer de episódios de inconsciência. Aconteciam de forma irregular e a qualquer hora — até durante o jantar, sob plena luz. Não sentia dor, desmaios ou sinais de histeria. Simplesmente perdia os sentidos.

O meu irmão ficou muito preocupado e chamou um médico, que não conseguiu explicar a minha condição. Para me reanimar, esfregavam-me com água fria, queimavam penas sob o meu nariz e faziam-me passar um grande desconforto — tudo sem efeito.

Certa noite, enquanto o meu irmão Frank me abanava para me fazer recuperar, sentei-me de repente e disse, com uma voz estranha:

— "Deixem-na em paz. Ela não está doente nem a desmaiar. Afastem-se, e ela irá sentar-se e sustentar-se sozinha."

Os meus irmãos ficaram atónitos ao ver-me falar de mim própria na terceira pessoa, mas obedeceram.

Poucos dias depois, o *Sr. e a Sra. Powell* (os caseiros do senhor idoso que morava ao lado) juntaram-se a nós numa sessão. A nossa mãe manifestou-se, deu-nos o seu nome e pediu que apagássemos a luz. Assim que o fizemos, vimos uma luz azul elevar-se a cerca de um metro da mesa, formando uma nuvem. Aos poucos, a nuvem abriu-se e revelou a figura da nossa mãe, que falecera há onze meses.

Ela falou connosco através da *voz direta*, dizendo-nos o quão feliz estava. Depois, foi-se desvanecendo lentamente até desaparecer por completo.

O *Sr. Powell*, ao presenciar tal visão, ficou tão aterrorizado que se atirou ao chão. Mas nós, que tanto amávamos a nossa mãe, sentimos apenas gratidão por aquele momento.

Foi também por essa altura que o meu irmão Frank encontrou, por acaso, um exemplar do jornal *Medium*, usado como embrulho do almoço de um dos seus empregados. Até então, não sabíamos que o espiritualismo tinha publicações próprias, e ficámos encantados ao descobrir que existiam sociedades espiritualistas em Birmingham. Decidimos juntar-nos a elas.

Contudo, os espíritos avisaram-nos categoricamente para não o fazermos. Disseram que, se insistíssemos, eu perderia a capacidade que tinha adquirido. Mas não demos ouvidos ao aviso e fomos conhecer alguns dos espiritualistas mais conhecidos da cidade, que nos receberam com grande gentileza.

Passámos a frequentar as suas sessões públicas e a desfrutar muito delas. No entanto, desde essa altura, durante vários meses, deixámos de ter qualquer manifestação em casa.

Foi numa dessas sessões que conheci um médium que realizava encontros em *Edgbaston* e me convidou a participar. Na primeira vez, fui sozinha. Era uma sessão no escuro, e estavam presentes mais de vinte pessoas.

Senti-me muito tímida, pois não conhecia ninguém além do médium, e fui colocada entre dois senhores estranhos. Assim que me sentei, começaram a ouvir-se batidas suaves na mesa sob as minhas mãos, mas, por vergonha, não me atrevi a perguntar o que significavam. O cavalheiro ao meu lado tomou a iniciativa e questionou o espírito.

A resposta veio imediatamente: era o meu tio-avô Sam, que em vida sempre fora muito afetuoso comigo.

— "Minha querida, tem mais fé em Deus."

Depois disso, fui a outra sessão com a minha nova conhecida, que entrou em transe e me disse que havia um espírito ao meu lado. Perguntei como poderia reconhecê-lo. O médium respondeu:

— "Ela já te falou muitas vezes; deu-te um sinal, mas nunca o seu nome."

Reconheci de imediato o espírito, pois costumávamos chamá-la de **"Número Sete"**, uma vez que, sempre que aparecia ou partia, dava exatamente sete pancadas.

Por essa altura, fui apresentada a *Mr. Milburn*, um investigador entusiasta do mesmerismo. Tornámo-nos grandes amigos, e ele costumava visitar-nos frequentemente para me mesmerizar, ajudando no desenvolvimento da minha clarividência. Este processo prolongou-se durante meses, até que os meus amigos espirituais avisaram que isso me estava a enfraquecer e que deveria parar.

No entanto, o treino teve um efeito duradouro: a minha clarividência aumentou de tal forma que, a partir daí, consegui ver tão bem (ou até melhor) fora do estado de transe como dentro dele. Mas quero deixar bem claro que **estes dons não surgem subitamente nem sem esforço**.

Passado tanto tempo, é-me impossível descrever todas as provações pelas quais passei, mas posso garantir que a mediunidade não se desenvolve da noite para o dia. Claro que existem manifestações espontâneas e inexplicáveis, mas sei também que desenvolvimentos repentinos raramente se sustentam a longo prazo. Muitos médiuns relatam períodos de intensas experiências espirituais, seguidos de longos períodos de ausência de fenómenos, por vezes durando meses ou anos.

A explicação para isso é a seguinte: uma pessoa com capacidades mediúnicas pode não estar ciente do espiritualismo ou do facto de que os

espíritos dos chamados mortos regressam para comunicar com os vivos. Essa pessoa tem o seu guia espiritual natural, como qualquer um de nós, mas também atrai espíritos que se sintonizam com o seu magnetismo peculiar. Esses espíritos percebem que, através daquele médium, conseguem comunicar, e é assim que surgem as primeiras manifestações — por vezes de forma repentina e intensa.

Foi exatamente isso que aconteceu no caso da família **Fox**, na América. Em outros casos, o fenómeno pode ser mais discreto, limitando-se a pequenos ruídos ou movimentos que as pessoas desvalorizam, atribuindo-os a causas naturais ou a estados emocionais.

No meu caso, como já mencionei, **a**s minhas faculdades mediúnicas começaram a manifestar-se muito cedo. À medida que fui crescendo e compreendendo melhor o que acontecia, a minha sensibilidade aumentou dez vezes mais. Mas, ao fim de algum tempo — e depois de convencer a minha família e amigos de que existia realmente uma força inteligente a comunicar connosco e que não havia "morte" no sentido absoluto — as manifestações cessaram.

Embora tenha permanecido naturalmente clarividente, os meus amigos espirituais deixaram de comunicar diretamente comigo**.** Sem qualquer aviso prévio, iniciaram um novo processo: começaram a desenvolver-me espiritualmente**.**

Foi nessa fase que começaram os meus desmaios inexplicáveis. Perdi o interesse por quase tudo, deixei de ter apetite e, de repente, desenvolvi uma aversão extrema a carne. O simples cheiro de comida a ser cozinhada tornava-se insuportável, obrigando-me a isolar-me no meu quarto e a enterrar a cabeça nas almofadas para não sentir o cheiro.

Olhando para trás, parece-me que quase vivi do ar naquela altura. Não consigo recordar-me de me sentar para fazer uma refeição completa. Alimentava-me apenas de pão com manteiga, agriões, alface, aipo e, no verão, ervilhas frescas**.**

Nunca senti sede e, pouco depois, começou outra transformação: uma **apatia estranha**. Deixei de querer caminhar ou fazer qualquer esforço físico, embora me sentisse perfeitamente saudável. Por fora, estava com um aspeto forte e radiante, e, curiosamente, nunca me senti deprimida**.** Pelo contrário, adorava a vida e tudo me parecia natural e agradável.

Mas, gradualmente, surgiu uma mudança ainda mais notável, que começou a preocupar a minha família: o meu ciclo de sono inverteu-se completamente.

À medida que a noite avançava, a minha letargia desaparecia, e quando o resto da família ia dormir, eu sentia-me desperta e cheia de energia. Claro que me deitava ao mesmo tempo que os outros, mas ficava acordada a ler, a costurar ou a ocupar-me com qualquer outro trabalho que pudesse fazer sentada na cama.

Porém, quando chegava a manhã e a casa despertava, eu é que me aninhava para dormir, o que incomodava bastante a minha irmã.

Um médico foi consultado e, como era comum naquela época, diagnosticou-me histeria. Eu ri-me na altura, e ainda me rio agora, porque nunca tive um ataque de histeria na vida.

Tomei a medicação que me foi prescrita, mas, como era de esperar, não teve qualquer efeito. O médico classificou o meu caso como muito teimoso. E, olhando para trás, tenho de concordar com ele.

Sim, foi um caso teimoso — um que moldou toda a minha vida, tanto neste mundo como no próximo. E, por nada deste mundo, teria querido que fosse diferente. Quando recordo essa fase, alegro-me imensamente, pois foi o período mais feliz, doce e sereno da minha vida.

Parecia-me que a paz me envolvia por completo, como se o sol nunca deixasse de brilhar e o mundo fosse sempre belo. Costumava caminhar de Birmingham até à casa de uma irmã casada, a cerca de oito milhas de distância. Naquele tempo, o caminho era praticamente todo pelo campo, e não consigo expressar em palavras os pensamentos que me atravessavam enquanto percorria, leve e feliz, esses quilómetros de estradas ladeadas por sebes floridas.

Nunca me sentia cansada, só, ou com medo. Os pássaros cantavam, as flores desabrochavam, e eu sentia-me nas nuvens, tão feliz como os pássaros à minha volta. Era um êxtase puro, uma sensação de estar a viver simultaneamente neste mundo e no mundo espiritual.

Agora sei que não era histeria! Era a alegria indescritível de sentir os planos espirituais enquanto ainda ocupava um corpo terreno.

Mesmo depois de ler isto, ninguém que me conheça me acusaria de ser uma pessoa excessivamente sentimental ou sonhadora. Sou

extremamente prática e racional, e mesmo quando sou muito entusiasta sobre algo, nunca perco a cabeça nem deixo de usar o raciocínio.

Aliás, faço questão de aconselhar qualquer pessoa que esteja a começar a explorar o espiritualismo:

"Nunca se deixe entusiasmar antes de estar convencido da veracidade dos factos durante pelo menos cinco anos."

Os estudantes apressados e as mulheres impulsivas são aqueles que mais frequentemente desacreditam o espiritualismo.

O estudante apressado, ao ter as primeiras experiências e ficar convencido da sua realidade, começa a falar incessantemente sobre o assunto. Não estuda primeiro os princípios que sustentam os fenómenos, mas insiste em contar tudo aos amigos, querendo forçar-lhes a crença. E quando eles duvidam ou riem dele, fica zangado e ofendido.

Já a mulher impulsiva pode ser ainda mais difícil de suportar. Ela exagera nas reações, idolatra um determinado médium e derrete-se em elogios sobre a suposta "santidade" e "energia divina" da pessoa.

Conheci senhoras que descreviam certos médiuns como "seres iluminados", rodeados de uma "atmosfera sagrada". Mas eu sabia muito bem que esses médiuns eram, na verdade, pessoas grosseiras e vulgares, cuja única "santidade" consistia numa longa prece mal articulada antes de iniciarem a sessão — seguida de uma "coleta" para dinheiro. Pior ainda, muitos precisavam de whisky ou cerveja forte antes de começarem a trabalhar.

São estas pessoas que fizeram do espiritualismo um motivo de riso para os estudiosos sérios e educados.

Voltando ao ponto essencial: a mediunidade verdadeira exige tempo, prática e dedicação.

Hoje em dia, reparo que muitas pessoas — tanto iniciantes como espiritualistas experientes — querem mediunidade "pronta a usar". Ninguém parece disposto a trabalhar para desenvolvê-la.

Frequentemente, vêm ter comigo e dizem:

— "Fulano disse que sou médium. Sou mesmo?"
— "Claro que és. Todos são médiuns, só não sabem disso."

— "Mas eu nunca vi ou ouvi nada. Como posso ser médium?"
— "Sabes tocar piano?"
— "Sim."
— "Aprendeste sozinha ou tiveste aulas?"
— "Aprendi por notas, claro! Quando comecei, não sabia tocar nada. Mas como gostava muito de música, disseram-me que com treino eu poderia tocar bem."
— "Exatamente! Com prática e dedicação. Agora és uma boa pianista porque te esforçaste para isso. Faz o mesmo com a mediunidade. Pratica durante meses, **anos** se necessário, e um dia serás um médium tão bom como és músico, pintor ou qualquer outra coisa."
— "Ah, mas eu não tenho tempo! Quero ver algo já!"
— "Se não vale a pena trabalhar para isso, também não vale a pena ter."

Nunca negligenciei nenhuma das minhas obrigações domésticas ou pessoais para desenvolver a minha mediunidade. Mesmo quando passava por experiências estranhas, continuava a cumprir os meus deveres diários.

À noite, enquanto outras famílias e jovens dedicavam o tempo a música, visitas ou festas, eu, as minhas irmãs e alguns amigos reuníamo-nos para as nossas sessões.

Ao entardecer, antes de acender as lâmpadas, eu aproveitava para praticar a clarividência.

Enquanto costurava, buscava mentalmente a comunhão com os meus amigos espirituais e, passo a passo, fui-me tornando a médium que sou hoje. Nunca desperdicei um momento da minha vida nem negligenciei as minhas obrigações por causa da mediunidade. Não tenho paciência para aqueles que usam a mediunidade como desculpa para vaguear sem rumo e evitar responsabilidades.

Lembro-me de um jovem médium que conheci há muitos anos. Ele vivia às custas dos amigos e conhecidos, sem nunca fazer um esforço para se sustentar. Eventualmente, casou-se com uma médium que continuou a trabalhar depois do casamento. Ele, por outro lado, continuou a viver à toa, entrando em transe e recebendo comida e chá em troca.

Com o tempo, a esposa deixou de conseguir ganhar tanto dinheiro, e a situação foi-se tornando insustentável. Um dia, sugeri-lhe que começasse a trabalhar.

— "Ah, mas os espíritos destinam-me a dar palestras!"

— "Ora essa! Mesmo que seja verdade, isso não te impede de ganhar a vida e evitar que a tua mulher se mate a trabalhar."

— "Mas a mãe dela ajuda!"

Senti-me completamente enojada. No entanto, sabia que este homem tinha um grande potencial como médium, por isso falei com um senhor muito rico e respeitado na cidade, que também era espiritualista. Ele prontificou-se a ajudar e, em poucos dias, encontrou-lhe um emprego que lhe deixaria tempo suficiente para continuar o seu desenvolvimento mediúnico.

Mandei-lhe um recado a explicar a oportunidade, mas poucas horas depois recebi a resposta:

— "Consultei os meus guias, e eles recusam-se a permitir que eu me envolva com a vida mundana. Um homem não pode servir a dois mestres."

A minha paciência esgotou-se. Passadas algumas semanas, recebi uma carta dele a pedir-me um empréstimo. A sua mulher, exausta de tanto trabalhar com a máquina de costura, adoecera gravemente.

Não lhe emprestei dinheiro. No fim, a mulher acabou por recusar-se a sustentar a casa sozinha, e ele teve, finalmente, de arranjar trabalho. Curiosamente, continuou a desenvolver-se como médium e ainda encontrou tempo para alguma preguiça. Hoje em dia, tornou-se um médium reconhecido, e já assisti a muitas das suas palestras, que me trouxeram grande satisfação e ensinamento.

A mediunidade, quando bem usada, nunca interfere com a nossa vida quotidiana.

Acho um disparate ouvir pessoas dizerem:

— "Sou tão sensível que não consigo andar de autocarro, entrar num comboio ou estar num quarto com outras pessoas. Deixam-me completamente perturbada!"

Sim, muitas pessoas acreditam verdadeiramente nisso. Mas, com base na minha experiência, quem chega a esse estado deve parar imediatamente de desenvolver a mediunidade e procurar um tratamento mais prático: um tónico, ar fresco, companhia sensata e racional.

E, se estão apenas a fazer fita, alguém deveria dizer-lhes isso na cara, em vez de encorajá-los nessa tolice.

A mediunidade existe em todos os seres humanos, pois nada mais é do que a manifestação, através do corpo físico, das nossas faculdades espirituais.

Por isso, é um processo natural e não deveria interferir na vida diária — tal como a música não interfere na vida do músico, nem a pintura na vida do artista.

Sei que o que digo pode gerar indignação entre os espiritualistas mais exaltados, mas mantenho-me firme na minha opinião. Quero acreditar que sempre serei uma mulher prática e racional, como um dia me descreveu o meu amigo W. T. Stead.

E agora uma palavra para os sensatos:

"Procurai, e encontrareis; pedi, e ser-vos-á dado."

Se estás a começar a tua jornada mediúnica, não esperes fenómenos imediatos.

"Procura, pratica e trabalha."

Se os resultados não surgirem logo, não desistas. A mediunidade está lá, mas pode demorar meses ou mesmo anos a manifestar-se plenamente.

E quando finalmente acontece, vale mais do que tudo o que o mundo te pode oferecer.

Gostaria agora de relatar uma sessão espírita realizada na casa de amigos, em Birmingham.

A minha irmã, a minha cunhada e eu fomos convidadas a passar a noite de 26 de dezembro de 1874 na casa do casal Franklin, onde haveria uma sessão mediúnica.

Após o chá, dirigimo-nos à sala de jantar e sentámo-nos em círculo à volta de uma pesada mesa de jogo (loo table).

O nosso anfitrião estava gravemente doente, sofrendo da enfermidade que, mais tarde, o levaria à morte. Deitado num divã perto da lareira, assistia à sessão, enquanto oito de nós permanecíamos sentados à mesa.

O lustre pendia diretamente sobre o centro da mesa, e três bicos de gás iluminavam fracamente a divisão.

Não tínhamos estado sentados por muitos minutos quando um pesado canivete de marfim, que estava numa mesa no lado oposto da sala, flutuou pelo ar e pousou suavemente na mesa onde nos encontrávamos.

Um dos senhores presentes era muito cético e começou a observar tudo atentamente, tentando encontrar truques. Entretanto, a mesa começou a mover-se, ouviram-se batidas fortes e parecia que a sala estava cheia de pessoas invisíveis a circular.

Copos foram retirados do aparador e começaram a **levitar sobre as nossas cabeças**, tocando-se uns nos outros e produzindo **três ou quatro melodias distintas**.

Não conseguiria enumerar todos os objetos que se moveram naquela noite, mas um dos episódios mais surpreendentes ocorreu quando Mr. Franklin, ao responder à sua esposa, comentou que se sentia fraco.

Quase imediatamente, ouvimos o som de uma garrafa de brandy a ser aberta, apesar de não haver ninguém visível perto do aparador. Todos vimos claramente a rolha voar pelo ar e aterrar na barba de Mr. Franklin!

Interpretámos o fenómeno como um sinal de que ele deveria tomar um pouco de brandy, e a esposa apressou-se a servi-lo.

O nosso amigo Mr. R—, o cético, parece ter irritado os espíritos com a sua atitude, pois o pesado canivete de marfim foi levantado da mesa e começou a bater-lhe vigorosamente nas costas, nos ombros e, finalmente, na cabeça!

Implorámos aos espíritos para que não o magoassem, mas não nos deram ouvidos. A única solução foi retirá-lo da sala. No entanto, a saída dele quebrou o círculo, e demorou quase meia hora até os espíritos voltarem a manifestar-se.

Quando finalmente regressaram, perguntámos por que razão Mr. R— tinha sido tratado daquela forma.

A resposta veio imediatamente:

— "Há muito tempo que queríamos fazer isto! Ele é um vigarista e acha que todos são como ele. Tem realizado falsas sessões espíritas e enganado as pessoas. Mas por enquanto, ele não dará mais nenhuma."

Mais tarde, soube que Mr. R— desistiu completamente de investigar o espiritualismo. Declarou que os espíritos eram todos baixos e mal-intencionados.

Por mim, ficaria encantada se outras sessões expusessem mais alguns médiuns falsos da mesma forma que expuseram Mr. R—.

Os espíritos indicaram, através de batidas, que devíamos apagar as luzes. Assim que o fizemos, Mrs. C— começou a descrever um espírito atrás da minha cadeira.

Reconheci de imediato a presença da minha mãe, que havia falecido há nove meses.

Para testar a sua identidade, perguntei:

— "Pode a mamã dizer-me que novo objeto estou a usar e quem mo ofereceu?"

De repente, senti uma mão suave passar pelo meu pescoço, levantando e deixando cair várias vezes o medalhão que eu usava preso por uma fita de veludo.

A seguir, senti um puxão mais forte, ao ponto de ter de colocar os dedos entre a fita e o meu pescoço para evitar que fosse arrancado.

Mrs. C— então disse:

— "A tua mãe diz que o medalhão foi um presente do teu irmão Frank, mas quer dar-te outra prova da sua identidade."

De repente, a figura da minha mãe começou a esvanecer-se, e ao mesmo tempo Mrs. C— exclamou:

— "Oh, alguém está a tirar-me o pente! O meu cabelo vai soltar-se!"

Nesse momento, senti mãos suaves a mexerem no meu cabelo.

Os ganchos e enchimentos foram retirados, e o meu cabelo caiu livremente sobre os ombros. Logo depois, senti um pente a ser colocado

com delicadeza na minha cabeça, enquanto os fios caídos eram cuidadosamente torcidos e arranjados.

Quando as mãos terminaram, fizeram um leve toque final, como minha mãe sempre fazia quando me penteava.

Nesse instante, compreendi a prova que me estava a ser dada.

Duas semanas antes de falecer, eu estava a arranjar o cabelo no quarto dela e, frustrada com a dificuldade, queixei-me:

— "Tenho tanto cabelo e fico exausta de ter os braços levantados tanto tempo para o prender!"

A minha mãe, com a sua calma habitual, respondeu:

— "Minha querida, não te preocupes. Toma o meu pente e torce o cabelo à volta dele. Vai ser melhor do que todos esses enchimentos."

E agora, ela voltava para me dar exatamente essa recordação!

Nenhuma outra alma viva poderia saber disto.

O toque final: um último sinal da minha mãe

A seguir, senti uma presença entre mim e a minha irmã.

O meu braço direito, nu do cotovelo para baixo, foi agarrado com firmeza por uma mão.

Coloquei a minha mão esquerda sobre a que me segurava e comecei a deslizar os dedos para cima, explorando a forma do braço.

Cheguei ao antebraço e senti, exatamente onde sempre estivera, uma pequena mancha escura na pele.

Era uma marca de infância da minha mãe, causada por uma queda. Ela costumava brincar, dizendo que era um pedaço de carvão que nunca saiu da pele.

Senti essa marca distintamente.

Mas quando tentei avançar para além do cotovelo, não havia mais nada. O braço simplesmente terminava ali.

Senti em redor, procurando mais alguma coisa, mas a forma física da minha mãe desaparecera completamente.

A minha mão, que antes segurava firmemente a dela, agora tocava apenas no meu próprio braço. A mão dela simplesmente se dissolvera no ar.

Subitamente, senti a minha cadeira mover-se sozinha.

Deixei de sentir o chão sob os pés e percebi que estava a flutuar pela sala!

Instintivamente, tentei tocar à minha volta, procurando mãos que pudessem estar a segurar a cadeira. Mas não havia ninguém.

Fui transportada lentamente para o outro lado do salão e, com delicadeza, colocada no chão, encostada a um piano fechado e trancado.

Nesse momento, as teclas começaram a tocar sozinhas, enchendo a sala com uma melodia perfeitamente reconhecível.

Era a música que a minha mãe tantas vezes tocara em vida:

O "Coro das Damas de Honor" da ópera *Der Freischütz*.

CAPÍTULO V

A MINHA EXPOSIÇÃO PÚBLICA

"Parece-me que vejo o meu pai."
"Onde, meu senhor?"
"Nos olhos da minha mente, Horácio."

No mês de maio de 1875, recebemos alguns amigos em casa e, numa das noites, realizámos uma sessão espírita. Durante a sessão, entrei em transe.

Havia entre nós um senhor que era fumador inveterado, e que trazia sempre um cachimbo no bolso. No entanto, eu tinha uma aversão extrema ao cheiro do fumo, que me deixava sempre enjoada.

Foi então que os espíritos me levantaram da cadeira e me colocaram no chão, onde me sentei como um índio, de cócoras. Fiz gestos indicando que queria fumar o cachimbo do senhor.

Passaram-mo, e, para espanto de todos, acendi-o e comecei a fumar com total naturalidade. Depois de algumas baforadas, passei-o ao vizinho do lado, fazendo sinais para que o cachimbo circulasse pelo grupo.

Quando voltou às minhas mãos, fiz um discurso mudo, gesticulando com grande intensidade e emoção. A minha excitação aumentou, e os presentes começaram a ficar inquietos.

Pediram que o espírito se afastasse do controlo, e, de imediato, foi substituído por "Goodness", um espírito que se apresentava como um índio.

Ele explicou que o espírito anterior era um guerreiro indígena, incapaz de se expressar corretamente, e que precisava da minha ajuda para continuar o seu trabalho no futuro. Disse-me ainda que, em breve, eu teria de fazer uma viagem.

O espírito indígena voltou a manifestar-se várias vezes, mas nunca conseguiu comunicar diretamente, dependendo sempre da interpretação de "Goodness". Após três semanas, desapareceu por completo.

Em julho, "Goodness" e outros dos meus espíritos-guia anunciaram que eu em breve teria de ir para Londres.

Na altura, não acreditámos, pois não tínhamos amigos na cidade, e nunca me ocorrera usar os meus dons fora do círculo familiar.

No entanto, nesse mesmo mês, um estranho veio visitar-me.

Disse que tinha ouvido falar de mim através de um jornal espiritualista e queria assistir a uma sessão. Expliquei-lhe que nunca realizava sessões profissionais, mas ele insistiu:

— "Não importa. Vamos ver o que conseguimos obter."

Sentámo-nos à mesa e, de imediato, ouvi o nome "Jessie" de forma clara e audível na minha mente.

O visitante ficou visivelmente chocado, pois "Jessie" era exatamente a pessoa que ele procurava.

Pediu-me então que a descrevesse. Assim que formulei a questão, ela apareceu diante de mim, em visão clara.

Descrevi a sua aparência e transmiti-lhe a mensagem que queria enviar ao homem.

Ele ficou completamente estarrecido — e eu também. Descobri então que ele era um pastor, e nunca antes tinha conseguido qualquer comunicação da sua amiga falecida.

A partir desse momento, cartas começaram a surgir nos jornais sobre mim, e recebi correspondência de todas as partes do país de pessoas a pedirem sessões.

Em setembro, Mr. James Burns, editor do *Medium*, veio visitar-me.

Nasceu ali uma amizade que nunca mais se interrompeu.

Ele tentou convencer-me a ir para Londres, mas a minha timidez impedia-me de sequer considerar a ideia.

Em novembro, no entanto, recebi um convite inesperado.

Um casal espiritualista, Mr. e Mrs. R—, que tinha ouvido falar de mim através de amigos, convidou-me para uma estadia em Earl's Court.

Assim, a profecia de "Goodness" cumpriu-se. Duas semanas depois, eu estava em Londres.

Já estava em Londres há uma semana, quando fui controlada por um espírito desconhecido.

Ela identificou-se como a esposa do Dr. M— e pediu que os R— me levassem até ele.

Os meus anfitriões hesitaram, pois não conheciam o doutor, que recentemente se estabelecera em Londres como curador magnético.

No entanto, o espírito insistiu tanto que decidiram levar-me até Southampton Row, onde o médico vivia.

Tivemos de esperar uma hora e meia para sermos recebidos. Quando finalmente o encontramos, ele foi extremamente rude e pouco recetivo.

Os R— explicaram-lhe a razão da nossa visita.

— "Ah, é só isso?" — disse ele, com desdém. — "Então não tenho tempo para estas coisas."

Fiquei profundamente irritada e arrependida de ter seguido o conselho do espírito. Levantei-me para sair, mas, nesse exato momento, vi algo que me deixou completamente perplexa.

Ao lado do Dr. M—, estava o espírito do índio que me controlara em Birmingham!

O doutor era um homem alto, com cerca de 1,90 m, mas o espírito indígena ao seu lado era ainda mais alto.

O espírito empurrou-me suavemente de volta para a cadeira e "Goodness" sussurrou-me:

— "Diz ao doutor o que estás a ver!"

Obedeci de imediato.

— "Há um espírito indígena ao seu lado. Ele chama-se Simoset."

O Dr. M—, que antes se mostrara desdenhoso, mudou instantaneamente de atitude.

A sua expressão tornou-se séria, e pediu-nos com grande insistência que ficássemos.

Mas já estávamos ofendidos com o seu comportamento, e recusámos. Saímos dali sem mais demora.

Naquela noite, recebi uma carta do Dr. M—, convidando-nos para um jantar.

Acabámos por aceitar, alguns dias depois.

Ao chegarmos, encontramos uma grande reunião de convidados e descobrimos que, na verdade, estava planeada uma sessão espírita, na qual eu seria o médium.

Fiquei aterrorizada.

A minha timidez era tal que fiquei literalmente paralisada pelo medo.

A sessão foi realizada no escuro, e sentámo-nos todos à volta de uma mesa.

Logo comecei a sentir uma dor intensa no interior do meu corpo, que subiu até à garganta e parecia querer sufocar-me. Ao mesmo tempo, um sabor repugnante encheu a minha boca, como se estivesse cheia de úlceras, e uma sede ardente tomou conta de mim. Nesse instante, ouvi uma voz repetir: "Eu sou Mary Ann, sou a esposa dele."

Por fim, repeti as palavras em voz alta. Estava completamente consciente quando as disse. O Dr. M---- afirmou: "Deixem Mary Ann vir!"

Incentivei o espírito a permanecer e descrevi os seus sentimentos. Antes que terminasse, o Dr. M---- levantou-se, aproximou-se de mim, pousou as mãos sobre os meus ombros e disse firmemente: "Mary Ann, vem!"

A partir desse momento, nada mais me lembro. Disseram-me depois que caí inconsciente na cadeira. O Dr. M---- pegou-me nos braços e levou-me para outra sala, onde permaneceu algum tempo a conversar com o espírito que me controlava.

Quando saí do transe, contou-me que a sua esposa tinha-se manifestado através de mim e lhe dera provas da sua identidade—provas que ele procurara em vão em Inglaterra, na América e noutros lugares do continente. Ele repetiu esta afirmação perante os presentes, dizendo que os sintomas que descrevi correspondiam exatamente aos da doença que vitimara a sua esposa, um cancro maligno.

Após esta manifestação, fiquei aliviada por regressar a Birmingham, o que fiz no domingo, pois sentia-me extremamente fraca e exausta.

Na segunda-feira à noite, assisti a uma palestra de Cora Tappan, a oradora inspirada Americana. Enquanto estava no auditório, um espírito sussurrou-me: "Uma carta foi enviada para ti em Londres, mas ainda não a vais receber."

Repeti esta mensagem ao amigo que me acompanhava. Na quarta-feira seguinte, recebi uma carta do Dr. M----, dizendo que, no domingo, tinha ido à casa dos R---- e descoberto que eu já tinha partido. Por isso, escrevera-me nessa mesma noite, mas para um endereço errado, e a carta fora devolvida. Ele anexou-a à nova carta, agradecendo-me pela sessão e pedindo-me que, caso recebesse mais mensagens para ele, as enviasse por correio.

Na sexta-feira seguinte, enquanto lia sozinha, ouvi uma voz de espírito dizer: "Quero enviar uma mensagem ao meu marido."

Perguntei: "És a Sra. M----?"

"Não!", respondeu a voz. "Sou a esposa dele, Mary Ann."

"Então és a Sra. M----."

"Não! Sou a Sra. McGeary."

Seguiu-se então uma longa comunicação sobre dinheiro destinado ao Dr. M----.

Escrevi-lhe, dizendo que receava estar a ser enganada pelo espírito, pois parecia hesitar sobre o seu próprio nome. No entanto, repeti tudo o que me fora dito. Ele respondeu imediatamente, garantindo que o espírito estava certo—o seu verdadeiro nome era, de facto, McGeary, e ele apenas adotara o nome de M---- para fins profissionais.

Algum tempo depois, escreveu-me novamente, dizendo que, visto que eu era extremamente frágil, concordaria em dar-me tratamento magnético em troca do uso da minha clarividência na sua prática profissional.

Na altura, eu estava muito doente e fraca. Após conversar com a minha família, decidimos que aceitaria a oferta e regressaria a Londres. Contudo, não fiz grandes preparativos, pois planeava ficar apenas quinze dias.

Após uma semana em Londres, o Dr. M---- convidou-me a acompanhá-lo a Lancashire, onde se realizaria um encontro de espiritualistas no dia de Natal. Fui com ele e com uma tal Miss F----. Chegámos a Oldham na véspera de Natal e ficámos num hotel, onde o Dr. M---- reservara quartos para nós. Os dois quartos situavam-se no final de um pequeno corredor, e a sala de estar ficava exatamente em frente. A porta do quarto que eu partilharia com Miss F---- tinha dois vidros foscos na parte superior.

Durante a manhã, recebemos várias visitas, incluindo um grupo de três cavalheiros. Um deles, sem que eu soubesse explicar porquê, causou-me um grande embaraço.

À tarde, assistimos ao encontro espiritualista, que contou com uma audiência de oitocentas pessoas. O Dr. M---- saiu por volta das oito horas, mas Miss F---- e eu ficámos até quase às onze.

Pouco antes de sairmos, Miss F---- perguntou-me se me importava de dormir sozinha, pois encontrara amigos que queriam levá-la consigo para casa.

Não me incomodou minimamente a ideia, e regressei sozinha ao hotel. O quarto era muito pequeno, pois o hotel estava cheio. Tinha apenas uma porta e nenhuma lareira. Como era meu hábito, verifiquei debaixo da cama, para me certificar de que não havia nenhum ladrão escondido, mas não havia espaço suficiente para alguém se ocultar ali.

Tranquei e tranquei bem a porta e senti-me segura ao ver que o corredor estava bem iluminado, pois a luz passava através dos vidros foscos da porta. Sempre evitei a escuridão total, devido às visões estranhas que por vezes tinha.

Deitei-me tranquilamente e li durante algum tempo antes de apagar a vela. Assim que o fiz, vi refletida no vidro da porta a sombra de um homem.

Sentei-me imediatamente na cama e percebi claramente a silhueta de um homem de costas, vestido com roupa de passeio, olhando para dentro da sala de estar, que ficava exatamente em frente ao meu quarto.

Não ouvi qualquer som, mas pensei que poderia tratar-se de um ladrão no hotel.

Enquanto o observava, ele desapareceu tão silenciosamente quanto surgira. Levantei-me da cama e verifiquei as trancas da porta; estavam todas seguras. Depois, vi que ainda tinha uma boa quantidade de vela caso precisasse, e, ao olhar para o relógio, percebi que eram exatamente meia-noite.

Deitei-me novamente, mas pouco depois um empregado de mesa atravessou o corredor e, para minha desilusão, apagou o gás, que eu esperava que ficasse aceso durante toda a noite. Nunca fui uma pessoa de sono fácil e fiquei deitada por cerca de vinte minutos, tentando acalmar-me, quando, de repente, senti um peso pesado sobre os meus pés.

Tinha deixado a minha manta de viagem pousada sobre a grade do fundo da cama e pensei que tivesse caído. Sentei-me para a recolocar, mas não encontrei nada ali. Achei que devia ter-me enganado e voltei a deitar-me. No entanto, passados alguns minutos, o peso regressou, desta vez estendendo-se dos pés até aos joelhos. Parecia um grande volume pousado sobre mim.

Foi então que comecei a assustar-me. Encolhi os joelhos o mais perto possível do queixo e, de repente, senti um corpo deitar-se ao meu lado, por cima do cobertor, junto à parede. Não houve qualquer ruído ou movimento, apenas um peso morto, como um tronco.

Não consigo descrever o terror que me invadiu. Fiquei paralisada pelo medo, incapaz de me mover ou de falar. A figura manteve-se tão silenciosa quanto eu; não se mexia e não ouvia sequer a sua respiração—era rígida e imóvel.

Acredito que devo ter desmaiado, pois, quando finalmente recuperei a coragem para acender a vela, o relógio marcava três e meia da manhã. Não havia qualquer sinal de perturbação no quarto, e o que quer que estivesse na cama já tinha desaparecido.

Levantei-me e inspecionei a divisão. A porta continuava bem trancada e não havia qualquer indício de presença humana, exceto pelo facto de, na almofada ao lado da minha, haver uma marca nítida onde uma cabeça parecera repousar, e o cobertor ainda estava vincado pelo peso de um corpo.

Vesti-me e fui para a sala de estar, onde permaneci até os empregados chegarem de manhã para acender a lareira.

Apesar de o Dr. M---- ter ido a Oldham numa visita profissional e eu ser sua clarividente, nada me convenceria a ficar ali. Quando nos encontramos ao pequeno-almoço, ele exclamou:

— Meu Deus! O que fizeste a ti própria? Pareces ter oitenta anos!

Contei-lhe a minha experiência e ele próprio foi inspecionar o quarto. A história impressionou-o tanto que concordou em partir imediatamente de Oldham e seguir para Manchester.

Ao chegarmos a Manchester, ele confiou-me aos cuidados de alguns amigos espiritualistas e saiu para ver os seus pacientes. Cerca de uma hora depois, trouxeram-me um cartão de visita de um cavalheiro que desejava muito falar comigo.

A princípio, como não o conhecia, recusei-me a recebê-lo, mas ele insistiu tanto que acabei por consentir. Assim que entrou na sala, reconheci-o como o homem que tinha visitado o Dr. M---- em Oldham e que, com o seu comportamento estranho, me deixara embaraçada. Além

disso, era a mesma silhueta que eu tinha visto projetada contra a porta do meu quarto na noite anterior.

Apesar disso, o homem comportou-se como um perfeito cavalheiro, e rapidamente começámos uma conversa interessante. Durante a conversa, perguntou-me a minha opinião sobre os poderes do corpo astral.

Eu não sabia nada sobre o assunto e duvidava que fosse possível separar os dois corpos enquanto a pessoa estivesse viva. Ele respondeu-me que tinha a capacidade de aparecer à distância sempre que quisesse e que costumava escrever cartas com a sua própria caligrafia através de um médium em Birmingham.

Ri-me e declarei não acreditar nisso, até que, de repente, me ocorreu que ele poderia ser o responsável pelo medo terrível que eu sentira na noite anterior. O meu único desejo passou a ser livrar-me dele, e pedi-lhe que se retirasse.

Foi difícil convencê-lo a sair, e, durante vários dias, ele perseguiu-me com as suas visitas. No entanto, acabou por perceber que eu não queria ter qualquer relação com ele.

Assim terminou a minha primeira e última experiência desagradável com o espiritualismo.

Já encontrei espíritos brincalhões e bem-humorados, mas nunca fui controlada por entidades blasfemas, e não acredito que estas se manifestem a pessoas que não desejam comunicar com elas.

CAPÍTULO VI

EXORTAÇÃO

"Eles dizem—O que dizem? Que digam!"

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para tentar eliminar (se possível) da mente do público uma ideia que vejo ganhar força: a de que a investigação do espiritualismo conduz à imoralidade. Creio que a maioria das pessoas que leram este relato das minhas experiências admitirá que tenho o direito de falar sobre o assunto.

Durante mais de vinte anos, realizei sessões espíritas e participei nelas sempre que tive oportunidade. Conheço todos os principais médiuns em Inglaterra, mas nunca encontrei um único caso em que algum mal tenha

emanado dos espíritos. Sempre que houve algo errado, foi da parte das pessoas que procuraram a comunicação espiritual.

Nos últimos doze meses, chegaram-me aos ouvidos muitas histórias de imoralidade, supostamente induzida pelos espíritos. Não hesito em declarar que essas histórias não passam de mentiras, contadas por pessoas movidas por vício, animosidade pessoal ou frustração por não terem conseguido transformar o espiritualismo numa fonte de lucro. Essas pessoas tentam tirar proveito de denegrir o espiritualismo—seja classificando-o como um mal social, seja como uma grande fraude.

Acredito que algumas pessoas possam ter tido experiências desagradáveis ou peculiares, mas, como todos sabemos, *"o semelhante atrai o semelhante"*. Não precisamos procurar mais longe para entender a razão desses acontecimentos—elas receberam exatamente aquilo que procuravam.

Sempre que ouço alguma dessas histórias, faço questão de investigar a moralidade e os hábitos da pessoa que as espalha. E até hoje nunca falhei em identificar a verdadeira origem do mal—não no espiritualismo, mas sim na própria pessoa.

Temos nas igrejas, capelas e em todas as seitas religiosas, pastores, sacerdotes e ministros de caráter duvidoso. Estamos constantemente a ler nos jornais sobre clérigos que são levados a tribunal por fraudes, adultério e outras formas de imoralidade. Mas será que, ao ouvirmos essas notícias, assumimos de imediato que os ensinamentos religiosos são errados e a causa da sua perversidade? Não! Olhamos para o indivíduo e percebemos que ele pecou—não por causa da sua fé, mas *apesar* dela.

Peço a mesma tolerância para o espiritualismo.

Nos últimos vinte anos, realizei centenas de sessões espíritas e desafio publicamente qualquer homem ou mulher a provar que alguma vez testemunhou ou ouviu um único ensinamento ou prática impura por parte dos espíritos que se manifestaram através de mim.

Por outro lado, tenho em minha posse cartas de pessoas *respeitáveis* (segundo os padrões da sociedade) que, por si só, lançam uma luz perturbadora sobre alguns desses alegados investigadores do espiritualismo.

Apesar do que possam dizer em contrário, mantenho firmemente que a investigação espiritualista não representa qualquer perigo para aqueles que são honestos, puros e verdadeiros buscadores da verdade.

"Buscai, e achareis", diz o Livro Sagrado, que também nos exorta a *"experimentar os espíritos". "Examinai tudo e retende o que é bom."*

O maior médium de todos os tempos é Aquele que todos reconhecemos como Mestre. Ele falou-nos tanto de bons como de maus espíritos, e ainda nos disse: *"Pelos seus frutos os conhecereis."*

E assim digo eu do espiritualismo. A natureza moral do investigador será refletida na sua experiência, independentemente da causa a que ele atribua os seus resultados.

Tenho três filhos pequenos, que amo mais do que a minha própria vida, e cujo bem-estar moral é a minha principal preocupação. Estes pequenos estou a educá-los na fé do espiritualismo e, com a bênção e a assistência de Deus, o mundo será um lugar melhor por eles existirem.

Se investigarmos este grande tema com honestidade, a sua verdadeira e bela natureza revelar-se-á rapidamente.

O espiritualismo ensina-nos a conhecer-nos a nós mesmos. Ensina-nos o nosso dever para com o próximo. Abre-nos os olhos para a imensa responsabilidade que carregamos.

Mostra-nos que detemos em nós próprios o exato ritmo de progresso e desenvolvimento exigido por Deus.

Ensina-nos a carregar os nossos próprios pecados sobre os nossos ombros, em vez de os colocarmos confortavelmente sobre os ombros do Cristo sofredor.

Ensina-nos a sermos homens e mulheres verdadeiros, reconhecendo o nosso verdadeiro lugar na Terra como o supremo feito da natureza.

Mostra-nos que o nosso organismo contém em si todas as capacidades de conhecimento que foram sendo acumuladas ao longo de incontáveis eras e que continuarão a desenvolver-se até ao fim dos tempos.

Não quero insinuar que todos os espiritualistas sejam santos, pois certamente há muito espaço para melhorias entre nós. Mas, antes de nos condenarem, exijo um julgamento justo por parte de juízes competentes.

Aproximem-se de nós sem preconceitos, com esperança no melhor, e receberão o melhor.

Alguns médiuns são acusados de vender os seus dons. Mas se o fazem, apenas seguem o exemplo dos seus pastores e mestres, que não ministram ensinamentos espirituais aos fiéis sem receber em troca um *quid pro quo* sob a forma de pão e queijo.

Quantos deles trabalham na vinha do Senhor *por amor à causa*?

Dizem que *"foram chamados"*, mas, na verdade, podemos considerar isso um *chamado para jantar*.

E, entre esses dois tipos de trabalhadores, os médiuns costumam ser os mais extenuados, necessitando tanto de sustento físico quanto os clérigos.

> *"Se um médium é apanhado em falso, há um clamor universal de execramento. Se um pastor comete um erro, a desculpa é:*
>
> *'O pobre homem deve ter enlouquecido de tanto estudar.'"*

O que muitas vezes me surpreende é que não haja ainda mais fraude no espiritualismo. Onde quer que haja dinheiro a ganhar, os vigaristas infiltram-se. E enquanto o público não aprender a investigar este fenómeno de forma sensata e racional, continuarão a surgir trapaceiros que se autodenominam médiuns, prontos a arrancar aos incautos os seus xelins e pence.

Sei, por experiência própria, que muitos médiuns são praticamente forçados ou aliciados a fraudar, e explicarei porquê.

Sou clarividente, ou seja, possuo a capacidade de ver através da segunda visão. Para além desse dom (que considero natural), sou dotada de outros poderes mediúnicos, como já foi demonstrado nestas páginas. Entre outras manifestações, já obtive materializações, mas estas sempre ocorreram espontaneamente e nunca me sentei para tal propósito entre estranhos.

A minha amiga Florence Marryat, no seu livro *There is no Death*, descreve os diversos espíritos que se lhe manifestaram através de mim, em forma materializada. Quando esse livro chegou ao público, fui inundada de pedidos para realizar sessões de materialização.

Não importava quantas vezes eu recusasse, nem quão claramente eu declarasse que nunca me sentava para tais manifestações, a resposta era sempre a mesma: *"Oh, por favor! Por favor, faça-o! Não me importa o preço."* E chegaram a oferecer-me grandes quantias de dinheiro por uma única sessão.

Eis o segredo dos médiuns fraudulentos. Se eu fosse pobre (como, infelizmente, são muitos dos médiuns mais talentosos), talvez tivesse sido tentada a prostituir o meu dom para aumentar os meus ganhos.

Felizmente, mantive-me fiel à minha verdade e pretendo continuar assim.

Esta foi uma longa digressão na narrativa das minhas experiências, mas considerei que este era o momento certo para expor este tema, *pois a minha profissão é sagrada e vem do alto.*

CAPÍTULO VII

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

PESSOAIS E PRIVADAS

"Há algo nisto que vai além do natural, se a filosofia o pudesse descobrir."

Em agosto do ano de 1874, a minha irmã Fanny e eu realizámos inúmeras sessões espíritas em nossa casa. Todos os nossos amigos que quisessem participar eram bem-vindos.

Tivemos muitas e variadas experiências, mas como, na maioria das vezes, não tomávamos notas, não consigo recordar-me de todas. No entanto, há uma ou duas que me impressionaram particularmente na altura e que ainda recordo vivamente.

Todas as terças-feiras à noite, reuníamo-nos em casa dos nossos amigos, o Sr. e a Sra. W----. Os participantes habituais eram o seu filho Willie (um rapaz de dezasseis anos), o Sr. King, o Sr. Jones e um Sr. South (estes dois últimos sendo ambos bons médiuns), além da minha irmã e eu.

O Sr. W---- mandara construir uma sala especialmente para as nossas sessões espíritas. Era um espaço ideal para o propósito.

A sala estava elevada sobre uma plataforma, a cerca de seis metros do solo, e só era acessível por uma escada fechada, cuja porta podíamos

trancar por dentro. A janela situava-se perto do teto e não havia lareira. Em vez disso, havia um gabinete destinado à materialização dos espíritos.

Ao centro da sala, uma mesa redonda estava firmemente presa ao chão, rodeada por sete cadeiras numeradas, correspondendo a números inscritos na mesa. Era esta a única mobília do espaço.

As nossas sessões decorriam sob condições rigorosamente controladas. Não usávamos tubos para falar, instrumentos musicais nem ardósias iluminadas. Sobre a mesa, havia apenas algumas folhas de papel em branco e um lápis de grafite, que os espíritos frequentemente utilizavam.

O método para recebermos mensagens escritas era o seguinte: os espíritos escolhiam, batendo na mesa, quatro pessoas do círculo, de acordo com os números atribuídos.

Essas quatro pessoas levantavam-se e seguravam uma folha de papel pelo canto, com o polegar e o indicador da mão direita, a cerca de sessenta centímetros acima da mesa. O lápis era colocado sobre o papel e, em poucos segundos, sentíamos a folha esticar-se como se fosse pergaminho.

Então, o lápis, manipulado por mãos invisíveis, erguia-se na vertical e, em pouco tempo, o papel enchia-se com mensagens escritas pelos nossos queridos amigos espirituais.

Outra manifestação que testemunhámos foi o som de um sino a tocar sobre as nossas cabeças.

Convém recordar que não havia nenhum sino na sala nem perto dela.

Quando ouvimos esse misterioso sino pela primeira vez, parecia vir do lado de fora da sala, acima da janela, como se alguém estivesse a bater na caleira do telhado com um pedaço de ferro.

O som era nitidamente metálico, mas sem qualquer ressonância.

Naturalmente, sabíamos que só os espíritos poderiam estar a produzir esse ruído, pois a sala estava completamente isolada e todos nós estávamos sentados de mãos dadas.

Durante várias sessões, este fenómeno repetiu-se, aproximando-se cada vez mais, até que, uma noite, fomos maravilhados pelo som de belíssimos sinos a repicarem sobre as nossas cabeças.

A partir de então, todas as nossas perguntas eram respondidas através desses sinos misteriosos.

Os nossos amigos tornaram-se fisicamente mais fortes a cada sessão, até que, finalmente, enquanto nos sentávamos de mãos dadas à volta da mesa, conseguíamos ouvir os seus passos pela sala e senti-los inclinando-se pesadamente sobre as nossas cadeiras. Estes encontros encantadores foram finalmente interrompidos por uma doença gravíssima contraída pelos filhos do nosso anfitrião. A varíola, na sua forma mais maligna, manifestou-se e, para desgosto de todos, as nossas sessões tiveram de ser forçosamente interrompidas.

Não devo esquecer de mencionar que, embora os nossos sinos se tenham tornado extremamente altos e fortes, e fossem tocados por toda a casa, seguindo-nos desde a sala de sessão até à porta da rua, nunca os vimos uma única vez. Os sete de nós sentaram-se para jantar numa sala intensamente iluminada, com o sino tocando alto durante a maior parte do tempo, mas invisível. Durante dezanove anos, nunca mais ouvi aquele sino; até que, há cerca de três anos, para meu total espanto, enquanto estava sentado no crepúsculo com os meus dois pequenos e uma amiga, ouvi novamente o seu doce e antigo repique; e agora, quando estou na cama à noite, a última coisa que ouço é o tilintar suave e doce do meu sino espiritual.

Quando os rapazes W---- recuperaram da sua doença, os pais decidiram mudar-se para mais longe da cidade e alugaram uma casa a cerca de duas milhas de distância: e agora começa uma experiência peculiar minha.

Recebi uma carta da Sra. W----, dizendo-me que tinham arranjado uma nova casa e esperavam mudar-se dentro de quinze dias. Nessa noite, realizámos uma sessão com vários amigos e, depois de estarmos sentados por um curto período de tempo, um espírito apoderou-se de mim e começou a falar alto e de forma incoerente.

Um Sr. Bird, que estava presente, tentou raciocinar com o espírito, que se recusou a manter-se calmo ou quieto, e por fim, depois de lhe ser repetidamente pedido que saísse, declarou que ficaria ali o tempo que quisesse, pois "a posse é nove décimos da lei", e que só com uma condição ficaria calado: se lhe déssemos uma bebida. Este pedido foi imediatamente atendido e um copo de água foi-lhe entregue; ele ergueu-o aos meus lábios, mas, ao perceber que era água, atirou o copo e a água sobre a cabeça do Sr. Bird e gritou exigindo rum. Claro que isso estava fora de questão, e após algum tempo os guias conseguiram expulsar esse espírito perturbador.

Durante as duas semanas seguintes, ele foi um verdadeiro tormento nas nossas sessões, movendo a mesa e qualquer objeto móvel de tal forma que decidimos realizar sessões especiais para, através de orações por ele, o elevar da sua condição terrena e baixa; e, para nossa grande alegria, ele acabou por se tornar calmo e tranquilo.

Os nossos amigos, Sr. e Sra. W----, nessa altura já estavam na sua nova casa há cerca de uma semana, quando, numa manhã de domingo, os rapazes vieram pedir à minha irmã e a mim para irmos ver a sua mãe, que estava gravemente doente e desejava que o meu espírito médico a aconselhasse; então fomos com eles para casa e encontrámos a sua mãe doente, fraca e muito histérica. Disse-nos que nunca tinha tido descanso desde que entrou na casa e que, se algo não fosse rapidamente feito, enlouqueceria, pois a casa estava assombrada.

Ela estava sentada no lado da sala, de frente para uma grande janela, contra a qual o Sr. W---- estava sentado, de costas para ela e de frente para a esposa; a minha irmã estava sentada perto da mesa no centro da sala, e nós quatro éramos os únicos ocupantes. Virei-me da Sra. W---- para ir até à janela e, quando estava a poucos passos do Sr. W----, recebi um golpe, ou melhor, um empurrão, pois não me magoei, nas costas, que me lançou diretamente para o colo do Sr. W----. Levantei-me de imediato, muito indignada com quem quer que tivesse feito aquilo, e fiquei surpresa ao ver que tanto a Sra. W---- como a minha irmã estavam calmamente a conversar, e perguntaram-me como tinha caído.

"Cair, de facto!" disse eu. "Uma de vós empurrou-me, e por favor não o façam novamente, pois não sou fã de brincadeiras desse tipo."

Enquanto elas me asseguravam que nenhuma delas se tinha mexido, recebi outro empurrão, que me atirou para cima da Sra. W----. Ficámos todos boquiabertos e, para nosso horror, ouvimos uma gargalhada alta e desagradável, numa voz masculina. Não sabíamos o que fazer, e enquanto estávamos ali no centro da sala, de repente vi, a menos de um metro de nós, a figura de um homem grande e corpulento.

O seu rosto parecia de um azul enegrecido, os globos oculares projetavam-se de forma assustadora, a língua pendia da boca e, à volta do pescoço, havia uma corda. Gritei alto de horror, e antes que algo pudesse ser feito, o espírito apoderou-se de mim e começou a exigir uma bebida.

A minha irmã, pelo seu comportamento, reconheceu o espírito perturbador das nossas sessões caseiras, e disse-lhe que, se ficasse quieto, teria uma. Trouxeram um grande jarro de água e, antes que pudessem deitar

um pouco num copo, ele agarrou no jarro e bebeu toda a água; quando o jarro estava vazio, mordeu deliberadamente um pedaço dele (com os meus dentes, claro). Não sei como o acalmaram, mas creio que alguns dos nossos espíritos devem tê-lo feito, pois logo em seguida ele contou a sua história da seguinte maneira:

Ele tinha cometido suicídio exatamente nessa mesma sala apenas treze meses antes, num ataque de delirium tremens. No dia em que a minha amiga tomou posse da casa, escreveu-me, e ele seguiu a carta, e enquanto observava as nossas sessões, esperou por uma oportunidade e apoderou-se de mim; quando sentiu os ambientes terrenos, o antigo amor e sede de bebida regressaram, e este foi o resultado.

Ele queria melhorar, e as nossas orações tocaram-no, mas ele não podia tornar-se um anjo de uma só vez: prometeu nunca mais fazer nada para magoar a médium [eu mesma]. No dia seguinte, o Sr. e a Sra. W---- entrevistaram o seu senhorio, que confirmou tudo o que nos tinha sido contado, mas nem por um momento acreditou que a sua casa estivesse assombrada; não obstante, os meus amigos pagaram o trimestre de renda e encontraram outra casa.

Embora nunca mais tenha encontrado o suicida (John), o meu amigo Ned traz-me frequentemente notícias dele e diz-me que a minha experiência desagradável libertou uma alma sofredora. Por isso, fiquei contente e nunca me arrependi de ter recebido o golpe nas costas.

CAPÍTULO VIII

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS PÚBLICAS

"O que passou e o que está por vir, ela pode prever."

"Não te espantes, nada me está oculto."

No ano de 1876, eu estava em Uttoxeter, atuando como antes para o Dr. M----, de onde foi escrita e publicada no jornal Medium and Daybreak a seguinte carta:

"Uttoxeter, 7 de janeiro de 1876. O Dr. M---- foi acompanhado na sua digressão provincial e assistido por uma notável médium clarividente, Miss Bessie Williams. Foi maravilhoso observar a precisão com que ela localizava o foco da doença e descrevia as dores sentidas pelos pacientes. É bom para ela que os dias das fogueiras e estacas tenham passado, ou o facto de ser jovem e bonita não a salvaria do cadafalso." "R. Bewley, Jun."

As cartas seguintes, que apareceram aproximadamente no mesmo período, falam por si.

A MEDIUNIDADE DE MISS BESSIE WILLIAMS

"Coisas maravilhosas concernentes ao nosso bem-estar, e estranhos fantasmas frequentemente nos fazem prever, e frequentemente nos avisam de males secretos."

Spenser (Faerie Queene, Livro II, Estância 47)

Para o Editor.

Caro Senhor, — Embora não seja afetado por uma "cacoëthes scribendi", sinto-me na obrigação de dar a conhecer ao mundo espiritualista, através das suas colunas, a natureza maravilhosa da mediunidade da senhora acima mencionada. Miss Bessie Williams é uma clarividente e médium de teste da mais alta ordem. O seu desenvolvimento nos últimos seis meses tem sido surpreendente, e não hesito em afirmar que, em pouco tempo, ela será uma das videntes mais lúcidas e fiáveis do mundo. Pessoalmente, Miss Williams é uma jovem encantadora, de cerca de vinte e um anos, de temperamento nervoso, rápida, volátil e extremamente sensível, de refinamento considerável e boa educação.

A maneira como ela exerce o seu dom maravilhoso é, de facto, simples. Coloca as mãos sobre os olhos e, sem perder a consciência, entra imediatamente em rapport com as inteligências que acompanham os seus interlocutores. Ao dom da clarividência soma-se a clariaudiência, de modo que não apenas são dadas descrições de familiares, etc., mas também os seus nomes próprios e apelidos. O efeito disto é tão surpreendente que vi, em diversas ocasiões, aqueles a quem ela fez tais revelações saltarem dos seus assentos e, com as mãos entrelaçadas e a voz embargada pela emoção e espanto, exclamarem: "Deus tenha misericórdia de mim; esse é o meu querido filho!" (marido, esposa, etc., conforme o caso).

Com verdadeira devoção, Miss Williams abriu, há algum tempo, a sua residência em Birmingham, às terças-feiras à noite, ao público, sendo o resultado que alguns jovens Cristadelfianos, (1) consumados tanto na ignorância como na impertinência, e ardendo para iluminar os seus semelhantes, passaram a assistir semanalmente, espezinhando as pérolas que lhes eram apresentadas e exibindo as suas próprias doutrinas ad nauseam.

(1) NT. Os Cristadelfianos são um grupo cristão não trinitário fundado no século XIX por John Thomas, um médico britânico que emigrou para os Estados Unidos. Eles acreditam na Bíblia como única autoridade religiosa e rejeitam doutrinas como a Trindade e a imortalidade da alma. Seu nome vem do grego "Christadelphoi", que significa "irmãos em Cristo".

Essas "luzes brilhantes" nunca pediram permissão para assistir, nem sequer tiveram a cortesia de dizer "Obrigado" pelo grande privilégio que lhes era concedido; mas, quando as sessões terminavam, simplesmente pegavam nos seus chapéus e saíam sem sequer dizer "Boa noite." Com tais criaturas, o argumentum baculinum (2) teria infinitamente mais valor do que o argumentum ad judicium. (3)

(2) NT: Também chamado de "argumento da força" ou "apelo à força". Significa tentar convencer alguém por meio da ameaça ou uso da força, em vez de argumentos racionais. É uma falácia lógica, pois não prova nada, apenas impõe uma posição por medo ou coerção.

(3) NT: Também chamado de "apelo à razão". Refere-se ao uso de argumentos baseados na lógica, razão e evidências para persuadir alguém. Ao contrário do argumentum baculinum, esse é um método válido e racional de argumentação.

Qualquer pessoa minimamente familiarizada com mediunidade não se surpreenderá que, com condições tão desfavoráveis e o organismo delicado que é característico das médiuns de teste, a saúde de Miss Williams se tenha deteriorado ao ponto de as sessões públicas terem de ser interrompidas. Assim, o fanatismo ignorante desperdiçou esta oportunidade de aprender algo sobre as leis e fenómenos da psicologia.

Não se pode deixar de exclamar: "O tempora! O mores!" (4)

(4) NT: A expressão "O tempora! O mores!" é de Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) Significa: Ó tempos! Ó costumes!

Mas é no círculo familiar tranquilo que se obtêm os maiores resultados. Tem sido um grande privilégio para mim testemunhar, em inúmeras ocasiões, a natureza extraordinária da mediunidade de Miss Williams quando está sozinha ou na presença da sua irmã. Ela consegue, quase à vontade, lançar-se nesse estado, e os seus controlos, quando em transe, são extremamente interessantes. Um deles é o de um espírito francês — Renée, ou Catherine, como é mais frequentemente chamada — uma

filha natural do Duque de Guise e esposa de Edouard Jacques Jerome, um capitão huguenote.

É impossível descrever a graça e o refinamento que caracterizam este controlo. As descrições que ela faz dos costumes, vestuário, mobiliário, etc., das cortes francesas dos Guises, de Carlos IX e sua mãe, Catarina de Médici, e de Henrique de Navarra, depois Henrique IV, são minuciosas e de grande importância para os estudiosos da história francesa. Ela também esclarece muitos pontos duvidosos das suas vidas e das dos seus contemporâneos, como Gaspard Coligny, Condé e Javannes, e fornece descrições vívidas do massacre da Noite de São Bartolomeu, no qual o seu marido Edouard foi morto.

Enquanto ouço as suas descrições, frequentemente me pergunto quando é que os nossos historiadores deixarão de discutir entre si sobre passagens duvidosas e resolverão a questão estudando a psicologia e comunicando diretamente com os próprios sujeitos, entrando em comunhão com "as almas reunidas de todos aqueles que os homens consideram sábios." — Davenant.

Outro dos seus controlos é chamado "Goodness" (Bondade), e seria impossível escolher um nome mais adequado. Ela é a guia da médium e já se materializou parcialmente em várias ocasiões. O seu valor é tal que é habitual que os amigos de Miss Williams exclamem: "Vou perguntar à Goodness!" sempre que se encontram perplexos com assuntos mundanos.

Há pouco tempo, Miss Williams decidiu sentar-se para obter fenómenos físicos e conseguiu algumas manifestações evidentes; porém, estava tão nervosa e ficou tão assustada quando foi deixada sozinha no gabinete escuro, além da exaustão que se seguiu, que sensatamente decidiu interromper essas experiências.

E agora, antes de encerrar, uma palavra para os estudiosos sinceros — antropológicos, psicológicos e metafísicos. O professor Babbage diz: "O ar é uma vasta biblioteca, cujas páginas registram para sempre tudo o que o homem já disse ou a mulher sussurrou." E o professor Denton, nas suas Pesquisas Psicométricas, demonstrou a veracidade dessa afirmação, e agora a chave dessa vasta biblioteca foi descoberta.

O desenvolvimento adequado de médiuns como Miss Williams depende da abertura desse repositório inesgotável de conhecimento. Os antigos sabiam mais sobre estes assuntos do que nós, adoradores do Mammon; e os seus oráculos (ou médiuns de teste) não eram submetidos ao choque de influências desarmónicas. Que possamos aprender com eles e

tentar proteger aqueles que possuem um dom tão precioso das rajadas amargas das dúvidas materiais e da teimosia, para que, numa atmosfera de simpatia e amor, as flores delicadas da alma possam florescer em perfeição.

Enviando cartão e endereço, sou, sinceramente,

Um Professor de Escola do Interior

— Medium, outubro de 1875.

MISS BESSIE WILLIAMS EM WALSALL

Para o Editor

Caro Senhor, — Walsall foi visitada por Miss Bessie Williams, de Birmingham. A sua maneira e a sua mediunidade deixaram grande satisfação. Enquanto esteve aqui, foi hóspede do editor do jornal mais antigo e influente de Walsall, que nos últimos vinte anos tem demonstrado profundo interesse por todos os assuntos psicológicos, embora, como não lhe pedi permissão, não me sinta à vontade para divulgar o seu nome. Miss Williams chegou aqui no sábado, 5 de fevereiro, e, após o chá, estando presentes alguns amigos do editor, incluindo eu, dirigimo-nos à sala de estar, onde, depois de algumas experiências clarividentes extremamente interessantes com um cristal, realizámos uma sessão.

O primeiro controlo foi de natureza familiar e, portanto, demasiado sagrado para publicação. Posso apenas dizer que foi tão comovente, tão estranhamente preciso e emocionante, que não houve um único olho seco na sala. "Goodness" e "Catherine de Guise" também controlaram e falaram connosco da maneira mais terna e tocante. A influência que permeou toda a sessão foi celestial.

Ora, "senhores da imprensa" não são as criaturas mais suscetíveis, pois, mergulhando diariamente sob a superfície da sociedade, tornam-se endurecidos e pouco impressionáveis. Mas todos tiveram de se render à poderosa influência daquela hora.

Uma segunda sessão foi realizada no domingo à noite e foram dados muitos testes; na verdade, até à sua partida na sexta-feira seguinte, inúmeras provas da fiabilidade da sua mediunidade foram apresentadas. Ficámos extremamente tristes por nos despedirmos da nossa agradável amiga, mas como recebeu alguns convites urgentes, esperamos ter o prazer da sua companhia novamente em breve.

É apenas justo referir que a visita de Miss Williams foi inteiramente não profissional, não tendo recebido qualquer pagamento, mas assumindo apenas o papel de convidada.

W. Russel

SOBRE MÉDIUNS QUE CONHECI

Caro Senhor, — Faz já algum tempo desde que contribuí para as suas páginas, e pensei que não seria inoportuno (agora que alguns anos se somaram à minha experiência em comunhão espiritual) submeter-lhe algumas observações sobre o assunto.

Miss Bessie Williams, que creio já ser conhecida por si, é uma médium a quem estou profundamente grato, mas a quem nunca fui capaz de retribuir devidamente. Tive muitas oportunidades de testar os seus dons e, sendo ela uma daquelas pessoas sensíveis que hesitam em se expor ao público para obter uma maior amplitude no exercício dos seus talentos, sinto-me na obrigação, tanto para com os seus leitores como para com ela própria, de fazer o que puder para evitar que a sua luz permaneça escondida, chamando a atenção para alguns dos que considero os seus dons mediúnicos mais notáveis.

É sem dúvida do seu conhecimento que ela atuou como clarividente durante um longo período para o Dr. M----, e não tenho dúvida de que muitos dos seus pacientes poderiam testemunhar, se quisessem, sobre a precisão e a profundidade dos seus diagnósticos de doenças. Para aqueles que nunca prestaram atenção à terminologia médica, talvez seja melhor dizer que ela possui a capacidade de examinar internamente e descrever o estado de todos os órgãos do corpo. No meu próprio caso, posso dizer que ela repetidamente descreveu o estado interno do meu organismo e recomendou-me remédios e dietas, cujo uso me trouxe grande benefício.

Mas o exercício deste tipo de mediunidade, como é bem sabido, é extremamente exaustivo para os fluidos vitais e envolve uma quantidade considerável de sofrimento e até mesmo problemas de saúde para uma médium demasiado sensível para se libertar da influência de cada caso assim que termina. Por isso, os seus guias consideraram aconselhável pôr fim, pelos seus próprios meios, à enorme pressão que o elevado número de pacientes exercia sobre o seu sistema, permitindo-lhe assim dedicar a sua força ao exercício de outras fases muito valiosas da sua mediunidade.

Foi ela, ou melhor, um dos meus próprios guias a falar através dela, quem primeiro me informou sobre a minha própria mediunidade de cura e

quem primeiro me ensinou a usá-la e a cultivá-la, há quase dois anos. Ela tem um dom valiosíssimo de definir a mediunidade dos seus assistentes e de determinar os melhores métodos de desenvolvimento e as condições especiais necessárias em cada caso.

Quanto à sua mediunidade em transe, a facilidade com que é controlada é bastante incomum. Ela entra em estado de transe antes que nos apercebamos disso e, enquanto conversamos com ela, é frequente que outra inteligência se manifeste e continue a conversa. Ela é a única médium através da qual o meu pai alguma vez conseguiu falar comigo, e as provas que me deu da sua identidade foram simplesmente irrefutáveis.

Ele era um homem de natureza extremamente gentil e sensível, com uma grande moralidade bem desenvolvida; e, embora possuísse firmeza suficiente e autoestima adequada, tinha pouco daquela firmeza mais animal, geralmente expressa numa mandíbula inferior grande e proeminente, característica das pessoas que têm o poder de controlar as ações dos outros de forma significativa.

Como médium desenvolvedora — isto é, uma médium para o desenvolvimento da mediunidade em outros — ela é a melhor que já encontrei. Uma pessoa sensível não pode permanecer muito tempo na sua presença sem se aperceber de uma força ao seu redor que, por vezes, parece quase tirá-lo de si mesmo e abrir o seu sentido espiritual. Eu próprio, em várias ocasiões, quando ela estava sentada à minha mesa com a minha esposa e alguns membros da minha família, senti como se fosse um observador externo da cena e ouvi a minha própria voz como se nunca a tivesse escutado antes.

Nunca senti isto tão nitidamente na presença de qualquer outra pessoa, e esta, juntamente com muitas outras experiências que não descreverei agora, convenceu-me de que as emanações que a rodeiam são da mais alta qualidade para o desenvolvimento daquela condição de ser que distingue a maioria dos médiuns e, de facto, a maioria das pessoas altamente dotadas na Terra, sejam ou não consideradas médiuns.

Ainda não mencionei o valor da sua mediunidade em questões de negócios. Consultei-a várias vezes sobre tais assuntos e sempre (pelo que me consigo lembrar) encontrei as suas informações corretas quando falava com certeza. Houve uma ocasião em que me arrependi de não ter seguido as precauções que o seu guia, a quem ela chama "Goodness" (Bondade), e que, devo dizer, faz jus ao nome, me aconselhou. O seu controlo indiano, chamado "Dewdrop", é um dos espíritos mais persistentes, além de divertido e bem-humorado, que já encontrei, e parece ter um prazer

especial em "meter o nariz" em qualquer assunto sobre o qual se deseja obter informações. Recentemente, fiquei muito surpreendido ao descobrir que um assunto que afetava diretamente Miss Williams, mas sobre o qual eu tinha optado por não informá-la, foi completamente desvendado por Miss "Dewdrop", que parece saber tanto sobre ele quanto eu próprio.

Esta carta, receio, está a ficar demasiado longa; mas a importância de disseminar amplamente o conhecimento sobre as várias fases da mediunidade, espero que considere uma justificação suficiente para a sua extensão.

Sou, caro senhor, sinceramente, J. G. S.

Birmingham, 6 de dezembro de 1877.

Tenho dezenas de cartas como esta, tanto impressas como manuscritas, mas nunca pensei que voltaria a lê-las, pelo que foram destruídas. No entanto, as poucas que transcrevi aqui talvez sirvam o meu propósito tão bem quanto muitas outras.

CAPÍTULO IX

"DEWDROP"

"Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir?"

Depois de regressar da minha digressão provincial, instalei-me sozinha em Londres, prestando os meus serviços gratuitamente ao Dr. M----. Todos os seus pacientes e toda a sua correspondência passavam pelas minhas mãos. Por vezes, via vinte ou trinta pacientes por dia, e o estado físico deles era-me tão evidente como se fossem feitos de vidro. Também realizava sessões por minha conta e tinha tanto trabalho quanto era possível suportar, tanto no diagnóstico médico como em questões de negócios e clarividência sobre todos os assuntos. Não tinha controlos físicos nem manifestações. Os meus guias eram "Jack Wright", "Renée" e "Goodness".

Renée era uma dama francesa. Tinha sido uma refugiada huguenote e é mencionada nas cartas anteriores. Via-a frequentemente de forma clarividente como uma mulher pequena e frágil. Não sabia francês, mas quando estava sob a sua influência falava fluentemente a língua e, segundo os que a conheciam, com correção. No entanto, Renée não permaneceu muito tempo comigo e foi substituída por um espírito indiano chamado "Dewdrop", e a maneira como me tornei familiarizada com "Dewdrop" merece ser contada.

Nunca tinha ouvido falar dela e tinha uma forte objeção a controlos indianos, até que, um dia, uma senhora me visitou trazendo fruta para "Dewdrop", que tinha falado com a minha irmã. Quando recobrei a consciência, a minha irmã contou-me o que ela tinha dito. Fiquei espantada, mas não podia duvidar do seu relato e pus-me a tentar resolver o mistério. Os meus outros espíritos então confessaram que "Dewdrop" me tinha controlado nos últimos três meses, mas que tinham mantido segredo devido à minha aversão declarada a espíritos indianos. A partir desse momento, não houve mais segredos. "Dewdrop" tornou-se a minha melhor amiga e, até hoje, é o meu principal controlo.

A sua influência e os seus conselhos são de enorme valor para mim, e não os trocaria por nada no mundo. Se eu não fosse espiritualista, diria que as suas manifestações são nada menos que milagrosas, e poderia apresentar evidências e testemunhos de todas as partes do mundo para confirmar o que digo.

Muitas pessoas perguntam-me por que razão, sendo que outros enriqueceram graças a mim, eu própria não sou milionária. Isso acontece porque os conselhos que lhes são dados, embora transmitidos por "Dewdrop", vêm através dos espíritos que os controlam e que vigiam as oportunidades a seu favor. Na realidade, talvez "Dewdrop" tenha feito mais por mim do que qualquer outra pessoa. Quando tomou o meu controlo, prometeu-me que eu nunca haveria de sentir falta de ouro na minha bolsa, e nunca senti.

Ela previu a morte do falecido e lamentado Duque de Clarence já em fevereiro de 1891 e disse ao Sr. Stead que ele não recuperaria, muito antes de qualquer indício da gravidade da sua doença ter aparecido nas notícias públicas. Do mesmo modo, profetizou a morte do Imperador da Alemanha oito meses antes de acontecer e insiste até hoje que ele morreu de cancro, embora tenha errado exatamente um mês na data do seu falecimento.

Sob o seu controlo, sentei-me para diagnosticar as doenças de pacientes para vários médicos e posso apresentar cartas que provam a veracidade das minhas afirmações. De um médico escocês num hospital de Londres, recebi até cinco ou seis madeixas de cabelo num só dia, para que, através da clarividência, pudesse descrever com precisão o estado interno dos seus donos, e até ao momento continuo a receber cartas de todo o país a solicitar diagnósticos médicos.

Durante algum tempo, sentei-me regularmente para um comerciante da cidade, agora falecido. Através de mim, "Dewdrop" quase geriu os seus negócios por ele; muitas vezes, conseguia prever o estado do mercado com

meses de antecedência. Ele ganhou quarenta mil libras em quinze dias graças a ela e, em sinal de reconhecimento, enviou-me como agradecimento um vestido de seda e uma dúzia de garrafas de vinho do Porto. "Dewdrop" previu a morte deste senhor por cancro e deu a data exata antes de qualquer médico ter descoberto a doença que o afetava.

Outro homem de negócios teve provas abundantes da astúcia de "Dewdrop". Consultava-a regularmente há quinze anos e costumava visitar-me todas as manhãs antes de ir para a cidade para ouvir os seus conselhos sobre o que deveria fazer. Na sua morte, deixou-me um generoso testemunho da gratidão que sentia pela minha ajuda. Por razões familiares, não revelo os nomes destes dois cavalheiros, mas eles são bem conhecidos pelos meus amigos e estou pronta a comprovar as minhas declarações a qualquer pessoa que tenha o direito de as questionar.

O Brigadeiro-General A----, que me conhecia bem, assim como a "Dewdrop", e que tinha participado em várias sessões comigo, desejava muito presenciar algumas manifestações estando completamente sozinho. Quando regressava de uma visita minha para a sua casa em Somersetshire, viajando sozinho numa carruagem para fumadores, sentiu algo a pontapear-lhe as botas e, ao levantar os olhos do jornal, viu um pequeno pé castanho e descalço pousado sobre os seus.

Olhou para o lado e encontrou uma jovem índia alta e esguia, vestida com o seu traje nativo de mocassins, manta e penas, a seu lado. Descreveu-a mais tarde como sendo muito bonita. Exclamou em voz alta: "Com certeza, esta é 'Dewdrop'!", ao que ela acenou várias vezes com a cabeça e depois desapareceu. Mas, muitas vezes depois disto, este senhor acordava à noite, na sua cama em Somersetshire, e encontrava-a sentada numa cadeira ao seu lado.

Pouco depois deste episódio, a sua mãe adoeceu e ele consultou-me sobre a sua saúde. Os meus espíritos insistiram que ela não recuperaria e deram a data da sua morte. O general afirmou que os médicos não previam um desfecho fatal para a doença da sua mãe (isto aconteceu em julho). No entanto, no final de agosto, ela estava morta e enterrada.

Uma senhora muito idosa veio visitar-me uma vez, trazendo como referência o nome da minha amiga Florence Marryat. Fizemos uma sessão e, pelo que percebi, ela ficou completamente satisfeita. No entanto, assim que partiu, "Dewdrop" revelou-me o seu verdadeiro nome e condição, e, em vez de ser uma velha senhora, era jovem e uma das mais belas atrizes do teatro inglês. Embora me tivesse enganado, não conseguiu enganar "Dewdrop", apesar de eu nunca a ter conhecido pessoalmente.

Alguns amigos meus passaram uma temporada nas mesas de jogo de Monte Carlo. Costumavam escrever-me cartas em italiano (língua da qual não tenho o menor conhecimento) e, sob o controlo de espíritos dessa nacionalidade, respondia-lhes também em italiano. Estas cartas referiam-se ao negócio em que estavam envolvidos e ganharam uma verdadeira fortuna graças aos conselhos que os meus controlos lhes deram.

O Sr. M---- veio passar uma noite com o meu marido e comigo há pouco tempo e, quando subi ao quarto para me vestir, ouvi uma voz dizer: "Diz-lhe que sou 'Kelsus'". Quando desci, contei-lhe o que tinha ouvido. Ele exclamou: "Ah, então é isso? Estou a trabalhar num artigo sobre 'Celsus' e tenho estado a perguntar-me se o C se pronuncia de forma dura ou suave."

Então entrei em transe e "Dewdrop" disse: "Celsus tem uma mensagem para ti, por isso é melhor sentares-te; mas não te assustes se 'Medie' (como ela sempre me chama) ficar muito pálida e parecer doente, porque isso acontecerá, mas não lhe fará mal."

O meu marido contou-me mais tarde que eu fiquei tão branca como mármore e caí para trás na cadeira, estendendo a mão como se estivesse a receber algo. Poucos minutos depois, um pedaço de papel branco flutuou até à minha mão e, ao ser examinado, revelou-se uma mensagem para o Sr. M----, assinada "Celsus". Ele não conseguiu decifrá-la no momento, mas levou-a consigo e, alguns dias depois, devolveu-a com a seguinte tradução:

"Tu, meu amigo, não te deixes abater, ainda que o mundo te negue." Celsus.

CAPÍTULO X

O MINISTÉRIO DE "DEWDROP"

"Ele dará ordem aos Seus anjos para te guardarem."

Apenas duas vezes, pelo que sei com certeza, "Dewdrop" se materializou. Uma vez, quando eu estava a dormir com Miss Marryat na casa dela, em Regent Park Terrace, e a segunda vez numa sessão que tive com o Sr. Bastian, um médium americano.

Tudo aconteceu da seguinte maneira: Num dia de julho de 1880, recebi a visita de um velho amigo, cuja casa ficava no norte de Inglaterra, mas que tinha vindo a Londres para umas curtas férias. Ele era um clérigo e muito interessado no fenómeno espiritual. Contou-me que tinha combinado

assistir a uma sessão com Bastian e acrescentou que, se eu quisesse ir, teria todo o gosto em levar-me.

Aceitei o convite, mas pedi-lhe que não mencionasse o meu nome, pois queria ver se conseguia obter manifestações dos meus próprios amigos espirituais sem correr o risco de ser convidada por alguns dos outros participantes a dar uma sessão eu mesma.

A sessão seria na tarde seguinte e, depois da partida do meu amigo, chamei "Dewdrop" e perguntei-lhe o que achava do plano que tinha feito e se queria ir comigo. "Oh, sim!", respondeu ela, "estarei lá com certeza."

"E vais tentar materializar-te para que todos te possamos ver?"

"Vou tentar, se houver poder suficiente."

Juntas, combinámos que, quando chegasse, me bateria quatro vezes de forma distinta com a sua mão no joelho ou na cabeça. Guardei este segredo apenas para mim e, no dia seguinte, encontrei-me com o Rev. Dr. M---- e acompanhei-o a Vernon Place, onde Bastian tinha quartos nessa altura.

Lá encontrámos três cavalheiros à espera, um dos quais, um americano, eu conhecia bem, mas evitava sentar-me com ele frequentemente por ser um homem muito excitável. Sussurrei-lhe para não mencionar o meu nome, pois queria garantir um teste verdadeiramente bom.

O médium sentou-se no centro da sala, numa cadeira, e no chão, à sua volta, havia vários objetos, como uma caixa de música, sininhos de fada, um tamborim, um tubo de voz e mais algumas coisas. Nós cinco sentámo-nos em meia-lua, de frente para ele, com as costas viradas para as duas janelas, cujos estores estavam fechados. Eram três da tarde de um dia de verão, mas a sala estava completamente às escuras.

Assim que nos acomodámos, lembrei-me de que, quando a sala ainda estava iluminada, tinha visto um pequeno banco debaixo da minha cadeira. Para ficar mais confortável, baixei-me e puxei o banco para a frente, ajustando-o à minha frente, quando senti quatro batidas distintas na minha mão. Sentei-me ereta, e as batidas repetiram-se nos meus joelhos, depois na minha cabeça, voltando aos joelhos e, em seguida, senti as suas pequenas mãos suaves acariciarem-me as faces.

Sussurrei ao Dr. M---- que "Dewdrop" estava connosco e que me tinha provado fisicamente a sua presença de forma absolutamente inquestionável,

e que queria tocá-lo também. Ele ficou muito contente e imediatamente sentiu as suas mãos, recebendo o sinal que ela e eu tínhamos combinado.

Enquanto ela batia na cabeça do meu amigo, apressei-me a tatear ao redor para ver se tinha materializado o seu corpo, mas não consegui sentir absolutamente nada. Por isso, fiquei um pouco assustada quando, de repente, senti um rosto encostado ao meu e ouvi a voz familiar de "Dewdrop" sussurrar:

"Medie, consegues ver-me? Estou aqui e já te dei o sinal."

Respondi: "Sim, querida, deste sim; e estou tão feliz!"

Infelizmente, falei alto e chamei a atenção do meu amigo americano, que até então tinha estado a conversar com o médium (Sr. Bastian). Ele exclamou:

"O quê! É a pequena 'Dewdrop'? Por favor, vem até mim! Quero muito ver-te!"

Ficou tão excitado que se levantou da cadeira, e, como é óbvio, isso arruinou todas as nossas condições, e a pobre "Dewdrop" desapareceu enquanto falava com ele.

Embora "Dewdrop" não se materialize frequentemente, gosta de dar manifestações físicas da sua presença e diverte-se a pregar-nos partidas, movendo objetos de uma sala para outra. Parece ter um prazer especial em provar ao meu marido que ela, tal como o amor, não respeita fechaduras.

Ele, para testar os seus poderes, frequentemente traz coisas para casa sem me dizer, tranca-as no cofre e espera para ver o que acontece. Ela então vem discretamente até mim e, por vezes, mostrando-me uma réplica exata do objeto, diz, rindo cheia de entusiasmo:

"Olha, Medie! Isto está na caixa grande do Dick. Está lá há um dia, dois dias. 'Dewdrop' encontra. 'Dewdrop' mete o nariz!"

Depois, desafio o meu marido a trazer à luz a sua nova posse.

Mas a missão de "Dewdrop" não é apenas divertir-nos, e muitos daqueles que estão a ler estas palavras farão uma pausa para sussurrar uma palavra de amor e gratidão à jovem índia espiritual que os ajudou em tempos de tristeza e aflição, salvando-os do desespero e, em mais de uma ocasião, do suicídio.

Por razões óbvias, não posso dar nomes, mas há três pessoas vivas hoje a quem chamamos "os rapazes de 'Dewdrop'", que, graças à sua assistência e cuidado vigilante, são agora membros respeitados da sociedade.

Aqui está um exemplo. Há dezassete anos, no início de abril de 1875, "Dewdrop" veio até mim enquanto eu ainda estava na cama, pela manhã, e disse:

"Medie, levanta-te! Envia um telegrama ao Sr. W---- e diz-lhe que quero falar com ele."

Assim que pude, enviei o telegrama e, entre as onze e o meio-dia, o Sr. W---- chegou à minha casa de carruagem. Perguntou-me ansiosamente qual era a razão para eu o ter chamado. Disse-lhe que, pessoalmente, não sabia, mas que "Dewdrop" queria vê-lo.

Poucos minutos depois, ela controlou-me, e quando recuperei a consciência, encontrei o Sr. W---- muito perturbado e apressado para sair.

Como era habitual que eu fizesse sessões para este senhor para fins comerciais, assumi que se tratava apenas de negócios e que os seus amigos espirituais tinham algo para discutir com ele. Eu própria nada entendia sobre o assunto, nem me interessava por isso, pelo que não lhe perguntei a razão do seu evidente nervosismo.

Demorou algum tempo até eu descobrir a razão do chamado repentino de "Dewdrop". O Sr. W---- tinha um filho que estava num colégio interno, depois de ter sido muito problemático em casa. Quando o rapaz foi enviado para o colégio, o Sr. W---- recebeu de "Dewdrop" a promessa de que ela cuidaria dele dentro do possível e o manteria longe de sarilhos. Ele estava fora há três meses e supunha-se que se estivesse a comportar bem.

Quando o telegrama de "Dewdrop" trouxe o pai apressadamente até mim, a ordem dela foi clara: "Vai imediatamente e traz Jack para casa; ele tem-se portado mal, anda agora a vaguear pela cidade de C----, depois de ter fugido da escola. Roubou várias coisas e, se não chegares lá hoje, a polícia irá apanhá-lo. Ele tem consigo dois objetos pertencentes a colegas e, entre outras coisas, um livro extremamente impróprio, que lhe foi enviado por um homem em Londres."

Esta não era uma mensagem agradável de receber para um pai dedicado, mas o Sr. W---- tinha confiança suficiente em "Dewdrop" para fazer exatamente o que ela lhe disse.

Saiu no primeiro comboio para C---- e, depois de uma busca, encontrou o desordeiro Jack exatamente onde "Dewdrop" tinha dito que estaria: numa casa de penhores, tentando empenhar alguns dos objetos "emprestados". Levou-o de volta para o colégio e perguntou-lhe pelo livro, que, depois de alguma hesitação, o rapaz admitiu estar na sua mala. E lá estava ele, de facto, mas não era o único.

Tenho agora comigo uma carta de uma senhora cujo filho estava no mesmo colégio, contando-me esta história e, sendo ela espiritualista, perguntando-me se eu achava possível que os espíritos tivessem tido algo a ver com o caso, pois parecia haver um certo mistério envolvido. Foi realmente através dessa carta que descobri a intervenção de "Dewdrop" nesta situação.

O jovem Jack foi levado de volta para casa e, desde então, teve mais uma razão para agradecer a "Dewdrop" pela sua vigilância. Esta é apenas uma das muitas histórias que poderia contar sobre esta minha pequena fada.

"De mãos dadas com os anjos, pelo mundo caminhamos;
Olhos mais brilhantes nos observam do que nós, cegos, sabemos;
Vozes mais ternas nos encorajam do que nós, surdos, admitimos;
Nunca caminhamos para o céu sozinhos."

CAPÍTULO XI

EXPERIÊNCIAS POSTERIORES

"Pensais enganar-me? Conheço-te bem, embora nunca te tenha visto antes."

"Ver agora Deus em todas as suas criaturas e obras."

Shakespeare

Sempre me divertiu bastante ver como algumas pessoas que desejam realizar sessões espirituais me escrevem sob nomes falsos. Acreditam o suficiente nos meus dons de clarividência para sentirem curiosidade em ver-me e falar comigo, mas têm medo de que se descubra que consultaram uma "médium". Assim, tentam esconder a sua identidade com um nome fictício, esquecendo-se completamente de que, se a minha clarividência vale alguma coisa, é impossível enganarem-me.

No ano passado, uma senhora enviou-me uma carta muito simpática, que, contrariando o meu hábito (pois sou sobrecarregada com

correspondência), respondi com bastante detalhe. Quando terminei, o meu guia "Goodness" disse-me: "Diz à senhora que a assinatura da sua carta é falsa e que sabemos o seu verdadeiro título." Assim o fiz, e, em resposta, recebi uma carta em que ela admitia o facto e revelava o seu verdadeiro nome e título, mas apenas para minha informação.

Quase ao mesmo tempo, recebi outra carta de uma senhora que se apresentou como "Condessa C----". Como de costume, li a carta por via clarividente – ou seja, não o que ela escreveu, mas o que deveria ter escrito – e percebi que era tão condessa quanto eu. Por isso, recusei-me a dar-lhe uma sessão.

Há algumas semanas, Miss Marryat marcou comigo uma sessão para um amigo seu, que não queria que o seu nome fosse revelado. Consenti. O cavalheiro veio ver-me, teve a sua sessão e foi-se embora. Duas semanas depois, escrevi automaticamente um nome que não conhecia. Quando perguntei quem era, a resposta foi: "Sou A. B. O meu parente, o Conde de B----, sentou-se contigo naquele dia."

Estou absolutamente certa de que nunca procurei essa informação, nem me interessava saber quem tinha sido o meu visitante, pois vejo tantas pessoas ao longo da semana que nem sequer me lembro dos seus rostos.

No verão de 1880, a minha saúde fez com que fosse aconselhável deixar de realizar sessões espirituais durante algum tempo. Mas logo descobri que, quanto menos usava os meus poderes clarividentes e de inspiração, mais fortes se tornavam as manifestações físicas, que aconteciam sem que eu as procurasse e, muitas vezes, sem qualquer motivo aparente.

Por exemplo: depois de toda a família se recolher à noite, o piano começava a tocar sozinho, às vezes por apenas alguns minutos, outras vezes por uma ou duas horas. De vez em quando, emitia algumas notas suaves e soltas, ou então produzia um estrondo tremendo, como se estivesse a ser destruído. No geral, preferíamos o estrondo, pois esgotava rapidamente a energia, enquanto as notas suaves podiam continuar pela noite toda.

Descobri que as manifestações mais estranhas aconteciam quando eu estava sozinha em casa com uma jovem criada que dormia no meu quarto. Esta rapariga era uma boa médium física, embora não tivesse consciência disso.

Uma noite, acordei sentindo-me muito doente, fraca e nervosa. Dei-me conta de que o meu remédio não tinha sido colocado perto da minha cama e, devido a algumas experiências recentes, confesso que tive medo de ir buscá-lo ao lavatório. Senti-me envergonhada de acordar Sarah por um motivo tão tolo e fiquei ali, a pensar no que fazer para aliviar a minha fraqueza, pedindo silenciosamente a "Dewdrop" que trouxesse o medicamento para mim.

De repente, vi Sarah levantar-se da sua cama, que ficava aos pés da minha, atravessar o quarto, servir-se de um copo de água, bebê-lo e voltar rapidamente para a cama. Ao ver isso, ganhei coragem – se Sarah conseguia fazê-lo, por que não eu? Então levantei-me, tomei o meu remédio e voltei a dormir, mas não antes de ouvir um triunfante estrondo de música vindo do meu piano, no andar de baixo.

Quando Sarah me trouxe o pequeno-almoço de manhã, perguntei-lhe o que achava da música que tocou durante a noite. Ela respondeu que não tinha ouvido nada, pois dormira profundamente. Disse-lhe que isso não era possível, pois ela teria certamente ouvido, já que se levantou para beber água.

"Beber água?", exclamou ela. "Que água? Eu não saí da cama a noite toda."

"Isso é um disparate", respondi. "Eu vi-te levantar, pegar na garrafa, deitar água no copo e bebê-la."

Sarah caminhou até ao lavatório, pegou na garrafa e no copo e mostrou-mos a rir. A garrafa estava cheia até à borda e o copo, completamente seco.

Fiquei espantada e pedi-lhe que me trouxesse o meu frasco de remédio. Estava tudo certo, eu tinha tomado a minha dose habitual e não tinha sonhado.

Perguntei a "Goodness" uma explicação para aquilo, e ela disse-me que eu estava tão doente que os espíritos tiveram receio de me deixar sem o remédio. Assim, fizeram com que o duplo de Sarah se levantasse e simulasse a ação de beber água para me dar coragem para fazer o mesmo.

Ao longo de toda a minha vida, os meus guias espirituais ajudaram-me em momentos de dificuldade e provação, e poderia contar muitos episódios que provam o carinho com que os chamados mortos continuam a zelar por aqueles que amaram em vida.

Quando tenho dores de cabeça (o que, infelizmente, acontece com frequência), a minha mãe vem sempre acariciar-me da mesma forma terna como fazia antigamente, pois fui abençoada com uma das mães mais bondosas do mundo.

O meu velho tio, que me adorava quando eu era criança, ainda me visita com carinho. E quando "Dewdrop" aparece, é recebida com grande alegria pelos meus filhos, que a veem como a sua maior amiga.

Para demonstrar o quanto ela está presente nas suas vidas, contarei um episódio que aconteceu há apenas alguns meses.

As crianças têm bilhetes anuais para o Crystal Palace e vão lá frequentemente. Eu peço sempre a "Dewdrop" que vá com elas.

Um dia, quando a última pantomina estava a ser apresentada, os pequenos foram assistir ao espetáculo. Estiveram fora algum tempo e, ao regressar a casa, a minha filha descobriu que tinha perdido a bolsa com os bilhetes. Ficámos muito desapontados, pois os bilhetes eram novos, com apenas alguns dias de uso. Ela tinha a certeza de que os tinha perdido no teatro do Palace, então comunicámos a perda ao gabinete de achados e perdidos.

À noite, perguntei a "Dewdrop" sobre o assunto e questionei se ela tinha acompanhado as crianças como de costume.

"Claro que fui", respondeu ela. "Eu prometi."

"Sabes que a Mab perdeu os bilhetes?"

"Sim, vi quando os perdeu."

"Então porque não impediste isso?"

"Não sejas tola, Medie! Como é que eu podia impedir?"

"A Mab diz que os deixou cair no teatro. Vamos recuperá-los, 'Dewdrop'?"

"Sim, penso que sim, mas ela não os perdeu no teatro. Deixou-os cair no corredor comprido ao sair, e um homem apanhou-os."

"Que tipo de homem?"

"Um operário, com um bigode escuro."

Não ouvimos mais nada sobre os bilhetes durante alguns dias, até que, uma tarde, um homem apareceu em nossa casa para reclamar a recompensa.

Fui falar com ele. Era um operário, com um bigode escuro.

Perguntei-lhe onde tinha encontrado os bilhetes.

Ele respondeu: "No corredor comprido, perto da entrada."

"Porque não os devolveu mais cedo?"

"Porque só estive no Palace nesse dia, e desde então tenho trabalhado longe daqui até hoje."

Uma experiência peculiar – ou melhor, duas experiências, pois aconteceram separadamente comigo e com o meu marido – pode interessar aos leitores.

Numa noite de verão de 1884, Miss Florence Marryat tinha jantado e passado a noite connosco, saindo por volta das onze da noite. Logo depois, subi para o meu quarto para me deitar, deixando o meu marido na sala de jantar para terminar o seu charuto.

Quando ele se juntou a mim, por volta da meia-noite, disse: "Bess, ouviste-me a procurar alguma coisa?"

"Não", respondi. "Porquê?"

"Foi uma coisa muito estranha. Assim que te foste deitar, sentei-me com um charuto e um livro, e alguns minutos depois fiquei espantado ao ouvir um pássaro a chilrear e a saltitar pela sala. Pensei que a Flo devia ter comprado outro pássaro a caminho de casa e o teria esquecido aqui, quando, de repente, ele começou a cantar alto. Olhei à volta à procura de uma gaiola, mas não havia nenhuma. O canto continuava. O que pode ser?"

Não soube explicar. Tinha a certeza de que Miss Marryat não tinha trazido nenhum pássaro e que nós também não tínhamos um. Só podia supor que, conhecendo o amor dela por pássaros e animais, algum pequeno espírito de pássaro a tinha seguido e cantado para nós.

Duas semanas depois, ela voltou para passar outra noite connosco. Depois de ela sair, eu estava sozinha na cozinha, pois as criadas já tinham ido para a cama, quando, de repente, a casa inteira foi preenchida pelo canto de um pássaro.

Fiquei encantada, mas também surpresa, e perguntei-me se as criadas teriam um pássaro sem que eu soubesse. Procurei por toda a parte, como o meu marido fizera antes, mas com o mesmo resultado: não havia pássaro em lado nenhum. Infelizmente, nunca mais ouvimos aquele canto novamente.

Aqui está um caso de uma mesma experiência a acontecer a duas pessoas em momentos diferentes.

Muitos podem rir da ideia de um "pássaro espiritual", mas essas mesmas pessoas não riem quando se lhes diz que o espírito é a vida e que, consequentemente, a vida é espírito.

Vi frequentemente os espíritos – ou a vida que partiu – de animais. Há alguns anos, um dos meus maiores prazeres era observar as minhas flores a crescer, pois sou apaixonada por elas. O resultado dessa observação foi que nunca mais cortei ou usei flores. Não suporto vê-las morrer.

Não descobri que sentem dor, mas percebo plenamente que têm espíritos tão doces, belos e cheios de vida quanto os nossos; que possuem nervos e fibras como nós e que têm o direito de desfrutar da sua existência pelo tempo que o seu Criador lhes destinou.

"Pois são todas, as coisas medidas que existem,
Tão livres para viver e desfrutar da sua vida,
Quanto Deus foi livre para as formar no princípio,
Aquele que, na Sua soberana sabedoria, as criou."

CAPÍTULO XII

O MEU AMIGO "NED"

"Não dou valor à minha vida mais do que a um alfinete;
E quanto à minha alma, o que pode isso fazer-lhe,
Sendo ela imortal tal como ele?"

"Isso aterroriza-me com medo e assombro."

— Shakespeare

Outro dos meus controlos espirituais que se manifesta constantemente é "Ned". Ele foi-me trazido por um espírito superior enquanto eu estava em Birmingham, em 1874, que desejava que ele ficasse ligado a mim para que

pudesse evoluir, pois tinha deixado o plano terrestre num estado muito baixo.

De acordo com o que ele próprio conta, foi um fabricante de vidro plano e morreu em St. Helen's, onde nasci. É um rapaz rude de Lancashire, por vezes um pouco grosseiro, mas melhorou muito ao longo dos dezoito anos em que o conheço. É um espírito bem-humorado, brincalhão e completamente devotado a mim, sendo um dos meus amigos favoritos.

"Ned" é cheio de alegria e de uma bondade imensa. Os meus filhos adoram-no e nada os deixa mais felizes do que vê-lo chegar para uma boa conversa e contar-lhes histórias da sua vida na Terra, sobre como passava os dias com os seus pequenos cães. "Ned" admite ter sido um rapaz terrivelmente preguiçoso quando estava vivo.

Contudo, pode ser muito útil para mim, pois sempre que preciso de força física extra, chamo "Ned" para me ajudar.

Por exemplo, recentemente mandámos construir uma divisão extra na nossa casa. Pedi um tapete de cortiça para o chão, mas como os trabalhadores demoravam a aparecer, decidimos colocá-lo nós mesmas. Três de nós começámos a trabalhar, mas, após duas horas de esforço, percebi que era inútil. Por mais determinadas que fôssemos, aquilo não era trabalho de mulheres e teria de ser deixado para um homem.

Assim que tomei essa decisão, ouvi "Ned" dizer: "Missis, manda essa rapariga (a empregada) embora, e eu coloco o tapete para ti."

Mandei a rapariga para o andar de baixo e permaneci no quarto com a minha amiga Miss B----, que o conhecia muito bem. Então, "Ned" tomou o meu controlo.

Quando voltei a mim, o linóleo estava perfeitamente colocado no chão, e Miss B---- contou-me que "Ned" levantou o pesado rolo com facilidade, como se tivesse passado a vida a colocar tapetes.

Ela disse ainda que ele riu e conversou o tempo todo, até que Mary, a empregada, subiu as escadas e perguntou a Miss B---- se o homem que ia arranjar o quarto já tinha chegado, pois tinha ouvido a voz de um homem.

Não consegui conter o riso, pois muitos recordarão que, no livro de Florence Marryat *There is No Death*, sou descrita como uma mulher de voz suave. No entanto, "Ned" falou através de mim, usando as minhas cordas vocais, com uma voz tão masculina que a criada ficou convencida de que

um homem estava ali, e logo depois despediu-se – disse que não queria viver com uma bruxa. Não acredito que tenha querido fazer um elogio, mas, para mim, foi o melhor que já recebi e valeu-me muito.

Anos atrás, o meu marido, os nossos dois filhos, uma jovem senhora e eu ficámos algumas semanas hospedados com uma senhora americana que vivia perto de Regent's Park.

Numa tarde de abril de 1884, "Ned" disse-me: "Há algo errado no andar de cima. Vai depressa."

Pensando que as crianças tinham sofrido um acidente, corri para ver o que estava errado. Ao chegar ao primeiro patamar, fui recebida por Isabel (a jovem que estava connosco), que disse: "Oh, vem rápido! Fumo está a descer do último andar!"

Respondi imediatamente: "Deve ser fogo. Onde estão os pequenos?"

"Estão comigo no meu quarto."

"Veste-os e prepara-te para sair de casa", disse-lhe.

Subi as escadas a correr até ao último andar, onde havia quatro quartos – dois grandes ligados por portas de correr e dois mais pequenos, um de cada lado do corredor. Encontrei o local envolto em completa escuridão, mas no centro do quarto da frente, que sabia ser ocupado por uma senhora doente, vi um enorme brilho vermelho de fogo.

Gritei: "Sra. S----, onde está?" Mas não houve resposta, apenas um gemido abafado.

Ouvi "Ned" dizer: "Ela está ali, a arder até à morte."

Senti que ia enlouquecer com o horror da situação, quando "Ned" voltou a falar: "Vira-te, aqui há água."

E, de facto, bem ali estava um lavatório com torneira e um balde.

Não esperei para chamar ajuda. Enchi um balde com água e, estendendo-me o mais possível para dentro do quarto em chamas, atirei a água na direção do fogo. Fiz isto várias vezes e depois desci as escadas a correr.

Encontrei o meu marido sentado calmamente, conversando com a nossa anfitriã, mas ao ver a minha cara, levantou-se num salto. Não

consegui falar nem emitir som. Ele sacudiu-me ligeiramente, e finalmente consegui balbuciar: "Fogo!"

Essa única palavra foi suficiente. Num instante, todos se mobilizaram. O meu marido correu para chamar os bombeiros, e eu subi as escadas novamente com um jovem criado.

Até hoje, não me lembro como consegui subir, mas quando lá cheguei, parecia ter força para tudo. Movia-me pela fumaça como se o ar estivesse perfeitamente claro.

Enquanto o criado abria as janelas, movi um pesado guarda-roupa de mogno sem qualquer ajuda, afastando-o das portas de correr para libertar a fumaça. Assim que o fumo negro e denso saiu pelas janelas, vi finalmente a pobre senhora queimada: estava caída no chão, atravessada ao pé da cama, quase carbonizada.

Os restos da sua roupa ainda ardiam, assim como o seu cabelo, que era abundante. Com as mãos nuas, apaguei as chamas, levantei o seu corpo queimado e deitei-o sobre um cobertor que o criado trouxera. Depois, juntos, carregámo-la para o quarto ao lado.

Ela ainda estava viva e sobreviveu cerca de vinte a trinta minutos.

Descrevi todos os detalhes porque quero mostrar como fui ajudada e protegida pelos espíritos. Nesse dia, manuseei o fogo com tanta facilidade quanto agora escrevo estas palavras, mas as minhas mãos não tinham um único sinal de queimadura. Apertei o colchão em chamas até apagar o canto que ardia. Fiz o mesmo com os restos da roupa da Sra. S---- e nunca senti sequer o calor.

Movi um móvel pesado que normalmente exigiria dois homens para ser deslocado. Foi-me indicada a torneira de água, da qual eu não tinha qualquer conhecimento até aquele momento. E afirmo que tudo isto foi obra dos chamados mortos – a obra de espíritos vivos, que podem e efetivamente ajudam os mortais sempre que a sua ajuda é necessária.

Declaro categoricamente que, naquela altura, a minha saúde estava tão debilitada que, na minha vida diária, apesar de ser uma mulher ativa e enérgica, não teria conseguido levantar nem um quarto do peso do guarda-roupa, nem subir metade daquelas longas escadas sem ficar completamente exausta. Foi "Ned" quem fez o trabalho através do meu pequeno corpo, protegendo-me, e foi graças à sua intervenção que, sem dúvida, salvou as

nossas vidas e impediu que a casa fosse completamente consumida pelo fogo.

Um relato de algumas das suas façanhas pode ser encontrado noutras partes deste livro, mas, enquanto falo dele, gostaria de dar mais uma prova do seu poder para demonstrar que "não há morte".

No início de dezembro de 1891, realizávamos sessões às noites de domingo, e um cavalheiro que o meu marido tinha conhecido recentemente pediu permissão para participar no nosso círculo. Concordámos e, embora ele nada soubesse sobre o assunto, ficou tão impressionado com os resultados da nossa sessão que mencionou o caso a vários amigos. Durante a semana, recebi um bilhete a pedir permissão para trazer outro amigo na sessão seguinte.

Mais uma vez consentimos, quebrando assim a nossa regra estrita de nunca admitir estranhos no nosso círculo familiar.

O segundo cavalheiro era um completo desconhecido para nós e quase o era também para o primeiro. Conheciam-se apenas porque estavam hospedados no mesmo hotel e tinham-se encontrado poucos dias antes, pois ambos tinham acabado de se mudar para Norwood.

Chegaram por volta das 19h30, e, sendo sete ao todo, sentámo-nos em torno de uma pesada mesa de carvalho na sala de jantar. Reduzimos a iluminação a gás e iniciámos a sessão com a nossa habitual invocação e um hino.

Não entrarei em muitos detalhes, a não ser que vi e descrevi vários espíritos que acompanhavam os dois cavalheiros, cujos nomes, por sinal, começavam ambos por M----, embora não fossem o mesmo. Para distinguí-los, chamarei ao primeiro No. 1 e ao segundo No. 2.

Depressa percebi que No. 2 era extremamente cético e parecia convencido de que seria enganado. No entanto, descrevi-lhe um espírito que se encontrava ao seu lado e que me disse chamar-se B----.

Perguntei a No. 2 se o conhecia, ao que ele respondeu: "Não."

O espírito então insistiu: "Oh, sim! Ele conhece-me. Há anos, emprestou-me dinheiro que nunca pude devolver, e isso está a atormentar-me."

Ao ouvir isto, No. 2 exclamou, visivelmente surpreso: "Oh, sim! Agora lembro-me. Meu Deus! Tinha-me esquecido completamente disto." E pediu-me que garantisse ao Sr. B---- que não havia motivo para preocupação, pois foi um infortúnio e não uma falha dele, e que não se atormentasse mais com isso.

Depois de algum tempo a conversar com "Dewdrop", "Ned" apareceu, trocou algumas palavras com todos os presentes e encerrou a sessão.

No domingo seguinte, No. 1 e No. 2 voltaram a comparecer e, quase assim que nos sentámos, vi um espírito de um clérigo ao lado de No. 2. Descrevi-o, e ele imediatamente reconheceu-o como um amigo falecido, que me transmitiu uma mensagem que convenceu totalmente No. 2 de que aquilo não poderia ser um embuste.

Pouco depois, "Ned" tomou o meu controlo e as manifestações físicas começaram. No. 2 estava alerta, tentando descobrir como tudo acontecia. Durante a semana anterior, ele tinha ido ao *Aquarium*, em Brighton, e exposto os truques da pequena Georgia Magnet. No entanto, apesar do seu esforço para apanhar "Ned" em alguma artimanha, não conseguiu, embora tivéssemos muitas manifestações da força física dele.

Por fim, No. 2 perguntou: "Ned, podes afastar-te da tua médium e manifestar-te noutro lugar?"

"Oh, sim!", respondeu "Ned". "Posso ir para onde quiser e, se houver alguém com sensibilidade mediúnica, posso facilmente fazê-lo saber onde estou."

"Podes ir para casa comigo, Ned?"

A resposta de "Ned" foi típica: "Meu rapaz, eu irei."

No. 2 achou graça àquilo e tratou como uma brincadeira, indo para casa.

Agora, conto a experiência dele com as suas próprias palavras:

"Cheguei a casa, tomei uma refeição ligeira e sentei-me a fumar até à meia-noite. Baixei a luz do gás para que 'Ned' não fosse incomodado por demasiada claridade e fui para a cama, adormecendo de imediato. Logo me vi envolvido numa espécie de brincadeira travessa por alguma força invisível que tentava, a todo custo, atirar-me para fora da cama. A cama foi levantada, primeiro de um lado, depois do outro. Fiquei deitado e ouvi o

relógio bater as duas horas. Por um momento, considerei acender uma vela, mas não o fiz e acabei por adormecer novamente.

Logo que adormeci, a mesma luta recomeçou, mas desta vez com ainda mais força. Era um esforço constante para não ser atirado para o chão.

Olhei para o relógio: eram quase quatro da manhã. Voltei a dormir e, novamente, tudo se repetiu. Por fim, desisti de dormir e permaneci acordado até às sete e meia.

Enquanto refletia sobre os acontecimentos da noite, de repente senti o meu pulso esquerdo, que estava sob as cobertas, ser agarrado firmemente por uma mão invisível. Ouvi claramente uma voz dizer: 'Então, agora já sabes que estou contigo, ou não?'

Muitos dirão que foi apenas um pesadelo ou um sonho. Que digam. Estou convencido de que 'Ned' cumpriu a sua palavra e esteve comigo naquela noite.

A voz foi clara e distinta, assim como o aperto no meu pulso, que foi decidido e firme. Eu estava totalmente desperto e com plena posse de todas as minhas faculdades.

Sem ver a Sra. Davies, fui nesse dia para Brighton, onde passei alguns dias com a minha família. Quando regressei a Norwood, antes de ir para casa, visitei a Sra. Davies. A primeira coisa que ela me disse foi: 'Bem, Ned contou-me as travessuras que fez contigo na outra noite, e depois disso ainda visitou um amigo teu que mora na mesma casa.'

Fui diretamente para casa e o meu amigo confirmou a história, contando experiências muito semelhantes às minhas.

Desde então, não tive mais experiências com 'Ned', embora tenha pedido à Sra. Davies para o enviar novamente."

A. M.
Thicket Road, S.E.

O Sr. M----, embora prefira não ter o seu nome tornado público, está perfeitamente disposto a comunicar em privado com qualquer pessoa que queira confirmar a veracidade desta história, e posso encaminhar-lhe qualquer carta endereçada a mim.

Ele não é alguém facilmente enganado, pois é um matemático brilhante formado em Cambridge, um excelente jogador de xadrez e um entusiasta em resolver problemas complexos.

"Ned" provou ao Sr. M---- que "não há morte". Os nossos entes queridos apenas foram à nossa frente; não estão mortos nem a dormir – vivem, amam, observam-nos e aguardam a nossa chegada.

O filho que pensamos ter partido para "um destino do qual ninguém regressa" nunca nos deixou realmente; os seus dedinhos suaves ainda se agarram à mãe amorosa e sempre lembrada.

Não mais chorem! Um novo dia nasceu, e em breve o mundo reconhecerá que os dias em que os anjos falavam com os homens ainda são os de hoje.

"Então um espírito passou diante do meu rosto;
o cabelo da minha carne eriçou-se, parou, mas
não pude discernir a sua forma: uma imagem
estava diante dos meus olhos, houve silêncio,
e ouvi uma voz, dizendo: Poderá o homem
mortal ser mais justo que Deus? Poderá um
homem ser mais puro que o seu Criador?"
(Job, iv. 15-17)

CAPÍTULO XIII

UM FANTASMA

"Perante o meu Deus, eu não poderia acreditar nisto,
Sem a evidência sensível e verdadeira dos meus próprios olhos."
— Shakespeare

Depois de relatar como "Ned" ajudou no incêndio, passarei agora a contar as manifestações que se seguiram.

A pobre senhora viveu apenas vinte minutos depois de ter sido levada pelo jovem criado e por mim para um quarto adjacente, e às onze da noite o seu corpo queimado foi removido pelo agente funerário.

Os nossos quartos ficavam no andar imediatamente abaixo dos aposentos queimados, e o quarto da nossa anfitriã situava-se no piso abaixo do nosso.

Fomos para a cama muito tarde naquela noite, e como a minha pequena filha e a nossa jovem amiga estavam muito nervosas, decidi dormir no quarto delas, que era grande e tinha duas camas.

Despedi-me do meu marido, que ficou a dormir no quarto ao lado, e fui deitar-me. Isabel, a jovem amiga, estava na cama com a minha filha Mabel, e eu tinha o meu filho pequeno comigo. Conversámos durante algum tempo, pois nenhuma de nós parecia conseguir dormir, e penso que devia ser por volta das duas da manhã quando ouvi passos distintos no quarto por cima de nós.

Virei-me para ver se Isabel também ouvira e, ao perceber que eu estava acordada, sussurrou:

"Mrs. Davies, há alguém a falar lá em cima."

"Sim!", respondi. "Que estranho! Não pode ser a Mrs. G---- (a nossa anfitriã), pois sei que está muito abalada e doente; está deitada há horas. Quem poderá ser?"

Ficámos deitadas a ouvir e, durante a hora seguinte, ouvimos uma caminhada constante a percorrer o quarto por cima de nós. No entanto, acabámos por adormecer, exaustas pelo cansaço e pela tensão do dia.

No pequeno-almoço falámos sobre os passos. O meu marido não ouvira nada, e Mrs. G---- insistiu que devia ter sido apenas fruto da nossa imaginação excitada. Ela própria dormira profundamente e não fora perturbada. A cozinheira fora para a cama completamente bêbada, a criada estava ausente naquela noite e o criado estava acima de qualquer suspeita.

"Muito bem", disse eu, "então era um espírito."

Mrs. G----, que desprezava tal ideia, respondeu:

"Se for esse o caso, eu vou ‘assombrá-los’ a eles, pois esta noite ficarei acordada a vigiar."

Naquela noite, dormimos como na anterior: eu e as crianças no grande quarto das traseiras, o meu marido no quarto ao lado, na parte da frente. Ficámos a escutar, e, não ouvindo nada, acabei por adormecer. Mas não estava há muito tempo inconsciente quando fui subitamente despertada ao ouvir os mesmos passos no andar de cima.

Olhei para Isabel; ela também estava acordada e perguntou-me se eu estava a ouvir.

"Certamente!", sussurrei. "Quem não ouviria?"

Os passos tornaram-se mais altos e acelerados, até soarem como alguém a correr em círculos pelo quarto. Tínhamos uma luz de gás acesa e conseguíamos ver tudo distintamente ao nosso redor.

Os sons pararam lá em cima e deitámo-nos novamente. Eu estava de costas para a porta, enquanto Isabel a encarava. De repente, vi-a erguer-se lentamente na cama, com um olhar de terror absoluto no rosto. Tentou falar, mas nenhum som saiu dos seus lábios entreabertos. Nem sequer conseguiu suspirar, mas vi-a lentamente levantar o braço e apontar para a porta.

Sentámo-nos e, juntas, observámos a porta abrir-se lentamente. Ouvimos claramente a lingueta da fechadura a ser levantada. A porta abriu-se suavemente, até ao máximo.

Então ouvi Isabel sussurrar com dificuldade:

"Olha! É a Mrs. S----."

E, de facto, vimos uma pequena sombra cinzenta entrar no quarto e, a meio do caminho, parar e desaparecer. A porta, então, começou a fechar-se tão suavemente quanto se abrira.

Isabel desmaiou. Saltei da cama e, como estava, corri para o corredor para ver se alguém nos pregava uma partida.

Mrs. G---- estava a dormir profundamente no seu quarto.

Voltei a correr e chamei o meu marido, que trouxe uma vela e revistou a casa de cima a baixo, enquanto eu cuidava de Isabel.

As criadas foram encontradas a dormir, e no dia seguinte, estando eu completamente convencida de que tínhamos visto Mrs. S----, disse ao meu marido que deveríamos sair dali assim que possível, para evitar que as crianças se assustassem.

Mas, nessa noite, adoeci gravemente e, por um momento, temeram pela minha vida.

Não creio que a nossa jovem amiga alguma vez tenha recuperado do choque que recebeu com o incêndio e a visita do espírito.

Ficámos na casa por mais três semanas devido à minha doença e, durante todo esse tempo, não houve uma única noite em que não ouvíssemos os passos a caminhar no andar de cima.

CAPÍTULO XIV

UM CÉTICO CONVENCIDO

"Porque te falta a graça que outros possuem,
Julgas impossível alcançar maravilhas."
— Shakespeare

Quando recuperei da minha doença e nos instalámos novamente na nossa casa, retomámos naturalmente as nossas sessões espirituais. Frequentemente, juntava-se a nós Miss Florence Marryat, que acabara de regressar da sua bem-sucedida digressão pela América, cheia de histórias sobre as suas experiências com alguns dos médiuns que conhecera, relatos que mais tarde descreveu com grande detalhe no seu livro *There is No Death*.

Um dos espíritos que frequentemente se manifestava dizia ter seguido Miss Marryat desde a América. Declarava ser negro e dava o seu nome como "Julius Caesar".

Ele revelou-se um espírito alegre e bem-humorado, mas parecia não ter noção da enorme força física que possuía. Por vezes tornava-se rude e barulhento, e invariavelmente tínhamos de pedir a "Ned" ou a "Dewdrop" para o controlar. Nunca consegui descobrir como ele fazia, mas em quase todas as nossas sessões, conseguia tirar uma das minhas botas sem desapertá-la (tinha doze botões) e colocá-la sobre a mesa – e isto enquanto todos estávamos de mãos dadas.

Naquela altura, vivia connosco uma jovem governanta, Miss H----, uma mulher inteligente e de espírito forte, que costumava declarar constantemente que nada a faria tornar-se espiritualista.

Eu costumava dizer-lhe: "Não te preocupes com isso. Há muitas pessoas mais inteligentes do que tu que são espiritualistas, e como para

mim é indiferente quem acredita ou não, nunca perderei tempo a tentar convencer-te."

Apesar disso, ela participava frequentemente nas nossas sessões – claro, sempre por vontade própria.

Certa noite, estávamos sozinhos e Miss H---- sugeriu que fizéssemos uma sessão.

O meu marido perguntou: "O que achas, Bess? Vamos ver o que conseguimos?"

Eu concordei, e os três seguimos para a sala de estar.

O meu marido trancou a porta e entregou a chave a Miss H---- para que a segurasse.

Sentámo-nos ao redor de uma pequena mesa redonda e, passados alguns minutos, eu disse:

"Vamos ter uma sessão excelente, pois vejo o 'poder' a formar-se em grandes nuvens ao nosso redor. Espero, Miss H----, que não estejas nervosa."

Ela riu-se e respondeu com confiança que não via razão para estar nervosa, perguntando o que eu queria dizer com "poder".

Expliquei-lhe que, quando nos reuníamos para manifestações físicas, eu sempre via os espíritos a reunir uma espécie de vapor, que ascendia das pessoas que participavam na sessão.

Os espíritos erguiam as mãos, exatamente como nós faríamos para puxar algo suspenso sobre as nossas cabeças. Eu conseguia ver esse vapor nas suas mãos, e quando elas estavam cheias, colocavam-no sobre a cabeça da pessoa que era o médium físico.

Via então o corpo do médium a encher-se de luz, e faíscas a saltarem de todas as partes do seu corpo. Essas faíscas eram de várias cores, todas extremamente brilhantes. Elas atingiam a mesa, produzindo um som físico distinto – um estalo, na verdade.

Já vi uma grande massa dessas luzes a disparar subitamente do corpo de um médium, assentar sobre a mesa e, de imediato, fazê-la elevar-se, exatamente como um pedaço de aço seria atraído por um íman.

Nunca vi um espírito a produzir um som tocando fisicamente no objeto de onde o som se originava. O espírito comunicante segurava alguma parte do corpo do médium e, em resposta a uma pergunta, as faíscas eram emitidas, atingiam a mesa e produziam o som dos estalos.

Isto é o que chamo de "poder", e o médium é o reservatório onde ele é armazenado e condensado para uso.

Enquanto explicava tudo isto, tivemos várias manifestações da presença dos espíritos, e o meu marido sugeriu que, como estávamos num momento de grande energia, os nossos amigos espirituais deveriam fazer algo excecional, talvez materializar-se ou falar através da voz direta.

Por meio de estalos na mesa, fomos informados de que iriam trazer algo de outra divisão e perguntaram a Miss H---- se ela tinha certeza de que a porta estava trancada.

Ela respondeu: "Oh, sim! Mas tenho a chave comigo, e posso verificar."

Foi até à porta, certificou-se de que estava trancada e voltou ao seu lugar, ainda segurando a chave.

Pouco depois, ouvimos barulhos vindos do andar de cima, que era onde ficava o meu quarto.

Mentalmente, perguntei a "Ned", que estava ao meu lado:

"O que estão os outros a fazer lá em cima?"

Ele respondeu: "Estão a trazer algo."

"De onde?"

"Do guarda-roupa, creio eu."

"Mas está trancado, e a chave está no molho no meu bolso."

Ele apenas sorriu e disse: "Pensei que já tivesses aprendido mais do que isso, minha menina."

O silêncio tomou conta da sala e ficámos à espera. De repente, algo caiu com um estrondo no centro da mesa.

Ficámos assustados, e o meu marido estendeu a mão, pegou no objeto e disse:

"Bem, isto parece pelo. O que será?"

Toquei nele e percebi que era a minha própria bolsa de pele de foca. A armação metálica, ao cair, aparentemente danificara a mesa, e o fecho da bolsa estava partido. Fiquei aborrecida, mas foi parcialmente culpa nossa.

Miss H---- ficou muito surpreendida e perguntou:

"Os espíritos fariam algo para mim?"

"Sim", foi respondido através de estalos.

O meu marido sugeriu:

"Pede mentalmente o que desejas; será um teste ainda maior para ti."

Esperámos cerca de dez minutos e, de repente, Miss H---- exclamou, num tom excitado:

"Meu Deus! Há uma mão a colocar algo na minha! Uma mão pequena e quente! Oh, acho que é exatamente o que pedi! Acendam a luz, por favor!"

Acendemos o gás e vimos que Miss H---- segurava na sua mão um pequeno estojo de couro, dentro do qual estava uma fotografia.

Ela contou-nos que, sendo muito cética, pedira mentalmente que aquilo fosse trazido, pois sabia que estava no fundo da sua mala e não fora desembrulhado desde que deixara a casa dos pais para vir para a nossa.

Não houve o menor som na sala, e o estojo foi colocado na sua mão de forma tão silenciosa que, apesar de estarmos atentos, não notámos nada até ela falar.

Ela ficou convencida de que a mão pertencia à sua mãe, que fora conhecida pela delicadeza das suas mãos e pés em vida, e Miss H---- pedira especificamente a fotografia do seu pai.

Esta jovem senhora não só se tornou espiritualista, como também uma excelente médium.

CAPÍTULO XV

UMA EXPERIÊNCIA ASSUSTADORA

"Pois o assassinato, ainda que não tenha língua,
Falará com o mais miraculoso dos órgãos."
— Shakespeare

Além destes queridos amigos espirituais que me acompanham constantemente, sou frequentemente controlada pelos amigos e parentes dos meus consulentes, que, de outra forma, talvez nem soubessem como se manifestar – se não fosse pela assistência destes espíritos experientes.

"Dewdrop" deixou a Terra há quatrocentos anos e já havia aparecido em Nova Iorque e noutros lugares muito antes de chegar até mim.

Já vivi em várias casas assombradas (ou talvez as casas tenham ficado assombradas depois de eu me mudar para elas); mas os piores distúrbios que já ouvi ocorreram numa pequena casa de campo no sul de Inglaterra, onde fomos viver em 1887.

Eu não estava bem e precisava de descanso e tranquilidade, e a princípio ficámos encantados com aquele refúgio rural, que se erguia em meio a um belo terreno. A casa consistia numa parte antiga à qual tinha sido adicionada uma ala nova. Nada sabíamos sobre a história do local, mas, ao tomarmos posse, os nossos guias espirituais advertiram-nos para nunca realizarmos uma sessão na parte antiga da casa.

Não nos deram qualquer explicação para esta recomendação, mas decidimos segui-la.

Certo dia, porém, as nossas crianças (que estão tão familiarizadas com os espíritos como nós) quiseram realizar uma sessão de brincadeira na parte antiga da casa. Esquecendo por um momento a advertência dos nossos guias, consentimos e sentámo-nos por cerca de dez minutos para entreter os pequenos, que encenaram uma pequena dramatização, fingindo ser espíritos materializados.

Esses dez minutos custaram-nos muitos momentos terríveis.

Naquela mesma noite, fomos acordados por um ruído assustador, como se vários homens estivessem a marchar pelo corredor. O meu marido agarrou no revólver, preparando-se para enfrentar ladrões, embora nos parecesse muito estranho que assaltantes fizessem tanto barulho ao entrar.

Ao chegar à escadaria, não havia nada visível, exceto a porta da sala de estar, que antes estava fechada e agora se encontrava aberta.

Levantei-me também e examinámos a casa cuidadosamente. Encontrámos os quartos das empregadas trancados por dentro e as criadas profundamente adormecidas. Não havia qualquer vestígio de que alguém tivesse entrado.

Fechámos a porta e voltámos para a cama.

Ao perguntarmos a causa do incidente, os nossos espíritos disseram-nos que tínhamos negligenciado o seu aviso e que a breve sessão que havíamos feito com as crianças tinha dado aos espíritos malignos – que rondavam o local dos seus antigos crimes – poder suficiente para se manifestarem e causar os distúrbios de que havíamos sofrido.

Se, no entanto, mantivéssemos uma luz acesa, eles não teriam força para nos prejudicar.

Apesar disso, os ruídos continuaram intermitentemente durante toda a nossa estadia. No aniversário do primeiro distúrbio, foram mais violentos do que nunca. Ouvíamos pancadas, lutas, como se homens estivessem a debater-se entre si, seguidas de quedas pesadas.

Um dos nossos guias explicou-nos que, séculos antes, um homem e o seu filho tinham vivido na parte antiga da casa e gerido uma estalagem. Eram criminosos implacáveis e, ocasionalmente, assassinavam viajantes que se hospedavam ali.

Depois de esfaquear as vítimas, enterravam-nas num poço profundo no jardim, sobre o qual mais tarde foram construídos anexos.

O guia assegurou-nos que esses espíritos eram extremamente malignos, mas que não nos poderiam fazer mal, a menos que lhes déssemos oportunidade.

Deixo agora que o meu marido conte o resto da história com as suas próprias palavras, conforme ele a escreveu para um amigo:

"Certa noite, estava sentado à mesa do jantar, enquanto a minha esposa estava à minha frente, com o bebé nos braços. De repente, ela gritou:

'Tenho a sensação de ter sido esfaqueada no braço – uma dor horrível!'

'*Reumático*', disse eu, mas ela não respondeu.

Olhei para ela e, para meu horror, vi o seu rosto distorcer-se de forma terrível. Aos poucos, assumiu uma expressão demoníaca.

Em vez do rosto risonho e animado da minha querida esposa, vi diante de mim um velho de sobrancelhas carregadas e olhar frio e furtivo, que evitava o meu, deixando-me dividido entre o fascínio e o medo.

Já ouvira falar de transfiguração antes, mas nunca a testemunhara.

Levantei-me e aproximei-me dela, protegendo o nosso filho. O braço que o segurava foi afrouxando, enquanto a outra mão começou a deslizar sobre a mesa, dirigindo-se para uma faca.

Imediatamente, agarrei na faca e afastei-a do seu alcance.

A minha esposa suspirou pesadamente e, para meu alívio, percebi que ela estava novamente sob o controlo de um dos nossos espíritos amigos."

Depois desta experiência, decidimos que já chegava daquela casa e resolvemos abandoná-la.

Outra experiência estranha aconteceu-me numa casa assombrada em Brighton. Alugámo-la mobilada por três meses, esperando desfrutar de umas férias agradáveis.

A nossa família era composta por mim, o meu marido, os nossos dois filhos e uma ama. Ao chegarmos a Brighton – uma cidade com a qual eu mal estava familiarizada, sem conhecer ninguém nem os rumores locais – contratámos duas criadas adicionais e instalámo-nos na nova casa.

As crianças e a ama ocupavam um quarto nas traseiras da sala de jantar, com acesso pelo corredor. No andar acima ficava a sala de estar, com um quarto adjacente. No terceiro andar, havia mais dois quartos, um para as criadas e outro para mim e o meu marido.

O quarto junto à sala de estar estava desocupado, e decidi usá-lo como camarim para evitar subir e descer até ao meu quarto.

No entanto, após alguns dias, desenvolvi uma aversão inexplicável a esse quarto. Não conseguia suportar entrar nele, nem mesmo para tirar o meu chapéu, e um arrepio gelado percorria-me sempre que passava pela porta.

Um dia, ao descer as escadas do meu quarto, olhei para dentro do quarto vazio, cuja porta estava aberta, e para meu espanto vi um homem estranho parado ao pé da cama, olhando fixamente para ela.

Estava de mangas arregaçadas e vestia um colete escuro e calças.

Por um instante, pensei que fosse um operário enviado pela agência imobiliária, mas logo percebi que isso não poderia ser sem termos sido avisados antecipadamente.

Esses pensamentos passaram rapidamente pela minha mente enquanto permanecia imóvel à porta, demasiado assustada para me mexer.

O homem olhou diretamente para mim.

Então, diante dos meus olhos, desvaneceu-se e desapareceu.

Não faço a menor ideia de quanto tempo fiquei ali, a olhar para aquela aparição, pois foi exatamente isso que era. Ali, em plena luz do dia, com o sol a entrar pelas janelas, aquele homem espiritual permaneceu tempo suficiente para que eu captasse todos os detalhes da sua aparência – o rosto pálido e cadavérico, os olhos escuros e penetrantes, a testa alta e calva, a barba e o bigode negros. Vi-o com tal clareza que o reconheceria entre milhares.

Assim que desapareceu, corri escadas abaixo. Queria ter a certeza absoluta de que não tinham pregado uma partida comigo, mas descobri que a ama já estava fora com as crianças há algum tempo, que uma das criadas estava a preparar o almoço na cozinha e a outra a limpar o corredor. Era, portanto, impossível que alguém tivesse saído da casa sem que ela o tivesse visto.

O meu marido saíra para o seu passeio matinal, e esperei ansiosamente para lhe contar o que tinha acontecido. Quando ouviu a minha história (embora soubesse que eu não era uma mulher dada a imaginar tais coisas), começou a procurar pela casa de cima a baixo. Interrogou as criadas, mas não descobriu mais do que eu já sabia, e ficou claro que o nosso visitante misterioso viera e partira sem deixar qualquer vestígio da sua presença.

Durante vários dias, senti-me muito inquieta com o ocorrido, mas, com o tempo, essa sensação foi-se dissipando e decidi voltar a usar o quarto, tomando a precaução de manter a porta trancada e levar a chave comigo.

Penso que já tinham passado cerca de três semanas desde o meu susto quando, ao regressar de um passeio, fui até ao tal quarto para deixar o meu chapéu, que costumava pousar sobre a cama desocupada, coberta com um tecido branco.

Assim que destranquei a porta, ouvi o som de uma cadeira a arrastar-se e o ruído de um passo no chão. Mas não havia nada à vista, exceto que o cobertor branco da cama estava puxado para fora da almofada, no lado oposto à porta.

Tive a certeza absoluta de que, ao sair dali da última vez, o cobertor estava estendido de forma lisa e ordenada sobre toda a cama.

Ainda assim, coloquei o meu chapéu no mesmo lugar de sempre, cobri-o com o tecido e saí do quarto, trancando a porta e guardando a chave no bolso.

Não ouvimos mais nenhum distúrbio pelo resto do dia e da noite, e, na manhã seguinte, fui ao quarto para me vestir para um passeio.

Assim que abri a porta, percebi que algo estava errado e corri para chamar o meu marido. Entrámos juntos no quarto e deparámo-nos com uma cena aterradora.

Parecia que o próprio demónio tinha estado ali.

As roupas da cama estavam espalhadas pelo chão, o tapete da lareira estava amontoado sobre o ferro do braseiro, as cadeiras tinham sido derrubadas e, quanto ao meu lindo chapéu novo – onde estava?

Despedaçado!

As penas estavam espalhadas pelo chão em pequenos fragmentos, as fitas completamente rasgadas, e a estrutura de palha esmagada de forma irreconhecível.

O meu marido e eu ficámos profundamente abalados. Senti-me tão doente e angustiada que fui para a cama.

Tentámos esconder o sucedido das criadas, mas é difícil manter um segredo como este, e logo percebemos, pelo seu comportamento, que estavam assustadas.

Quanto a mim, como já disse, fiquei na cama – e sem chapéu.

Por volta das quatro da tarde, fui informada de que duas senhoras estavam na sala de visitas para me ver. Levantei-me e desci para recebê-las.

Naturalmente, já tinham ouvido falar do triste destino do meu chapéu. A senhora mais velha, uma mulher de temperamento forte e muito prática, não demorou a afirmar que alguém nos devia estar a pregar partidas e que o culpado deveria ser punido assim que fosse descoberto.

No entanto, à medida que lhe relatava a minha primeira experiência no quarto e descrevia o homem que tinha visto, a sua expressão mudou completamente.

Virou-se para a filha e disse:

"Edith, a senhora Davies está a descrever o homem que foi julgado pelo assassinato da esposa, mas absolvido devido a um álibi. E, meu Deus, esta é exatamente a casa onde o crime aconteceu! Mas esse homem ainda está vivo e, até há poucas semanas, morava aqui perto, em M---- Square. Que coisa curiosa!"

Após investigações, descobrimos que a informação da minha amiga era verdadeira.

A casa onde estávamos hospedados tinha sido ocupada por um casal sem filhos, o Sr. e a Sra. ----, que viviam de forma extremamente infeliz até que, por fim, se separaram e passaram a morar em diferentes partes da cidade. A esposa permaneceu na nossa atual casa e tornou-se uma alcoólica descontrolada.

Certa noite, alguns transeuntes notaram que a casa estava a arder e, ao arrombarem a porta, encontraram a pobre mulher completamente carbonizada.

Ao investigarem o local, descobriram que o único quarto que parecia ter sido usado era precisamente o tal quarto ao lado da sala de estar, pois a cama ainda estava quente. No entanto, o corpo da mulher foi encontrado no corredor de entrada, e tudo indicava que ela tentara abrir a porta para deixar alguém sair.

Constava que o marido tinha sido visto na cidade naquela noite por várias testemunhas. Ele negou e apresentou um álibi durante o inquérito do legista, o que resultou num veredicto inconclusivo.

Assim que nos foi possível, abandonámos aquela casa sinistra e, embora tenha tido experiências semelhantes noutras ocasiões, nenhuma me deixou tão abalada como esta.

CAPÍTULO XVI

EXPLICAÇÃO

"Se as circunstâncias me conduzirem, descobrirei
Onde a verdade está escondida."
— Shakespeare

O Sr. W. T. Stead, no seu livro *More Ghost Stories*, fez um relato da minha mediunidade. No entanto, há várias discrepâncias, pois o artigo foi escrito apressadamente – apenas um ou dois dias antes da publicação do livro.

Gostaria, portanto, de aproveitar esta oportunidade para corrigir pequenos erros, porque muitos amigos que me conhecem há muito tempo leram *More Ghost Stories* e me escreveram sobre isso.

O Sr. Stead afirma: *"Tenho pelo menos três guias espirituais que velam por mim... O primeiro e mais curioso é um espírito a quem chamamos Ned."*

Aqui está o primeiro erro.

"Ned", em vez de ser o primeiro, é o último e o menos desenvolvido dos meus amigos espirituais. É nele que dependo para as manifestações físicas, pois, estando ainda muito próximo da Terra na sua condição atual, tem mais facilidade em manipular forças físicas do que os espíritos mais elevados e avançados, como "Renée" e aquele a quem chamamos "Goodness".

"Ned" veio até mim em 1874, trazido por "Renée", com quem eu já estava em comunicação constante há pelo menos três anos, ou praticamente desde que começámos a realizar sessões espirituais em casa.

O próximo erro do Sr. Stead ocorre quando ele afirma (*More Ghost Stories*, p. 54): *"Pouco depois do meu casamento, fui acompanhada por outro espírito, uma senhora francesa."*

Como já mencionei, “Renée” estava comigo há algum tempo antes desse evento, e, nas suas comunicações, disse-me que tinha sido designada, ainda antes do meu nascimento, para ser minha guia.

O Sr. Stead também diz: *“Renée não permaneceu comigo por muito tempo.”*

Isso não é verdade.

“Renée” está comigo até hoje e nunca me deixou; no entanto, ela já não me incorpora, nem fala com ninguém além de mim.

As notas do Sr. Stead foram feitas apressadamente e não tivemos tempo de corrigir as provas antes da publicação. O que ele deveria ter dito era que, depois de eu me instalar em Londres, “Renée” deixou de falar através de mim, pois não suportava o ambiente ao meu redor e opunha-se fortemente às pessoas com quem eu estava associada.

“Goodness” não veio substituir “Renée”.

Ela apareceu perto de mim pela primeira vez através de um clarividente em Birmingham, mas eu já tinha tido comunicações com ela muito antes disso. Quando se manifestava, costumava dar pancadas, e chamávamo-la de “No. 7” porque sempre anunciava a sua presença com sete batidas, e a sua partida da mesma forma.

Foi-nos impossível dar-lhe um nome mais apropriado do que “Goodness” (*Bondade*). Sei o seu verdadeiro nome e história terrena, mas ela não permite que eu os revele.

Dizer que amamos “Renée” e “Goodness” é dizer muito pouco. O que elas representam para mim só pode ser descrito ao dizer que são os meus anjos da guarda. Se, em vez de ser uma mulher teimosa e obstinada, sempre insistindo em seguir o meu próprio caminho – e sofrendo por isso –, eu tivesse escutado os conselhos e desejos delas, nunca teria experimentado um momento sequer de infelicidade. Pois toda a infelicidade que tive na vida foi consequência direta das minhas próprias escolhas.

Agora chego a “Dewdrop”.

Ela veio até mim depois de me estabelecer em Londres, na primavera de 1876. Noutras partes deste livro, já relatei muitas das suas intervenções e feitos.

Muitas!, digo eu.

Se eu fosse relatar tudo, ou mesmo uma parte considerável da sua história desde que me apareceu pela primeira vez, encheria volumes. Nenhuma palavra minha pode expressar plenamente quem ela é ou como é a sua personalidade – a sua doçura e a sua ousadia, os seus gestos amorosos e a sua franqueza, o seu desprezo absoluto por falsidades e hipocrisias de qualquer tipo, que ela tem o maior prazer em expor e revelar a todos.

Mas a sua ajuda terna e amorosa, a sua compaixão por aqueles que sofrem, foram demonstradas a muitos ao longo dos dezasseis anos em que esteve comigo.

As histórias de dor e aflição que "Dewdrop" já ouviu contar posso contar às centenas, pois dificilmente há um dia da minha vida em que eu não faça uma sessão para alguém que busca auxílio no sofrimento, na doença ou em alguma outra angústia.

Sou obrigada a recusar muitas das pessoas que me escrevem pedindo sessões, simplesmente porque me recuso a usar a minha mediunidade apenas para entretenimento.

Talvez isso seja um erro da minha parte, mas, depois de vinte e cinco anos de experiência, cheguei à conclusão de que esses dons mediúnicos devem ser usados para um propósito mais elevado do que simplesmente prever o futuro ou proporcionar uma hora de diversão.

Muitas pessoas vêm até mim como iriam a um quiromante ou a um leitor de cartas. No entanto, para mim, essas práticas nada têm em comum com a ciência espiritual.

Sei ler a palma da mão e as cartas.

Ler as cartas é uma brincadeira divertida; a quiromancia, por outro lado, é um estudo genuíno e prático, útil e que deveria ser mais bem compreendido. No entanto, nenhuma dessas artes tem absolutamente nada a ver com clarividência (segunda visão) ou mediunidade de qualquer tipo.

Há muitos médiuns que leem as cartas, e é por isso que tantas pessoas acreditam que as cartas podem prever o futuro com exatidão.

O que acontece é que o médium usa as cartas da mesma forma que alguns videntes usam um cristal ou um copo de água – como um meio de focalizar a mente e aceder à informação que já está à sua volta.

Já fiz leituras de cartas para amigos que nunca acreditariam em clarividência, inspiração ou mediunidade.

Quando veem que o que lhes digo é verdade, exclamam: *"Oh, mas como é possível? Ensine-me como faz isso!"*

O que faço é simplesmente espalhar as cartas e aguardar que os próprios espíritos dos consulentes me transmitam as informações desejadas.

Afastei-me um pouco do tema "Dewdrop", mas, tendo explicado quando ela veio até mim, remeto os leitores para outras partes do livro onde falo mais detalhadamente sobre ela.

Tenho muitos outros amigos espirituais além dos já mencionados. No entanto, não é necessário falar de todos aqui, exceto para dizer que dois deles afirmam ser médicos.

São eles que fazem diagnósticos através de mim para aqueles que me procuram doentes, e esta é, de facto, a minha fase favorita da mediunidade.

Acredito que a mediunidade de diagnóstico deveria ser mais desenvolvida e praticada pelos médiuns públicos.

Sei bem, contudo, que as sociedades médicas rapidamente interviriam contra isso.

Os médicos detestam que alguém lhes pise os calos – mesmo quando essa pessoa tem razão e sucesso no que faz, e mesmo que esses *calos* estejam completamente errados.

Um dia, a classe médica perceberá que há algo de verdadeiro na clarividência, assim como já admitiram a existência de um *algo* (que consideram uma força perigosa) no hipnotismo e no mesmerismo.

E quando isso acontecer, certamente tentarão aprovar uma lei estipulando que a clarividência só pode ser usada por médicos devidamente qualificados.

Mas os médiuns espiritualistas e os clarividentes devem antecipar-se a isso.

Devemos pegar nas crianças clarividentes, educá-las a um nível elevado, e assim retirar o poder desses cientistas dogmáticos e de mente fechada, que tanto gostam de falar sobre as forças ocultas da natureza –

mas, quando essas forças se manifestam diante deles, recusam-se a acreditar, chamando-lhes fraude e charlatanismo.

Os verdadeiros fenómenos espirituais suportam qualquer tipo de investigação e teste.

É precisamente a mediunidade que se recusa a ser testada que merece ser posta em dúvida.

E o pior erro que os espiritualistas já cometeram foi afirmar que os testes deveriam ser abolidos.

CAPÍTULO XVII

CAÇA ÀS BRUXAS E

ESPÍRITOS PERSEGUIDORES

"Assim o Vidente, com visão clara,
Vê formas aparecer e desaparecer."
— Longfellow

Caro Sr. Burns,

Como está sempre interessado em tudo o que diz respeito a sessões espíritas e às condições que lhes estão associadas, achei que valeria a pena enviar-lhe este relato de uma experiência recente minha.

Sabe que me recuperei há pouco tempo de mais um dos meus frequentes períodos de doença e, recentemente, aceitei um convite para passar algum tempo na bela residência de Sir H---- H----, situada não muito longe de Londres, numa região campestre deslumbrante e rodeada por um vasto parque.

A casa e os seus arredores são bem conhecidos e têm um grande valor histórico. Reis e rainhas, bem como estadistas famosos, viveram, trabalharam e conspiraram ali, pelo que me senti, de certa forma, preparada para experiências interessantes.

Na terceira noite após a minha chegada, Lady H---- sugeriu que realizássemos uma sessão espírita e tentássemos obter fenómenos físicos. Fiquei entusiasmada com a ideia.

Durante o jantar, decidimos que a sessão teria lugar no boudoir de Lady H----, um quarto encantador, alto e bem ventilado, o que é essencial para o desenvolvimento da força espiritual, pois um ambiente fechado e viciado torna as manifestações incertas e prejudica os participantes.

Além de mim, não havia outros espiritualistas presentes, embora Lady H---- se interessasse pelo assunto. Sentámo-nos à mesa às dez da noite: Lady H---- , Mrs. B---- d, Miss Rosa ---- , Mrs. A---- , Mr. Fitzroy L---- e eu.

Em poucos minutos, senti uma forte presença de energia física, especialmente através de Lady H----, que estava sentada em frente a mim, e do Sr. Fitzroy L----, que estava ao meu lado.

Decidimos dar as mãos em círculo, e rapidamente começaram a ouvir-se pancadas fortes na mesa e em várias partes do quarto. No entanto, senti que uma presença peculiar e desagradável estava ali connosco.

A mesa, uma grande peça octogonal com quatro pernas e uma prateleira por baixo, elevou-se bem acima das nossas cabeças. Eu, sendo pequena, tive de soltar as mãos, pois os outros estavam em bicos de pés para acompanhá-la.

Sentimos mãos a tocar-nos nos ombros, nas mãos e nos rostos. De repente, uma mão forte agarrou a renda do vestido de Lady H---- e puxou-a com força. Ela gritou, e a renda foi imediatamente largada.

Depois, a cadeira de Mrs. A---- começou a ser violentamente sacudida, quase atirando-a ao chão. Eu fui levantada no ar e colocada numa grande poltrona.

O nome "Cotton" foi soletrado através de pancadas fortes, seguido de uma ordem para sairmos do quarto, pois o espírito "Cotton" não queria a nossa presença ali.

Ignorámos a ordem e voltámos a juntar-nos em torno da mesa.

De repente, senti uma grande mão a mover-se sobre a mesa e a bater com força, como se estivesse a usar um martelo.

Em seguida, senti-a no meu ombro e, logo depois, recebi uma série de golpes fortíssimos nos joelhos.

Não me doeram, embora fossem extremamente pesados.

Mas agora vem a parte mais estranha.

Na manhã seguinte, acordei coberta de hematomas, e, ao escrever isto, oito dias depois, os meus membros ainda estão muito marcados e descoloridos pelos golpes do "Sr. Cotton", que fez o que quis durante pelo menos uma hora, até que foi expulso pelo meu amigo "Ned", que assumiu o controlo da sessão e garantiu que o resto da noite decorresse sem problemas.

Mesmo assim, não creio que alguns dos participantes queiram repetir uma sessão de manifestações físicas tão cedo.

A cadeira do Sr. Fitzroy L---- desapareceu enquanto estávamos de pé, e, quando acendemos a luz, encontrámo-la sobre a mesa, onde foi colocada sem que ninguém tivesse ouvido um único som.

No entanto, o Sr. Fitzroy L---- lembrava-se de ter sentido algo no ombro pouco antes e ficou tão abalado que, depois de dizer que aquilo era "demasiado assustador" para ele, saiu apressadamente do quarto.

Agora vem a parte curiosa – ou melhor, interessante – do caso.

Quando voltei para casa e contei o sucedido, a minha filha Mabel exclamou:

"Oh, mamã! Eram alguns dos antigos caçadores de bruxas! Não te lembras de que o Rei Jaime I, que aprovou as leis contra a feitiçaria, viveu no parque de ----? E um homem chamado Cotton Mather, conhecido simplesmente por Cotton, foi um dos mais notórios perseguidores de bruxas, responsável pela tortura e morte de centenas de mulheres acusadas de bruxaria. Ele morreu em Salem e foi enterrado em Boston, Massachusetts, EUA."

Com isto, cheguei à conclusão de que, na nossa sessão em ---- Park, alguns espíritos tinham regressado. Devido às atrocidades que cometeram em vida, ainda estão de alguma forma presos à Terra, e, no estado inferior em que se encontram desde a morte, continuam a perseguir e atormentar os vivos, tal como faziam em vida.

Embora não tenha sentido dor nem qualquer outra consequência negativa além dos hematomas, estes servem como prova de que "Cotton" ainda sente prazer em torturar.

Os médiuns e os sensitivos precisam de ter o máximo cuidado com as condições que envolvem as sessões espíritas.

Esta foi a minha primeira experiência deste tipo em trinta anos.

Não me arrependo de nada, mas fica aqui uma lição que poderá servir de advertência para outros.

Atenciosamente,

Bessie Russell Davies
Sunnyside, Ledrington Road, Upper Norwood, 12 de setembro de 1893

Eu tinha estado gravemente doente durante algumas semanas e, ao recuperar, recebi um convite da minha amiga Madame Giulia Valda para acompanhá-la numa curta estadia na residência de campo de Lady H----, situada no coração de uma bela região rural, a menos de cem milhas de Londres.

No dia 27 de julho de 1893, Madame Valda e eu deixámos Londres e, em menos de duas horas, encontrávamo-nos já sob o acolhedor teto de Lady H----.

Fiquei encantada com a beleza do local e compreendi perfeitamente o profundo amor que Lady H---- sente pela sua magnífica casa.

Por razões especiais, não posso revelar o verdadeiro nome da propriedade e, daqui para a frente, referir-me-ei a ela simplesmente como **Baldwin Park**.

Depois de um curto descanso e de uma chávena de chá revigorante,

passeámos pelos terrenos e, em pouco tempo, encontrámo-nos perto das cavalariças. Disseram-me que Lady H---- tinha um grande interesse e amor pelos seus cavalos, mas não estava de todo preparada para a surpresa que tive ao ver, pela primeira vez, os seus estábulos, baias e pastagens. Vários acres de terreno estavam ocupados por eles, e parecia-me que havia um verdadeiro regimento de tratadores e empregados por todo o lado.

Senti-me um pouco desorientada e bastante ansiosa por me afastar, pois sempre tive um medo peculiar de animais e, de facto, não gosto de cavalos. Nunca consigo aproximar-me deles e, se puder evitá-lo, nem sequer lhes toco. Este facto torna ainda mais estranho que um dos meus

amigos espirituais mais queridos seja um apaixonado por todos os animais e, sem dúvida, um dos mais fanáticos por cavalos que possa existir. Refiro-me a Ned, e estou prestes a relatar uma experiência com ele, cuja presença se manifestou assim que nos encontrámos no que, eu sabia bem, seria o seu ambiente natural.

Lady H---- sorriu para mim e disse:

— Ora vejamos, Sra. Russell-Davies, tem um espírito que percebe de cavalos; venha ver algumas das minhas éguas com as suas crias.

Não quis recusar, pois era evidente que sua senhoria pensava que me estava a proporcionar um prazer. Contudo, o meu coração disparou e, com um sorriso forçado, iniciámos o que, para mim, era uma verdadeira expedição aterradora.

Mentalmente, pedi a Ned que viesse em meu auxílio, sabendo, no entanto, que, como o chefe dos tratadores e outro empregado estavam connosco, ele não tomaria o controlo do meu corpo. Ainda assim, senti a sua presença, guiando-me nas respostas às perguntas que Lady H---- me fazia sobre as mães e as suas crias. Pelas suas expressões, percebi que as minhas respostas a agradavam e vi que os tratadores pareciam surpreendidos, mas senti um grande alívio quando chegámos à última baia.

Esta continha um cavalo que até eu, mesmo sem gostar destes animais, não pude deixar de reconhecer como sendo uma das criaturas mais belas e bem formadas que alguma vez vira. Ned voltou a sugerir-me o que dizer, mas, oh, como fiquei aliviada por sair daquele estábulo e preparar-me para regressar à casa!

Não tínhamos dado muitos passos quando Ned me disse:
— Diz que há uma égua que vai morrer em breve; ela está doente.

Transmeti a mensagem, ao que Lady H---- respondeu, visivelmente perturbada:

— Pelo amor de Deus, não me diga que uma das minhas lindas éguas vai morrer! Não me diga isso, ou nunca a perdoarei. Sabe que cada uma delas vale uma pequena fortuna? E, além disso, amo-as tanto!

Respondi:

— Não posso evitar; limitei-me a transmitir-lhe a mensagem.

Vi que estava muito aflita e voltou para falar com o chefe dos tratadores. Caminhei devagar em direção à casa e, quando Lady H---- me alcançou, disse:
— Isto é muito estranho. Há uma égua aqui que não viu; pertence a um amigo que a deixou aos meus cuidados, e o tratador disse-me que não está bem. Já mandei chamar o veterinário e espero que ela melhore e que esteja errada, pois não há nada mais desagradável do que perder um cavalo.

Não tinha mais nada a acrescentar e, ao chegarmos à casa, cada uma retirou-se para o seu quarto para se preparar para o jantar.

Madame Valda não nos acompanhara aos estábulos, mas, como tem um grande interesse e afeição por Ned, estava ansiosa por ouvir tudo sobre a visita e saber o que ele pensava do haras.

Após o jantar, Ned tomou o controlo do meu corpo e conversou longamente com as senhoras. Ficámos a falar até tão tarde que, quando nos retirámos para dormir, já era bastante tarde.

Foram preparados quartos separados para nós, mas, como eu me sentia indisposta, Madame Valda insistiu para que partilhasse o seu quarto, o que aceitei com gratidão, pois sinto-me sempre nervosa quando estou sozinha no escuro.

Dormi bem e acordei para encontrar um dia esplêndido. Tomámos o pequeno-almoço no quarto e, ao descer, um lacaio entregou-me uma mensagem de Lady H----, dizendo que estava no parque e que ficaria encantada se nos juntássemos a ela.

Não me atrevo a tentar descrever Baldwin Court — a tarefa é demasiado árdua para mim. Mas, se já me parecera bela na noite anterior, agora, banhada pela luz dourada do sol, parecia-me um verdadeiro paraíso na Terra.

A casa é feita de tijolo vermelho, com uma grande torre quadrada numa das extremidades. É um local de grande importância histórica. Reis e rainhas realizaram cortes e festas magníficas ali, e, sob a sombra profunda das majestosas árvores do parque, uma rainha passeou muitas e muitas eras atrás. Mas, bela como ela possa ter sido, a atual senhora e rainha de Baldwin Court não lhe fica atrás, tanto em beleza e graça como em bondade de coração e generosidade para com amigos e, se os tiver, inimigos.

Percebi rapidamente que Lady H---- possuía fortes dons mediúnicos e era dotada daquela energia peculiar que nós, espiritualistas, chamamos magnetismo curativo. Assim que se aproximava de mim ou me tocava, sentia um fluxo poderoso dessa energia, e, quando segurava a sua mão, parecia que uma corrente elétrica percorria o meu braço até ao ombro. Naquela manhã, quando a encontrámos no parque, aos meus olhos clarividentes, ela estava envolta por uma densa nuvem branca, dentro da qual, para meu espanto, surgiam rostos de espíritos.

Não mencionei nada, pois, regra geral, evito assustar as pessoas.

Outra visitante estava hospedada em Baldwin Court além de Madame Valda e eu, e ela estava com Lady H---- quando nos juntámos a elas no parque.

Poucos minutos depois, Madame Valda e Miss B---- afastaram-se para passear, deixando-me a sós com Lady H----, que logo começou a dizer-me que, desde a noite anterior, pensara muito no que eu lhe dissera.

Ela tinha ido aos estábulos e conversado demoradamente com o chefe dos tratadores, um homem muito inteligente. Descobrira que a égua doente piorara e, ao falar com o tratador, percebera que ele próprio tinha algum interesse em mistérios e horóscopos.

Então acrescentou:

— Agora, minha querida Sra. Davies, sabe que sou uma novata nestas questões ocultas, e espero que me perdoe se pareço duvidar de si. Mas gostaria de pôr à prova tanto a si como ao seu "Ned". Importar-se-ia de pedir ao "Ned" que viesse ele próprio falar com W---- (o tratador)?

Sorri e respondi:

— De modo algum, não tenho objeções. Mas o que me diz do tratador, quando ouvir o forte sotaque de Lancashire, os termos próprios do mundo equestre e a linguagem nem sempre refinada de "Ned", que, como ele mesmo diz, não é um tipo orgulhoso e não se importa de soltar um "grande e sonoro palavrão" através da minha boca? O homem já me ouviu falar e pode ficar surpreso.

Lady H---- riu-se e disse:

— Oh, não tem importância, já lhe disse que é uma bruxa!

Ri-me também, pois tenho um certo orgulho na minha "bruxaria", e respondi:
— Muito bem, que assim seja. Mas terá de arcar com as consequências.

Ficou então combinado que, às sete da tarde, eu iria aos estábulos para que “Ned” analisasse pessoalmente os cavalos.

Mantivemos o nosso compromisso e os resultados dessa visita eu só posso contar através das palavras de Lady H----, pois, no momento em que “Ned” toma o controlo do meu corpo, perco toda a noção do tempo e da realidade.

"Fomos, Sra. Davies, pelos estábulos, e em um deles ‘Ned’ reconheceu uma égua como uma velha conhecida, mencionando o nome de seu antigo dono como Conde B---- y, o que asseguro que estava absolutamente correto. Outra égua, uma potra de um ano, ele declarou ser filha de P----, e novamente estava certo. Então, propus levá-lo para ver a égua doente.

Assim que a porta do estábulo foi aberta, onde ela estava deitada, ‘Ned’ entrou e colocou sua mão (?) sobre seu lado, e olhando para o tratador disse: ‘Oh, pobre criatura, ela está morrendo. Há um potro morto e um útero rompido. Vocês têm lhe dado éter clórico para aliviar sua dor. Ela estará morta pela manhã. Oh, pobre criatura!’

Saímos do estábulo, pois eu (Lady H----) não suportava ver a pobre criatura naquele estado, mas decidi naquele momento lembrar das palavras do Sr. Ned e, assim que a égua morresse, mandá-la abrir para exame.

Ela morreu logo na manhã seguinte, e o veterinário fez uma cuidadosa autópsia, provando, sem dúvida, que Ned estava absolutamente certo e que, como ele descreveu, ‘viu através dela’.”

O relato acima foi dado por Lady H----. Quanto a mim, nada sei sobre cavalos, nunca convivi com pessoas ligadas a eles, e, acima de tudo, detesto ter qualquer envolvimento com eles.

Na mesma noite da visita de Ned aos estábulos, enquanto estávamos jantando, frequentemente ouvimos batidas fortes na mesa. Pedi especialmente aos espíritos amigos para que se mantivessem em silêncio até que os empregados saíssem da sala, para que ficássemos a sós. As batidas diminuíram um pouco, mas não cessaram completamente, sendo retomadas com ainda mais força assim que os criados fecharam a porta atrás deles.

Começamos então a fazer perguntas, e as comunicações dos nossos visitantes espirituais revelaram-se de natureza muito pessoal, ligadas a assuntos familiares, razão pela qual não posso falar sobre elas.

Comecei a me sentir um pouco exausta quando Lady H---- segurou minhas mãos e disse:
"Sinto que posso lhe dar forças."

E, de fato, deu, pois os sons se tornaram ainda mais altos. Em vez de batidas e leves toques na mesa, ouvimos pancadas fortes, como se alguém estivesse golpeando a madeira com um martelo pesado. O candelabro no centro da mesa começou a se mover para cima e para baixo, nossas cadeiras foram tocadas e o chão ao nosso redor vibrava. Isso continuou por mais de uma hora, até que nos disseram que a energia havia se esgotado e que precisávamos encerrar a sessão.

Nós quatro, então, fomos para a sala de estar, onde Madame Valda cantou para nós, como só Guila Valda pode cantar. Todos pensamos que, pelo menos naquela noite, as manifestações espirituais tinham acabado, mas às **23h40**, "Dewdrop" apareceu e disse que, se sua senhorita permitisse que todas as luzes fossem apagadas (a sala era iluminada por eletricidade), ela queria nos mostrar algo para coroar nossa sessão da noite.

Todos nos sentamos em total escuridão, e, de repente, "Dewdrop" falou e disse:
"Olhem!"

Lá, bem acima de nossas cabeças, apareceu uma pequena estrela, que subiu lentamente em direção ao teto, às vezes desaparecendo quase completamente até que mal pudéssemos vê-la. Depois, outras surgiram, até que contamos **seis luzes**, algumas próximas ao chão, e uma maior apareceu repentinamente sobre meu peito. Elas ficaram visíveis por dez minutos inteiros, até que todas se reuniram em uma única massa e desapareceram pelo chão.

"Boa noite. Vão para a cama", foi a última mensagem que ouvimos, e a sensação que nos envolveu foi tão intensa que quase em silêncio nos despedimos e cada uma foi para seu quarto.

Penso que já mencionei anteriormente que, por ser fraca e nervosa, nunca gostei de dormir sozinha. Por isso, estava a partilhar o quarto com Madame Valda.

Já estávamos prontas para dormir e prestes a apagar a luz, quando ouvimos Lady H—— à porta, chamando por nós:

"Onde estão? Podem vir ter comigo? Preciso de vocês."

Madame Valda correu para fora, mas eu fiquei para vestir o roupão. Quando me juntei a elas, Lady H---- contou-me que, depois de nos despedirmos com um "Boa noite", ela e Miss B---- tinham subido para o seu quarto, que ficava no andar acima do nosso.

Naquela noite, Lady H---- tinha usado uns magníficos diamantes e, depois de os tirar do pescoço, desceu até à casa de banho, que ficava no nosso andar. Ia a meio da escadaria quando viu uma mulher sair silenciosamente da casa de banho, atravessar o corredor e desaparecer na escuridão.

Ela viu a figura nitidamente, mas o rosto estava oculto. Descreveu-a como uma mulher muito alta, com cerca de 1,73 metros, vestida com um longo vestido preto e um corpete branco ou um xaile branco sobre os ombros.

Sabendo que não havia ninguém daquela altura na casa, nem entre os convidados nem entre os criados, o primeiro pensamento de Lady H---- foi que um ladrão se tinha infiltrado. Mas, mantendo a calma e a presença de espírito, chamou logo:

"Diana, há alguém aqui! Não saias do meu quarto nem toques nas joias."

Em seguida, correu pelo corredor atrás da figura, que, nesse momento, já tinha desaparecido por completo.

Depois, veio até ao nosso quarto. Apesar de visivelmente perturbada, mantinha-se serena. Juntas, revistámos a casa, mas não havia qualquer sinal da misteriosa visitante—nada estava fora do lugar.

Ela veio e partiu sem deixar rasto, e o fantasma de Baldwin Court continua a ser um mistério que ainda esperamos desvendar.

Esta história torna-se ainda mais intrigante porque outra pessoa, além de Lady H----, também teve uma experiência estranha naquela noite. Essa pessoa nem sequer sabia que eu estava na casa e, sem que lhe perguntassem nada, contou a seguinte história a uma jovem alguns dias depois do acontecido:

"Na noite de 28 de julho, fui para a cama por volta das dez. Costumo ter o sono leve, mas naquela noite adormeci profundamente. Por volta das onze e meia, acordei ao ouvir passos suaves a virem pelo corredor em direção à minha porta. Depois, ouvi duas batidas muito leves, mas bastante distintas.

Nesse momento, despertei completamente, mas de forma gradual. Logo a seguir, ouvi de novo as mesmas duas batidas suaves e, em seguida, uma voz misteriosa com um forte sotaque alemão chamar baixinho: 'Fräulein! Fräulein!'

Fiquei tão assustada que não me consegui mexer, nem tive coragem para perguntar quem era. O mais estranho de tudo foi a forma como acordei."

Esse relato foi escrito pela governanta alemã que trabalhava para Lady H----. A jovem que o ouviu confirmou tudo.

CAPÍTULO XVIII

CLARIVIDÊNCIA

"O estranho que se senta à minha lareira não pode ver
as formas que eu vejo, nem ouvir os sons que eu ouço."

— "Casas Assombradas", Longfellow.

Até agora, falei mais sobre espíritos-guia e manifestações psíquicas do que sobre clarividência. Mas parece-me que os relatos das minhas primeiras experiências levaram naturalmente a este tema. Agora, espero demonstrar que tenho alguma legitimidade para ser chamada de clarividente.

Desde criança, sempre tive um medo terrível do escuro e, confesso, ainda hoje não o superei completamente. Se puder evitar, nunca fico no escuro absoluto. Durmo sempre com uma luz acesa e, quando viajo, levo sempre comigo uma boa quantidade de velas de noite.

Às vezes, pergunto-me se esse medo não terá uma origem pré-natal, pois um dos meus irmãos tinha exatamente a mesma fobia e o meu próprio filho sente um verdadeiro pavor da escuridão.

Na minha infância, não nos era permitido ter qualquer luz nos quartos e, depois de nos deitarmos, éramos deixados na completa escuridão. O que sofri com isso é difícil de descrever.

Havia noites em que ficava aterrorizada ao ponto de quase enlouquecer. Mais tarde, os meus espíritos-guia contaram-me que faziam um enorme esforço para impedir que eu os visse claramente ao meu redor, pois sabiam que isso me causaria pânico.

Na altura, eu não sabia nada sobre espíritos ou manifestações. Mas lembro-me bem de um episódio com uma das minhas irmãs. Uma noite, ela pediu-me para descer ao nosso quarto e buscar algo que precisava. Ao chegar à escada, percebi, para meu horror, que tudo estava mergulhado na escuridão.

Comecei a correr pelo corredor, mas, para minha surpresa, vi ao meu lado uma criança pequena a correr comigo. Só anos mais tarde percebi que era um espírito. Vi-a claramente no escuro: uma menina menor do que eu, sorrindo, como se estivesse encantada por correr uma corrida. Enquanto isso, eu quase morria de medo.

Também acordei várias vezes durante a noite e vi rostos doces e luminosos a sorrirem para mim. Assim que percebiam que eu os via, desapareciam rapidamente. Hoje, quando os vejo, reconheço-os como velhos amigos, mesmo que nunca os tenha conhecido em vida.

No escuro, vejo-os sempre, quer queira, quer não. Mas sob a luz, preciso de entrar num estado especial para induzir a clarividência. Esta é, na verdade, a principal razão pela qual prefiro dormir sempre com uma luz acesa—mais do que o próprio medo da escuridão.

Quando tinha nove anos, o meu pai (que adorava ler em voz alta) costumava partilhar connosco artigos de jornal sobre um famoso mesmerista, cujo nome já esqueci.

Esse mesmerista dedicava-se a estudar clarividentes, e lembro-me de desejar intensamente poder ver todas as coisas extraordinárias que ele descrevia. Mal sabia eu, naquela altura, que já possuía esse dom e que, sem o saber, já o utilizava.

Os anos passaram e, na escola e entre amigos, fui deixando para trás as imagens e figuras estranhas que costumava ver nas noites de insónia.

Quando eu tinha onze anos, vivíamos em Chester, numa casa muito grande, perto de onde agora se encontra o Hotel "Grosvenor". Estava hospedado connosco um parente que, infelizmente, tinha o hábito de sofrer ataques terríveis—não se pode chamar-lhes outra coisa—de embriaguez.

Numa noite, eu estava a ler na cama, quando, de repente, a página diante dos meus olhos pareceu desvanecer-se, e vi distintamente o hall da nossa casa, claramente diante de mim. Parecia estar a olhar para baixo para ele; vi a porta da frente abrir-se e o nosso amigo bêbado entrar silenciosamente. Vi-o caminhar suavemente até ao pé das escadas, descalçar as botas e começar a subir. Quando ia a meio do caminho, parou, voltou atrás e desceu novamente, atravessou o hall e saiu pela porta das traseiras para o pátio.

Parece que fiquei à espera, sabendo que ele voltaria, e logo o vi entrar novamente e subir sorrateiramente as escadas, mas desta vez trazia uma arma terrivelmente ameaçadora; era uma picareta de carvão e um martelo feitos (incluindo o cabo) de ferro. Vi-o subir as escadas, dirigir-se ao quarto da minha mãe e entrar. Parecia-me perfeitamente capaz de ver tudo o que ele fazia, e vi-o tentar abrir as tampas de dois grandes baús que, eu sabia, estavam cheios de porcelanas e vidros antigos de grande valor, pertencentes à família.

Ao perceber que os baús estavam fechados, vi-o pegar na ponta afiada do martelo, forçar a abertura de uma tampa e depois da outra e, ajoelhando-se, atirar para fora todos os preciosos tesouros que estavam dentro.

Parecia estar à procura de algo mais, e, por fim, soube o que era; tratava-se de uma grande soma de dinheiro que a minha mãe tinha recentemente recebido como herança e que, mesmo sendo apenas uma criança, eu sabia que estava na casa e também sabia onde.

Oh, o medo e o horror daquele momento! Eu estava sentada na cama, agarrada aos cobertores e banhada em suor. Por fim, o intruso percebeu que o que procurava não estava ali e, num acesso de fúria, começou a partir a porcelana e o vidro. Vi-o reduzir algumas peças a pó, e quase nada ficou intacto. Por fim, pareceu assustar-se, pois ficou imóvel como se estivesse a escutar, e então, agarrando no martelo, correu rapidamente escadas acima para o andar onde ficava o meu quarto. Nesse andar havia quatro quartos e um pequeno, usado para guardar tralha. Entrou neste último, escondeu o martelo grande atrás de um pedestal de mármore partido, desceu as escadas em silêncio e saiu pela porta da frente.

Quando a minha irmã mais velha, que dormia comigo, chegou à cama, eu estava a chorar e disse-lhe que tinha tido um sonho terrível. Ela riu-se e disse-me para dormir.

No dia seguinte, contei tudo à minha mãe, e ela ficou tão impressionada que, nesse mesmo dia, colocou o dinheiro numa caixa segura e enviou-me, acompanhada por um velho e fiel criado, para o depositar em lugar seguro. Os baús de porcelana e afins foram levados para o quarto dos meus irmãos, e foi feita uma busca pelo martelo de carvão, que o criado relatou estar desaparecido. Foi encontrado exatamente onde eu tinha visto que fora escondido e, infelizmente, devolvido à cave.

Mas como o nosso parente não fora visto desde o dia anterior, a minha mãe mandou procurá-lo pela cidade, sem sucesso. Dois dias passaram e, na manhã do terceiro, o homem encarregado de encontrar a pessoa desaparecida estava no hall a falar com a mamã. Eu estava bastante perto quando, de repente, ouviu-se um terrível som de pancadas e de objetos a partir-se lá em cima. Parecia que eu sabia de imediato o que era e, assim que o homem subiu as escadas, eu segui-o, mas já era tarde demais.

Ali estava ele, louco de embriaguez, com o martelo terrível erguido nas duas mãos; tinha encontrado os baús, tudo estava destruído e, tendo revistado o quarto da minha mãe sem sucesso, dirigira-se ao quarto que eu e a minha irmã ocupávamos. Ao encontrar a porta trancada, tinha arrombado os painéis.

E foi então que tive o meu primeiro momento de controlo. Senti-me de repente enrijecer e, apesar de ser apenas uma criança, disseram-me mais tarde que me atirei sobre aquele louco, torci-lhe o martelo das mãos e, antes que alguém pudesse intervir, ele já estava a rebolar escadas abaixo. Quando recuperei os sentidos, estava deitada num sofá, a minha mãe inerte numa cadeira, e um polícia e o detetive a amarrarem os pés do homem enlouquecido.

No dia seguinte, alguns cavalheiros vieram e, depois de uma entrevista com a minha mãe, pediram para me ver. Quando o fizeram, declararam que eu devia ter estado possuída. Havia marcas nas palmas das minhas mãos, onde as unhas cortaram a pele quando fiquei rígida. Assim terminou a minha primeira experiência aterradora.

Passo agora para aquele período mencionado nos meus primeiros capítulos, quando descobri os meus poderes peculiares e comecei a exercê-los. Como acontece normalmente com um brinquedo novo, nunca nos cansamos dele, e parecia-me que nunca poderia usar o meu dom o

suficiente. Nós—minha irmã Fanny e eu—passávamos horas todos os dias com as nossas experiências, e oh, que alegria era!

Éramos órfãos—três irmãos, a minha irmã e eu, a viver juntos, com muito poucos amigos e sem qualquer parente conhecido no mundo, a menos que se possa contar um, um snobe convencido e orgulhoso do seu dinheiro, a quem nunca tínhamos visto nem desejávamos ver naquela época.

CAPÍTULO XIX

CUI BONO

"O que sabemos dos espíritos, bons ou maus, ou do seu poder para nos ajudar ou prejudicar?"
— Longfellow

A questão que frequentemente se encontra ao discutir o espiritualismo é: de que serve tudo isto? Não pretendo agora entrar numa longa explicação sobre as suas utilidades, mas darei um breve relato de pelo menos um caso em que foi, de facto, extremamente útil.

Na época referida no meu capítulo anterior (refiro-me ao período da minha vida em que os meus dons estavam a ser desenvolvidos ou desdobrados), vivíamos em Handsworth. A nossa casa era geminada e a nossa senhoria, com o seu filho e filha, ocupava a casa ao lado.

A nossa vizinha, a Sra. Collins, era uma mulher bondosa, ignorante e indefesa, que ficara viúva muitos anos antes, quando os filhos ainda eram muito pequenos. Era a segunda esposa do marido, que deixara um filho e uma filha adultos do primeiro casamento.

Como tantas vezes acontece, a segunda família ficou com todos os benefícios que o pai podia conceder, enquanto a primeira (como de costume) ficou esquecida, alimentando um forte ressentimento dentro da família. A Sra. Collins não herdou nada pessoalmente, pois todos os bens foram deixados em fideicomisso para George e Annie, até atingirem a maioridade, recebendo a mãe apenas uma mesada durante a menoridade dos filhos.

George era o mais velho e atingiu a maioridade em agosto de 1873, e é sobre este acontecimento que agora escrevo.

Na noite do seu 21º aniversário, o meu irmão mais velho veio ter comigo e disse:
— A Sra. Collins quer falar contigo; o George está muito mal.

Ri-me, pois concluí de imediato que o George tinha celebrado o dia de forma pouco prudente e em excesso. No entanto, fui até lá e encontrei-o deitado, inerte e sem forças, num sofá, e, para minha surpresa, vi (por via clarividente) que estava rodeado por uma densa nuvem negra. Eu era apenas uma jovem naquela altura, com muito pouca experiência em doenças, mas já sabia o suficiente sobre a minha segunda visão para a usar e beneficiar dela.

Como disse, fiquei surpreendida ao ver a pesada nuvem em volta do George e perguntei-lhe o que tinha feito.

— Nada — respondeu ele —, apenas fiz uma longa caminhada pelo campo, e isso é a causa disto.

— O que queres dizer? Tu és forte e não te cansas facilmente — observei, pois o pobre George era famoso pela sua saúde e resistência.

— Oh, não foi a caminhada; foi o cheiro horrível no campo, que tinha sido adubado com esgoto e restos de peixe em decomposição, e isso fez-me sentir muito mal.

Conversei um pouco com a mãe dele e saí da casa.

Na manhã seguinte, voltei para saber notícias e encontrei a Sra. Collins a chorar. Ela estivera acordada a noite toda e o George estava pior. Pediu-me para subir com ela para o ver, e fiquei chocada com a sua aparência.

Enquanto estava junto à cama dele, ouvi a voz da minha mãe dizer:
— Afasta-te, ele vai morrer, e na verdade já está a morrer.

Fiquei tão assustada que disse:

— Oh, Sra. Collins, mande chamar um médico imediatamente! Eu própria irei!

Pouco depois, voltei com o médico da família, que visitou a casa duas vezes naquela tarde e noite.

No domingo, como estava ocupada a dar aulas, não tive tempo de ir lá de manhã ou à tarde. Mas por volta das cinco horas, a Sra. Collins entrou pelo jardim, chorando amargamente, e disse:

— Bessie, o George está a chamar por ti, ele está a morrer.

Naturalmente, fui imediatamente e vi que o pobre rapaz estava a partir. O quarto estava cheio de familiares, todos sentados, atordoados e impotentes. Não descreverei o estado do meu amigo, pois era uma visão demasiado horrível; mas, assim que entrei no quarto, ele reconheceu a minha presença e tentou estender a sua pobre mão, que eu segurei na minha.

Ele disse:

— Estou cego, completamente cego, e o inferno está a consumir-me por dentro. Estou a morrer, a morrer.

Não consegui falar, até que, de repente, senti uma mão espiritual no meu ombro e ouvi a voz angustiada de um homem dizer:

— Pelo amor de Deus, sê forte e ajuda-nos. Pergunta se ele fez o testamento.

Com esforço, perguntei:

— George, fizeste o teu testamento?

Ele apenas gemeu:

— Oh, a minha mãe, a minha pobre mãe, o que será dela?

Depois, pediu algo para beber. Deram-lhe água, que ele bebeu com avidez, e então tentou levantar-se ou sentar-se, movendo a mão como se quisesse escrever.

Parece que compreendi, e dizendo à mãe dele para o levantar, corri para minha casa e disse ao meu irmão:

— Vai o mais rápido que puderes! O George Collins está a morrer e não fez testamento. Vai buscar alguém que possa fazê-lo!

Nunca soube onde o meu irmão foi, mas voltou rapidamente com um cavalheiro, que foi levado para o quarto onde eu já tinha regressado. Fiquei

aos pés daquela cama de morte e, palavra por palavra, ditei os termos do testamento que salvaria uma mulher indefesa da pobreza.

O cavalheiro leu tudo lentamente e com clareza, e até hoje vejo o meu amigo moribundo erguer-se na cama, assinar o documento com uma mão firme e forte, e cair morto.

Na manhã seguinte, o meio-irmão dele chegou, acompanhado por um funcionário do advogado, que começou a fazer um inventário dos bens da casa e até da roupa do irmão falecido. A mãe estava, como sempre, indefesa, mas, sob o controlo de um dos meus próprios guias, segui aqueles homens de quarto em quarto por toda a casa e ouvi o Sr. Collins dizer que, assim que tudo estivesse terminado, a Sra. Collins devia empacotar os seus pertences e partir.

Comecei a compreender então a ansiedade do espírito em garantir que houvesse um testamento, mas mantive-me calada e vi a Sra. Collins sair num táxi com um amigo do falecido filho para ir ver um advogado. E então, esperamos o desenrolar dos acontecimentos.

Quatro médicos realizaram uma autópsia e concluíram que George morreu devido a envenenamento do sangue, causado pela prática abominável de fertilizar os campos com restos de peixe em decomposição.

Após o funeral (no qual o meio-irmão compareceu como principal enlutado), o meu irmão, a minha irmã e eu fomos convidados a assistir à explicação dos assuntos legais pelo advogado do Sr. Collins. E até hoje, apesar de todos os horrores daquele tempo, não consigo evitar rir ao recordar essa cena.

Isto não é uma história de ficção, é a mais pura verdade.

Ali estava a mãe com a filha de quinze anos, um jovem que tinha sido amigo do filho, vários parentes do lado materno e o chefe da família (o Sr. Collins), acompanhado pelo seu advogado. Este começou a explicar o testamento do falecido Sr. Collins (pai), como ele tinha distribuído os bens, e que, em caso de morte de um dos filhos, a sua parte da herança passaria para o irmão mais velho (que já era bastante rico). Esse irmão estava ali agora para reclamar o que era seu e exigia a casa para seu uso, assim que a Sra. Collins pudesse desocupá-la.

Mais uma vez senti uma mão apertar-me o ombro e uma voz angustiada sussurrar:

— Estás pronta? Oh! Está seguro?

O meu irmão levantou-se e disse:

— Esperem um pouco, virá um cavalheiro para esclarecer a situação.

— Tudo já foi esclarecido — responderam. — Não há mais nada a dizer. Este cavalheiro é o herdeiro legítimo, e o Sr. George morreu sem testamento.

— Oh, não morreu! — exclamei. — E aqui está o advogado dele.

Oh, que cena se seguiu! A natureza humana revelou-se completamente! Mas o testamento foi validado, a mãe e a filha puderam permanecer na sua casa, e a questão "De que serve o espiritualismo?" foi, neste caso, respondida de forma satisfatória. Um homem, supostamente morto, protegeu a sua mulher e a sua filha.

Vi o espírito, ouvi a voz, cumpri a sua vontade, e ganhei dois amigos espirituais... e vários inimigos terrenos. Não importa, sobrevivo para contar a história.

Outro caso: tinha uma amiga muito querida, filha única. A sua mãe, a Sra. F. Wilson, de Lodge Road, Birmingham, estava doente, mas não era considerada em perigo. Eu costumava visitá-la para ler ou conversar com ela e aliviar a constante pressão sobre a filha.

Pouco antes do Natal de 1874, saí de casa para visitar uma irmã mais velha que morava a alguns quilómetros de distância.

Apenas alguns dias depois de lá estar, uma noite acordei subitamente de uma forma que já sabia indicar influência espiritual.

Acordei completamente consciente e vi, perto de mim, uma figura difusa. Perguntei:

— Quem é? O que se passa?

Sem resposta, mas o que antes era apenas uma nuvem tomou distintamente a forma da minha amiga, a Sra. Wilson.

De alguma forma, soube o que aquilo significava: ela tinha falecido e veio dizer-me.

Não vi os lábios mexerem, mas as palavras pareceram sussurradas aos meus ouvidos:

— Vai ter com a Julie; ela está desamparada e sozinha. Foi tudo tão repentino. E oh! Sê boa para ela; ela precisa.

A minha amiga desapareceu.

Assim que consegui recompor-me o suficiente—pois admito que fiquei terrivelmente assustada—visti-me e, indo até à minha irmã, disse-lhe que iria no primeiro comboio ter com Julie. Cheguei à Lodge Road por volta das 12 horas do mesmo dia.

A minha amiga estava num estado de espírito terrível, mas parecia esperar-me. Disse-me que, enquanto a mãe estava a morrer, repetia constantemente as palavras:
— Manda chamar a Bess! Oh! Se a Bess ao menos estivesse aqui para estar contigo.

Juntas, subimos para ver a querida amiga e mãe, e, no momento em que entrámos no quarto, ouviram-se fortes pancadas, uma verdadeira torrente, por toda a divisão, até mesmo na cama e por baixo dela.

Fiquei com a minha amiga e, sendo ela, como eu, médium, recebíamos constantemente mensagens e instruções sobre os desejos e vontades da sua mãe.

Mais tarde, a minha amiga veio a precisar da ajuda que a mãe dela me tinha mencionado. Embora não possa aqui explicar a natureza do problema, posso dizer que a minha Julie foi salva de um destino triste e acabou por vir para minha casa, onde ficou até ao seu casamento.

CAPÍTULO XX

DE QUE SERVE O ESPIRITUALISMO?

"As leis que governam o mundo espiritual impedem-nos de ver coisas que são palpáveis e visíveis para ela."
— Longfellow

A minha clarividência aumentava a cada dia, e eu começava a encará-la de uma forma muito prática. Certamente era incentivada e exercitada sempre que surgia uma oportunidade. Mas, em breve, comecei a perceber que não seria tudo mel—haveria também amarguras associadas a este dom, como acontece com todos os outros.

Descobri que, onde quer que estivesse—na rua, numa loja, num compartimento de comboio, ou em qualquer lugar onde houvesse outras pessoas além de mim—começava, quase inconscientemente, a observá-las por via clarividente. E, muitas vezes, não só surpreendi os que me rodeavam, como a mim própria, ao soltar uma sonora gargalhada; ou, ao olhar fixamente para alguém, começar a chorar, com as lágrimas a escorrer-me pelo rosto.

Essas explosões eram causadas ou pelo ambiente espiritual das pessoas ou pelos pensamentos que lhes iam na mente, os quais, para mim, se tornavam formas e imagens distintas.

Percebi que era tempo de me controlar, caso contrário, um dia destes, ouvir-me-ia ser acusada de louca. Assim, pus-me a trabalhar para conseguir controlar esta minha segunda visão.

Foi um trabalho árduo, pois, sendo eu o que se chama uma clarividente normal—ou seja, uma vidente natural—nunca precisei de ser induzida num sono magnético ou transe para obter as minhas visões. Elas estavam lá a todo o momento, quer eu desejasse ou não, e, por vezes, punham-me em situações embaraçosas.

Na rua, nunca parecia encontrar um rosto desconhecido. Se, ao passar, a minha atenção era chamada para alguém, parecia-me apenas estar a olhar para um rosto e uma figura que já conhecia perfeitamente.

Cheguei ao ponto de cumprimentar e parar para falar com pessoas que me olhavam com espanto, e tudo o que podia fazer era murmurar um pedido de desculpas ao perceber que estava a falar com completos estranhos.

Isto tornou-se um verdadeiro problema para mim, e declarei que nunca mais sairia sozinha, pois, por medo de abordar a pessoa errada, comecei a evitar cumprimentar aqueles com quem tinha apenas um leve conhecimento, temendo que fossem apenas amigos do meu mundo clarividente.

Era urgente fazer algo, mas o quê? E por onde começar?

Após muito refletirmos, e depois de longas conversas com a minha irmã Frances, decidimos que o melhor seria perguntar aos espíritos.

As respostas vieram:

"A culpa é inteiramente dela; ela tem usado e desenvolvido esta faculdade espiritual de forma excessiva, até ao ponto de a deixar escapar ao seu controlo. Que ela pare, por um tempo, com todo o uso premeditado desta faculdade. Se a clarividência se intrometer, deve imediatamente mudar o seu estado de espírito ou pensamento; e se seguir cuidadosamente as nossas instruções, em breve descobrirá que tem o controlo total deste poder em suas mãos."

Era uma tarefa difícil para mim, pois, durante vários anos, tinha feito tudo o que podia para desenvolver este dom, que para mim era tão encantador. E agora, corria o risco de ele me dominar!

Mas recebi ordens, e tinha de obedecer ou arcar com as consequências.

Após seis ou sete meses, constatei que, de facto, o poder estava sob o meu comando. E não hesito em afirmar que há não centenas, mas milhares de pessoas em todo o mundo dispostas a testemunhar que sou, como o Sr. Stead me descreveu, uma clarividente de confiança.

Devo falar de outro dom que tenho: o da clariaudiência. Eu ouço vozes, e há vinte e cinco anos que as ouço.

Embora um certo correspondente muito culto, ao escrever para o *The Morning*, tenha gentilmente dito que sempre considerou isto um sinal de loucura, se eu enlouquecer apenas à velocidade com que tenho enlouquecido ao longo desses vinte e cinco anos, então tenho uma boa hipótese de terminar os meus dias fora de um manicómio e em paz, no seio da minha família.

As vozes que ouço são as dos meus próprios entes queridos, as mesmas que usavam em vida, e talvez surpreenda alguns saber que, na verdade, elas são úteis por vezes.

Tenho um filho na vida espiritual, e ele fala comigo.

Uma noite, há apenas algumas semanas, fui acordada por ouvir alguém chamar-me:
— Mamã.

Sou uma pessoa de sono leve e acordo ao menor ruído.

— Mamã — sussurrou novamente a voz.

— Sim, o que foi? — perguntei, sentando-me na cama.

Mas não havia ninguém ali, e não vi ninguém.

Deitei-me novamente, mas logo ouvi a voz sussurrar:
— Mamã, mamã...

Depois, ouvi um leve ruído junto à porta do meu quarto.

Saltei da cama e destranquei a porta, mas não havia ninguém nem qualquer outro som.

Voltei para o meu quarto, vesti o roupão e calcei os chinelos, e subi para ver as crianças, pois sabia, pela minha longa experiência, que não era uma brincadeira.

Vi que a minha menina dormia tranquilamente e, em seguida, fui ao outro quarto, onde estava o meu pequeno rapaz.

E lá estava ele, quase louco de dor de dentes.

Ficou encantado ao ver-me e disse:

— Oh, mamã, estou tão feliz por teres vindo! Precisei tanto de ti!

Perguntei:

— Vieste à minha porta chamar-me?

— Oh, não, mamã. Como poderia? Está tudo escuro!

Os meus leitores talvez se lembrem de eu ter dito que o meu menino tem um verdadeiro horror à escuridão e, por vezes, fica tão apavorado que tem medo de se mexer na cama.

Agora aqui estava um sinal de loucura incipiente que provou ser de alguma utilidade. Tenho estes sinais com muita frequência; na verdade, não há um único dia da minha vida em que não os tenha, e, sempre que realizo uma sessão espírita, grande parte da informação que recebo vem através deles.

Na noite de 20 de janeiro de 1893, dois cavalheiros vieram visitar-me. Estavam a investigar o que se chama espiritualismo e ambos eram praticamente desconhecidos para mim.

Os dois visitantes, o meu marido e eu sentámo-nos na minha pequena sala de estar e, em poucos segundos, as vozes começaram a falar-me.

— Diz ao Sr. B---- que o seu pai o saúda e, por favor, dá o meu nome, que é W. B---- y. Parti há muitos anos; a morte foi causada por asma.

O Sr. B---- declarou que isto estava correto, e então as vozes, mudando rapidamente de uma para outra, cada uma por sua vez deu o nome completo, o período da sua partida, o grau de parentesco, a natureza da doença e muitas mensagens afetuosas.

Todas estas mensagens mostravam que, embora muitos deles tivessem partido há muito tempo e alguns quase esquecidos, nunca tinham perdido o interesse pelos seus entes queridos que deixaram na Terra.

Sei que estas páginas serão lidas por descrentes e ridicularizadas por muitos; mas é reconfortante saber que os principais zombadores estão apenas entre os ignorantes, ou entre aqueles que não ousam acreditar, pois é apenas o "tolo" que "disse no seu coração: Não há Deus".

Já vi, repetidamente, mães a chorar pelos seus filhos—filhos a chorar pelos pais que os deixaram para entrar naquele destino do qual lhes disseram que nenhum viajante retorna.

E vi a própria criança pela qual se chorava como perdida—o pai, a mãe—de pé ao lado do mortal em pranto, eles próprios vergados pela dor por não conseguirem transmitir ao espírito do enlutado o facto de que não há morte, e que eles vivem e amam tão fortemente no mundo espiritual como amaram na Terra.

Quando Deus, o Criador, nos deu o poder de viver e amar, deu-nos um dom eterno, que a chamada morte não pode separar, nem se destina a fazê-lo.

Muitos anos atrás, fui passar uma noite com alguns amigos e, enquanto conversávamos, vi por via clarividente dois meninos pequenos entrarem na sala de mãos dadas.

Eles foram de pessoa em pessoa, observando atentamente cada rosto com grande ansiedade, até que, por fim, chegaram até mim; os seus pequenos rostos iluminaram-se com reconhecimento, embora eu tivesse a certeza de que eram completos desconhecidos para mim.

O mais novo dos dois estendeu a sua pequena mão para tocar na minha e, naturalmente, ao responder ao seu gesto, atraí a atenção dos amigos com quem estava sentada.

— O que foi? O que estás a ver? Oh, conta-nos!

Respondi:

— Estão aqui dois meninos; dizem-me que estão à espera da mãe.

A minha anfitriã pareceu confusa e disse que não podiam estar ali para ninguém presente.

As crianças pareciam ler no meu rosto o que estava a ser dito; não pareciam ouvir, pois o mais velho disse:

— Não, a mãe está a chegar. "A Bondade" enviou-nos aqui para vê-la, e tu deves ajudar-nos.

Repeti em voz alta o que ele dissera, e mal terminei de falar quando anunciaram a chegada da Sra. Evans, e uma senhora, desconhecida para mim, entrou na sala vestida de luto profundo.

Vi o meu anfitrião e a minha anfitriã trocarem olhares significativos, e as pequenas crianças espirituais agarraram-se carinhosamente ao vestido dela.

A pobre mulher era a própria imagem da tristeza, e soube com certeza que íamos passar por uma daquelas cenas difíceis que, devido à minha natureza sensível, me afetavam terrivelmente e, muitas vezes, me deixavam doente durante dias.

Percebi que a minha anfitriã, a Sra. Perks, sentia o mesmo, e uma espécie de silêncio ominoso caiu sobre nós.

As crianças pareciam transbordar de alegria, acariciando a mãe, aparentemente inconscientes de que ela não correspondia às suas demonstrações de afeto por algum tempo.

Mas, por fim, começaram a perceber, e um, o mais velho, voltou-se para mim e disse:

— A mãe está tão parada! Porque não fala? Parece que está cega e não nos consegue ver.

Eu disse:

— Meu querido, ela não pode ver-vos; vocês são agora dois pequenos anjos, e ela ainda está na Terra. Diz-me o teu nome, e eu direi a ela que estão aqui.

— O meu nome é Johnny, e o meu irmão é o Willie; diz-lhe depressa.

Voltei-me para a Sra. Evans e, após alguma conversa, levei-a cuidadosamente ao assunto do seu luto. Com lágrimas nos olhos, disse-me que tinha sofrido uma grande perda.

— Já ouviste falar do espiritualismo? — perguntei calmamente.

— Oh, sim, e até pensei em ir ver um médium, mas não sei como começar a procurar um; e depois, tenho receio de que seja pecado perturbar os mortos.

Vi imediatamente que esta pobre alma tinha a ideia comum de que os seus queridos falecidos estavam deitados nas suas sepulturas frias, à espera do Juízo Final para serem despertados para a vida; e que, se os chamasse ou procurasse comunicar com eles, teriam de sair dos seus túmulos para vir até ela.

Perguntei:

— És cristã?

— Claro que sou.

— Então — disse eu — e a tua crença na Comunhão dos Santos? Eles eram apenas mortais, sabes, e deviam estar nas suas sepulturas, como o

resto de nós, até ao Dia do Juízo; e se isso for verdade, então o que significa a comunhão com eles? E o que quer dizer quando nos dizem que todos temos os nossos anjos bons e maus perto de nós, e que devemos pôr os espíritos à prova, aceitando apenas aqueles que provamos serem bons e verdadeiros?

Desta forma, levei-a a refletir, até que pareceu mais tranquila em relação à questão de procurar a comunhão com os seus santos.

Então, segurando-lhe firmemente a mão, disse:

— Eu vejo espíritos constantemente; ouço-os falar; vi alguns aqui esta noite.

Ela perguntou:

— É possível? Oh, diga-me, pode ver alguém aqui esta noite por mim?

— Sim, há dois meninos pequenos.

A pobre mulher ficou com um ar de louca.

Agarrou-me pelo ombro, segurando-me com força, e disse:

— Diz-me como são. Diz-me os nomes deles.

— Os nomes deles são John e Willie Evans.
As idades são sete e cinco anos.
Eles faleceram há quase dois anos, devido à varíola.

Nunca, nunca esquecerei o rosto daquela mulher. Ela atirou-se para os meus braços, gritando literalmente:

— Graças a Deus! Oh, graças a Deus por esta misericórdia! Os meus filhos salvaram-me, pois esta noite eu tinha decidido acabar com a minha vida e vim aqui para dizer adeus.

Tirou da sua mala um frasco cheio de láudano.

A vida desta mulher foi salva pelos espíritos e por nenhum outro meio. Ela vive até hoje e mantém comunhão com os seus anjos Johnny e Willie.

Alguém pode, por favor, explicar-me onde está a maldade em comunicar com os espíritos? Ficarei muito grata se o conseguirem.

Para passar de algo tão profundo para um assunto mais mundano, contarei outra pequena visão clarividente que tive.

Um amigo meu ia viajar para a América num navio. Levava consigo uma grande soma de dinheiro, a maior parte em notas, mas também uma quantia significativa em ouro.

Na noite anterior à sua partida, durante uma sessão, vi-o a bordo do navio.

Descrevi-lhe a sua situação no mar e disse:

— Creio que já passaram duas noites desde a partida; esta é a terceira. Vejo-te no teu beliche, a dormir. Um homem entra sorrateiramente, atravessa o quarto e observa atentamente o teu rosto. Tens o colete debaixo da almofada. Ele pega no teu casaco e nas calças e revira os bolsos. Retira algo e parece desapontado. Vê o teu colete, puxa-o debaixo da tua cabeça e esvazia os bolsos, mas continua à procura de algo mais. Viras-te de lado. Ele ajoelha-se e, depois, rastejando pelo chão, sai porta fora. Agora perco-o de vista. Ele tem barba e bigode, mas parecem falsos.

O meu amigo ficou impressionado e, lembrando-se de que "estar prevenido é estar armado", despediu-se de mim.

Três semanas depois, recebi uma carta dele, e transcrevo um trecho:

"Lembras-te de me dizeres que seria roubado? Quando cheguei a Liverpool, fiz questão de depositar as 600 libras num local seguro, levando apenas o ouro comigo a bordo. E este, à exceção de 3 libras, escondi bem. Na terceira noite, coloquei muitas moedas de cobre no bolso das calças e algumas moedas de prata no colete, mas esqueci-me de tirar duas libras. De manhã, tudo tinha desaparecido. Não há ninguém a bordo que corresponda à tua descrição, mas uma mulher foi vista a lançar um pequeno embrulho ao mar muito cedo. Poderiam ser as falsas barbas? E será que foi ela a culpada?"

Nunca descobri a verdade, mas desejei que o meu amigo não tivesse esquecido as suas três soberanas. No entanto, a minha visão salvou-lhe perto de mil libras.

É do conhecimento geral que utilizo os dons que Deus me deu, e recebo uma quantidade imensa de correspondência de pessoas que procuram a minha ajuda. Muitas vezes dou boas gargalhadas com as cartas que recebo; mas, com maior frequência, derramo lágrimas, pois as dores de muitos corações cansados são confiadas à minha mente.

Por vezes, sento-me no meu quarto a ouvir relatos que me fazem desejar ter o poder de torturar algum demónio em forma humana, da mesma forma que ele torturou a pobre alma diante de mim.

Há muitos homens de rosto doce e sorriso encantador entre nós, que, se eu decidisse falar, esconderiam para sempre a sua cabeça desprezível da vista de todas as pessoas honestas e decentes.

E também há, neste mundo, homens e mulheres, santos e anjos de bondade, que são desconhecidos, que não procuram notoriedade nem elogios.

Entre as muitas cartas que recebo, algumas são bastante engraçadas.

Uma jovem escreveu:

"Quero ser espiritualista e ter a minha sorte lida. Casarei em breve? E qual dos dois homens, cujos cabelos envio em anexo, devo escolher? Ambos são ricos, mas eu prefiro ser esposa de um clérigo, se os espíritos puderem tratar disso."

Outra escreveu:

"Sou espiritualista, gosto muito de corridas de cavalos e faço algumas apostas. Em anexo envio uma lista dos cavalos que devem correr nas próximas provas. Por favor, assinale com uma cruz o cavalo vencedor. Se tiver uma taxa, eu pago, mas não pode ser mais de 10 xelins; prefiro pagar 5."

Outra carta, desta vez da América, dizia:

"Ouvi dizer que tudo é possível para si. Por favor, venha até mim através da Srta. M----, que vive em Washington. Diga-me o meu verdadeiro nome a partir destas iniciais. Qual dos meus pais faleceu, o meu pai ou a minha mãe? Qual será o meu futuro e por que motivo os meus amigos em Inglaterra não me escrevem? Com os melhores cumprimentos..."

Outra, de um cavalheiro, incluía uma lista de iniciais:

"Por favor, diga-me qual destas pessoas da primeira coluna me pagará o que me deve. Qual das da segunda devo visitar para negócios? E quais, na terceira, são meus amigos? Se conseguir fazer isto, acreditarei no espiritualismo."

Isto foi generoso da parte dele, e senti-me um pouco sobrecarregada, mas não vi razão para me esforçar a convencê-lo.

Parece-me que, por algum motivo desconhecido, o público em geral tem uma ideia muito errada sobre estes dons espirituais.

Mas quero deixar algo muito claro: para mim, esta questão é sagrada.

Se as pessoas que leem estas páginas sentirem vontade de me escrever, que compreendam que nunca degrado nem os meus espíritos nem os meus poderes para adivinhação do futuro.

Não vejo os espíritos como servos para todas as funções, nem eles regressam para assumir novamente as preocupações terrenas e permitir que os seus amigos façam fortunas de forma fácil e rápida.

Eles vêm como mensageiros de paz e esperança; vêm para confortar os que sofrem e os mais fracos; vêm para desenvolver os corações e as mentes dos que amam; vêm para provar aquilo que todas as religiões do mundo falharam em provar—que não há morte.

Mas que eles nos ajudam e assistem materialmente, isso é um facto positivo; tem sido provado repetidamente.

A filha espiritual de Miss Marryat (Sra. Lean), Florence, veio até mim outro dia e disse:

— A mãe está terrivelmente preocupada, gostava tanto que fosses vê-la.

— Ela está doente, Florence?

— Não, querida.

— É importante que vá hoje?

— Não; mas sabes como ela se preocupa facilmente agora que está a trabalhar no seu novo livro, e se fores, o teu "Ned" dir-lhe-á algo que a confortará.

Não pude ir naquela noite, mas escrevi-lhe e fui no dia seguinte. Encontrei Miss Marryat em casa.

— O que se passa agora?

— Oh, querida, sabes o quanto eu amo o meu cavalinho, e ele custou-me uma fortuna. Agora dizem-me que tenho de o vender, e, oh, tantos aborrecimentos! Estou cansada disto tudo!

Senti o "Ned" por perto, e aqui devo dizer que ele é um grande conhecedor de cavalos e cães, enquanto eu sou a criatura mais ignorante do mundo em tudo o que diz respeito a esses nobres animais.

"Ned" controlou-me, discutiu o assunto minuciosamente com Florence Marryat e, quando voltei à consciência, encontrei-a cheia de sorrisos. O cavalo não foi vendido; ofereceram-lhe grandes quantias por ele, e, sob a supervisão cuidadosa de "Ned", foi submetido a um tratamento especial e agora está em perfeitas condições.

Miss Marryat e eu íamos juntas a um baile. Pouco antes de sair para me juntar a ela, recebi um telegrama:

"Não posso ir, fui impedida."

Fiquei muito desapontada e questionei-me se deveria ir ou não.

"Dewdrop" insistiu para que eu fosse, e assim parti, num estado de espírito um tanto deprimido, pois sou naturalmente um pouco tímida.

Já estava quase a chegar ao meu destino quando "Dewdrop" e Florence apareceram e, em resposta à minha pergunta sobre o que se passava agora, disseram-me, muito animadas, que eu encontraria Miss Marryat lá antes de mim.

Fiquei surpresa e, assim que entrei na casa, perguntei ao criado se Miss Marryat já tinha chegado.

— Oh, sim, chegou há dez minutos e está no quarto dela.

Lá a encontrei, e ela explicou-me que, logo depois de enviar o telegrama, o obstáculo tinha sido removido, e ela partiu esperando encontrar-me em Victoria, mas o meu comboio atrasou-se.

Estas podem parecer questões triviais, mas apenas servem para demonstrar o quão reais e perfeitamente naturais são os nossos amigos espirituais.

Tenho muitos amigos na Irlanda, um ou dois deles muito especiais, e, através de "Dewdrop", estou sempre bem informada sobre os seus movimentos.

Não ouvia notícias de uma delas, a Sra. A----, e, sabendo que ela não era muito forte, enviei "Dewdrop" pelo Natal para ver qual a razão do silêncio.

Este foi o relatório:

— Como está a Sra. A----? Está doente?

— Não doente. "Dewdrop" olhou por todo o lado. Não doente, muito trabalho.

— Com o quê?

— Festa. Grande. Muitas pessoas. Muitas crianças.

— Um baile?

— Não, festa. Muito chá. Crianças e mulheres. Grande árvore, muitos brinquedos, e grande estrela no topo, muitas luzes. Sra. A---- fala muito, outras mulheres escutam.

— O que mais? — perguntei.

— "Ned" precisa ir ao estábulo; perna do cavalo ferida. Custa muito dinheiro.

— Bem, vou receber notícias?

— Não ainda, não escreve. Surpresa para ti.

Não recebi notícias durante três semanas, e então veio a surpresa.

A Sra. A---- vinha a Londres numa visita rápida e queria ver-me. Quando a visitei, contei-lhe o que "Dewdrop" tinha dito, e ela respondeu:

— Oh, sim! Fiz uma festa de Natal para as mulheres e crianças. "Dewdrop" deve ter ouvido o meu discurso para elas. A árvore foi iluminada por eletricidade e havia uma grande estrela no topo.

— E sobre o cavalo?

— Oh, querida, sim! Uma égua muito valiosa feriu-se na perna de uma forma misteriosa, mas o tratador disse que agora está a melhorar, embora parecesse algo grave no início.

Tenho outra amiga que vive perto de Dublin e outra no Condado de Tipperary.

Em janeiro do ano passado, a Sra. Francis visitou-me e, durante a visita, disse:

— Quando voltar para Tipperary, enviar-te-ei uma grande caixa de plantas assim que o tempo permitir. Enviarei prímulas e polianthus.

— Poderias enviar-me alguns bolbos de gladíolos?

— Sim, mas não será para já.

Esperei pelas minhas plantas até abril e, como não as recebi, pedi a "Dewdrop" para apressar o envio.

Em poucos dias, recebi uma enorme caixa de flores e um pacote. Este último continha um xaile muito grande e lindamente tricotado. Mas o envio veio de Dublin.

Havia um bilhete dentro que dizia:

"Estou a enviar-te as flores e o xaile a pedido de 'Dewdrop'. Lamento não haver gladíolos; ainda é muito cedo, por isso envio narcisos. O xaile estava a ser tricotado para uma das raparigas, mas 'Dewdrop' escreveu pela minha mão que o queria para ti, por isso aceita-o com o meu carinho."

Mas o bilhete estava assinado "G. Waters".

Não compreendi nada daquilo, então fui falar com a Miss "Dewdrop".

— Foste à Irlanda?

— Sim.

— Para onde foste primeiro?

— Ver a Srta. Waters.

— O que fizeste?

— Usei a mão dela para escrever e pedi algumas flores e aquele xaile.

— Ah, sim? Mas não sabes que não deves ir pedir coisas?

— Não, não sei. Eu sabia que aquele era um xaile quente e gosto que estejas quentinha, Medie.

— E as flores?

— Ah, pedi-as por receio de que a Sra. Francis não tivesse nenhumas!

— E os gladíolos? Não sabes que florescem tarde e que ainda é muito cedo?

— Oh, isso não importava nada! Pensei que os querias, porque ouvi-te pedir à Sra. Francis há muito tempo, então, enquanto estava lá, pedi à Srta. Waters em vez disso.

Poucos dias depois, chegou outra caixa de flores, desta vez de Tipperary.

Dentro estava um bilhete da minha amiga dizendo que tinha ficado com a impressão de que eu tinha esquecido ou já não queria as flores.

Assim, "Dewdrop" certificou-se de que a sua Medie não ficaria desapontada!

Mas agora já a proibi de pedir xailes e mantas para mim.

CAPÍTULO XXI

CLARIVIDÊNCIA EM CRIANÇAS

"Hathorne. Observa-a. Ela está perturbada no seu sono."
"Mather. Alguma visão terrível a assombra."
— Longfellow

Durante o verão de 1883, passei bastante tempo na casa da minha amiga Florence Marryat, e tivemos tempos maravilhosos.

Sendo ela uma espiritualista tão dedicada e fervorosa, naturalmente fazia tudo ao seu alcance para convencer os seus amigos de que os chamados mortos não estavam mais mortos do que nós próprios, e também de que havia forças ocultas na natureza, prontas para serem descobertas e usadas para o benefício da humanidade.

Claro que conseguiu muitos convertidos, e entre aqueles que estavam sempre quase, mas nunca completamente convencidos, encontrava-se um certo Dr. James Lewis.

Já o tinha encontrado muitas vezes e tínhamos tido várias discussões longas sobre temas ocultos, e, naturalmente, um desses temas era a clarividência.

Numa tarde, um grupo de amigos reunia-se na sala de estar de Miss Marryat, quando ela me disse:

— Bess, tenho aqui um pequeno pacote que pertence ao Dr. Lewis. Ele estará aqui dentro de momentos, e quero muito que hoje o convenças de uma vez por todas.

Ri-me e respondi:

— Muito bem, terei todo o prazer em convencê-lo, se estiver dentro das minhas possibilidades.

Pouco depois, o Dr. Lewis juntou-se a nós e logo iniciámos a nossa habitual discussão.

A certa altura, ele pediu o pequeno pacote a Miss Marryat, examinou cuidadosamente o invólucro e os selos para se certificar de que estavam intactos e exatamente como os tinha deixado.

Depois de se convencer da sua condição, entregou-me o pacote, dizendo:

— Aqui está, se a sua clarividência conseguir ver através disto, ficarei convencido.

Peguei nele entre as mãos e comecei a ler.

— Vejo um rapaz; tem cerca de dezasseis ou dezassete anos. Está sentado, com a cabeça apoiada nas mãos, ao lado de uma mesa, num local que parece ser a enfermaria de um hospital. A sua cabeça dói-lhe terrivelmente. Agora vejo-o na cama, na mesma enfermaria. Ele está inconsciente. Agora está morto.

— Vejo uma sala com vários senhores, alguns idosos, outros bastante jovens. Um senhor idoso está a falar e todos se reúnem em torno de uma mesa, que parece ser feita de uma pedra escura, talvez ardósia. Sobre esta mesa está o corpo do rapaz. Vejo-os a rodeá-lo, enquanto um deles parece estar a remover o cabelo, como se fosse escalpelizar a cabeça.

— Agora vejo... oh! Isto deixa-me doente... Eles estão a serrar o topo da cabeça e a dividi-la. O corpo é virado, a parte de trás da cabeça é aberta. Vejo o senhor mais velho a cortar algo do cérebro, a segurá-lo na ponta de um instrumento afiado e a mostrá-lo aos outros que o rodeiam.

— Agora vejo-te a ti, Dr. Lewis. Pegas nesse “algo” e colocas numa pequena lâmina de vidro. E então tudo desvanece.

— Agora volto a ver-te, desta vez sozinho, sentado a uma secretária, no que suponho ser o teu escritório. Levantas algo da mesa... oh, é a lâmina de vidro! Colocas outra lâmina semelhante sobre ela, colas as bordas com goma e depois envolves tudo em algodão e guardas numa pequena caixa. Envolves a caixa em seda oleada (verde), depois em vários papéis e finalmente selas e atas.

— Esta é a caixa que tenho agora na minha mão. Dentro dela está uma partícula do cérebro do rapaz que vi no hospital. Isto é verdade?

— "É, palavra por palavra" — respondeu ele. — "Tão verdade quanto o facto de Deus estar no céu."

Mas o Dr. James Lewis nunca se tornou espiritualista; e lembro-me da frase que diz: *"Nem ainda que alguém ressuscite dos mortos, acreditarão."*

Estou a falar estritamente da minha própria clarividência e experiências, mas espero ser perdoada por relatar um pequeno episódio que vivemos através do meu filho.

Há alguns anos, tínhamos uma casa no campo. Ficava ao lado da estrada principal para O----d. No lado oposto havia um vasto descampado e um bosque.

A casa era extremamente antiga e tinha assentos embutidos nas janelas, onde as crianças se ajoelhavam para observar o que quer que passasse.

Numa manhã, Geordie estava a olhar pela janela e, de repente, gritou:

— Mamã! Mamã! Vem depressa! Está a passar um circo, e são só camelos com soldados montados neles!

Fui até à janela e, enquanto a criança saltava e ria de alegria, não vi absolutamente nada, nem no descampado, nem na estrada.

Perguntei-lhe:

— O que queres dizer? O que foi que viste?

Ele respondeu:

— Olha, mamã! Eles continuam a passar—soldados em camelos!

Pelo comportamento do meu filho, percebi que ele devia estar a ver algo. Ele tinha apenas sete anos, e crianças dessa idade não inventam histórias com tal detalhe.

Além disso, já tínhamos testemunhado algumas manifestações da clarividência de Geordie antes.

Poucos segundos depois, uma empregada entrou na sala para dizer que havia uns homens na porta dos fundos a pedir água—o que deveria dar-lhes?

Como a nossa casa era isolada e ficava longe da cidade ou de qualquer lugar onde se pudesse conseguir algo para beber, tínhamos por hábito dar sempre comida ou bebida a quem pedisse.

No entanto, eu gostava de ver as pessoas antes de decidir.

Fui até à porta e encontrei três homens. Dois deles eram soldados e pareciam exaustos. Convidei-os a descansar e fiquei a conversar com eles.

Disseram-me que tinham acabado de regressar do Egito, estavam de licença e iam para casa, em O----d.

Agora, imaginem a minha surpresa quando me contaram que pertenciam ao *Camel Corps*!

Esses homens nem sequer tinham passado pela nossa casa quando o meu filho teve a sua visão. Deviam estar, no mínimo, a cinco minutos de caminhada de distância.

Teriam os acontecimentos futuros projetado as suas sombras antes de chegarem? Ou seriam sombras do passado a anunciar eventos futuros?

Qual das duas hipóteses seria?

Não havia nada que pudesse ter levado o meu filho a pensar nisto— nenhuma conversa, nenhuma pista que pudesse sugerir tal coisa.

Mas, ao falar mais com aqueles homens, percebi que, enquanto caminhavam, tinham estado a contar ao seu companheiro civil tudo sobre as suas experiências no Egito.

O que foi que Geordie viu? Sempre me perguntei.

Os meus três filhos possuem o dom da clarividência e encaram-no como algo perfeitamente natural, embora, às vezes, a mais nova fique um pouco assustada.

Ela é tímida e, quando vê estranhos do mundo espiritual, não lhes fala e muitas vezes esconde o rosto.

Agora vê-os com tanta frequência (tem apenas cinco anos) que temos de deixá-la adormecer com uma luz acesa ou ficar com ela até que adormeça.

CAPÍTULO XXII

CLARIVIDÊNCIA EM CRIANÇAS

Acho de uma crueldade extrema colocar uma criança nervosa na cama, deixando-a sozinha no escuro, com aquelas frases "consoladoras":

"Dorme, querida, e porta-te bem, pois, se não fores boa, Deus não te amará, e os grandes ursos ou o papão virão buscar-te."

Se alguma vez ouvisse algo assim ser dito a um filho meu, haveria uma grande confusão em nossa casa, seguida de uma porta da frente a bater com força.

Se as pessoas parassem para pensar o quão perto uma criança pequena está, na sua inocente infância, do mundo espiritual, tratariam os seus pequenos caprichos, as suas imaginações e o seu medo do escuro com muito mais carinho e paciência do que frequentemente acontece.

Recentemente, houve um debate num pequeno jornal chamado *The Morning*, sobre o espiritualismo, e surgiram as habituais cartas "a favor e contra". Entre elas estavam cartas de Maskelyne e Stuart Cumberland, ambos a fazerem, como de costume, afirmações ignorantes e a imporem as suas opiniões sobre um assunto que homens como eles são incapazes de compreender, pois ocupam o seu tempo exclusivamente na busca do lucro.

Um certo Sr. Harrison também fez declarações, mas não valem a pena ser mencionadas, pois demonstrou uma completa ignorância sobre a questão que supostamente devia responder. Tentou esconder a fragilidade dos seus argumentos atacando—claramente por algum motivo pessoal—o Sr. Stead, o muito respeitado editor da *Review of Reviews*, que havia iniciado a discussão relatando a sua própria experiência como médium escrevente.

Por essa altura, fui entrevistada por um jornalista do *The Morning*, um completo estranho para mim.

Ele veio com uma recomendação do Sr. Stead. Mal tinha estado alguns momentos na sala quando vi com ele uma senhora e duas meninas pequenas.

O meu guia disse-me que eram a sua esposa e filhas.

Contei-lhe que via os espíritos com ele, mas ele parecia tão nervoso que achei melhor não insistir no assunto.

No entanto, algumas noites depois, ele voltou com três outros representantes do *The Morning*, e dei-lhes uma sessão.

Quando o jornal encerrou a discussão, o editor concluiu que não havia espíritos envolvidos, a não ser o "espírito mais ou menos histérico do médium".

Se fosse esse o caso, que poder foi esse que viu com ele dois espíritos, que deram os nomes de John e Alfred, disseram ser seus primos e que ele, em vida, reconheceu tanto pelo nome quanto pela descrição?

Que tipo de alucinação foi essa que me disse que Madame V----, outra funcionária do jornal ali presente, sofria de bronquite há oito anos, descrevendo com precisão sintomas e experiências que ela confirmou serem verdadeiros?

E que alucinação foi essa que descreveu e deu o nome, a idade, a carreira e a causa da morte de um amigo dela?

Poderá o editor explicar esta alucinação com mais clareza?

Seria melhor se tivesse admitido honestamente que não compreendia e que não conseguia explicar os factos que lhe foram apresentados.

Há uma semana, Miss Marryat veio ter comigo e pediu-me que conhecesse uma amiga dela, uma cantora muito conhecida, Madame Valda.

Fui visitá-la, mas, para minha surpresa, "Dewdrop" imediatamente quis falar, chamando Madame Valda de sua amiga.

Conversaram durante quase duas horas.

Na minha vida, nunca tinha visto esta senhora antes, e podem imaginar o meu espanto quando, ao recuperar a consciência, Madame Valda me disse que conhecia "Dewdrop" há mais de dez anos, na América.

Agora, como explicar esta ideia de que os espíritos são apenas criações da mente do médium?

"Dewdrop" está comigo há quase dezoito anos e, até recentemente, costumava dizer-nos que tinha uma médium em Chicago através da qual se manifestava e falava, mas que esta havia falecido há pouco tempo.

Quando conheci Madame Valda, "Dewdrop" reconheceu-a imediatamente e, ao controlar-me, as suas primeiras palavras foram:

— Oh, Giulia! Não te lembras de mim?

E de imediato começou a estabelecer a sua identidade, relembrando Madame de certos acontecimentos.

Nunca saí de Inglaterra.

Não conheço uma única pessoa que pudesse ter-me contado qualquer uma dessas coisas.

Madame Valda não consultava um médium há dez anos, desde que saiu de Chicago.

Agora, se "Dewdrop" não é o espírito que afirma ser, e se tudo isto não passa de uma alucinação minha, então só posso dizer que tal fenómeno é ainda mais extraordinário do que o facto de afirmarmos que os espíritos regressam à Terra, em todos os aspetos iguais ao que eram quando vivos como mortais, a única diferença sendo que deixaram para trás o corpo físico para assumir a forma espiritual.

Para mim, que há trinta anos vivo na plena certeza de que o mundo dos espíritos existe aqui mesmo, entre nós, ver estas pessoas—embora invisíveis para a visão comum dos mortais—é tão natural como encontrar-me e conversar com os meus amigos terrenos.

Nunca sei o que significa sentir solidão ou estar sozinha.

Posso compreender completamente os versos do poeta Longfellow:

"Há mais convidados à mesa do que os anfitriões convidaram."

E ainda:

"Todas as casas onde os homens habitaram são assombradas."

Para mim, estas palavras são tão reais e verdadeiras.

Entro numa sala que, para os mortais, parece vazia; mas ali, visíveis à minha visão clara, vejo uma pessoa sentada numa cadeira, outra de pé junto a uma mesa, ou, aparentemente, a olhar pela janela—o espírito de alguém, muitas vezes um ente querido supostamente perdido da casa.

Muitas vezes, esses visitantes espirituais não têm qualquer ligação com os atuais ocupantes, e, por mais vezes do que consigo contar, observei-os demonstrar sinais claros de desagrado pelo facto de terem a sua privacidade invadida por estranhos.

Outras vezes, vi-os voltar-se com alegria para receber um ente querido, apenas para verem uma sombra de desapontamento cruzar os seus rostos quando percebem que não são vistos, nem sentem a sua presença reconhecida.

CAPÍTULO XXII

ATRAVÉS DO VALE ESCURO

"O mundo espiritual ao redor deste mundo sensorial
Flutua como uma atmosfera."
— Longfellow

Há cerca de três anos, tornou-se necessário que eu fosse submetida a uma operação terrível, mas o meu marido declarou que nunca consentiria nem permitiria que eu passasse por isso.

A maioria dos nossos amigos concordava com ele, e eu própria preferia morrer devido à doença em si (um tumor interno) do que sofrer uma dor tão intensa e enfrentar o risco de morte de qualquer maneira.

O médico que consultámos deu-nos dois meses para pensar no assunto, ao mesmo tempo que nos alertava para as consequências caso eu esperasse mais de seis meses.

Tínhamos um amigo muito querido em Birmingham, o Dr. A. Baldwin, que me conhecia desde que era jovem e tinha grande interesse no meu caso. Ele veio até Londres para discutir a situação com o meu marido e disse-nos claramente o quão preocupado e angustiado estava, lembrando-se de como sempre fui fraca e delicada. Disse ainda que, se eu morresse durante a operação, nunca se perdoaria por ter aconselhado a realizá-la.

Eu disse:

— Não seria melhor consultarmos os guias? Eles sabem exatamente, e melhor do que nós, o estado da minha saúde, a doença e quanto tempo me resta de vida. Só posso morrer uma vez, mas prefiro que seja naturalmente. Não tenho medo da morte, mas odeio sofrer ainda mais.

"Dewdrop" controlou-me e teve uma longa conversa. Ela declarou que eu não morreria, que recuperaria completamente, e que o único efeito, se houvesse algum, seria nos meus nervos e talvez na minha memória.

A partir desse momento, perdi completamente todo o medo.

Fiz os meus preparativos e fui para Birmingham, e no dia 14 de abril fui operada pelo Dr. Lawson Tait com tanto sucesso que, em três semanas, fui transferida (na verdade, já conseguia andar bem) da casa dele para a do meu amigo Dr. Baldwin, cuja esposa cuidou de mim com toda a ternura e amor, até recuperar completamente a saúde e a força.

E aqui estou hoje, com uma saúde melhor do que tive nos últimos vinte anos, sem qualquer sofrimento ou inconveniência, graças ao brilhante Dr. Lawson Tait.

Mas "Dewdrop" estava absolutamente correta; a esplêndida memória, que sempre foi uma das minhas características mais marcantes, desapareceu por completo.

Esqueço as coisas mais triviais; esqueço os nomes dos meus amigos e sou obrigada a tomar notas dos acontecimentos do dia a dia. Já não consigo sequer concentrar-me num livro que exija leitura cuidadosa e atenção.

Estes amigos espirituais nunca me falharam em toda a minha vida.

Testei-os e provei a sua bondade, e qualquer pessoa pode fazer o mesmo, desde que os procure de maneira honesta e verdadeira.

Não há perigo algum na comunicação com os espíritos; no entanto, há certas pessoas que não estão de forma alguma aptas para lidar com este assunto—assim como um bebé não está apto para brincar com um ferro em brasa!

Que as pessoas de mente fraca e excessivamente excitáveis se mantenham afastadas deste tema, ou poderá ser demasiado para os seus cérebros frágeis—assim como a pregação exaltada de vários ministros, evangelistas e fanáticos conhecidos levou muitas pessoas infelizes à loucura.

Ouvimos frequentemente falar de loucura religiosa, mas não há um espiritualista em cada dez mil que desenvolva qualquer forma de insanidade, seja ela religiosa, suicida ou homicida.

Por outro lado, quase todos os dias lemos nos jornais sobre alguma pobre alma que, sob o feitiço da depressão religiosa, provocada pelo medo de Deus e da Sua vingança, cometeu suicídio ou assassinato.

O que eram os profetas da antiguidade, senão médiuns através dos quais os espíritos comunicavam com os mortais?

Não nos é dito claramente em **1 Samuel 9:9**:

"Aquele que hoje se chama profeta, antigamente se chamava vidente."

E que Samuel e os outros profetas certamente viviam dos seus dons, como está demonstrado no mesmo capítulo, no versículo oito:

"Eis aqui na minha mão a quarta parte de um siclo de prata; darei ao homem de Deus, para que nos mostre o caminho."

Se não era perigoso, naqueles tempos, procurar conselho dos espíritos através de um médium, por que seria agora, quando o vício e a abominação proliferam ao nosso redor?

O senso comum mostra-nos claramente que uma grande revolução nas questões religiosas é necessária para salvar a humanidade da completa degradação moral.

Não estou a falar de coisas que não compreendo, e não hesito em declarar abertamente que os ensinamentos das igrejas (apesar de todas as suas descrições horrendas de um Deus vingativo e de um tormento eterno) falharam em tornar os nossos grandes centros populacionais melhores do que as Sodoma e Gomorra da antiguidade.

E digo que os ensinamentos dos espíritos são os únicos que podem, e que um dia irão, alcançar o coração e a alma dos homens e das mulheres.

Afirmo que os espíritos dos chamados mortos retornam a esta terra e, quando têm oportunidade, falam e aparecem àqueles que amaram e deixaram para trás.

A mãe volta para os seus filhos queridos, o marido para a esposa, e os amigos para os amigos.

Eu vi-os; vejo-os sempre; falo com eles.

Em espírito e como vidente, visitei as suas moradas e testemunhei as suas vidas no mundo espiritual.

Vi-os felizes e infelizes.

Vi os perversos a pagar as consequências dos seus atos na Terra, e os cansados a descansar; vi os bons, felizes e alegres, a pensar nos seus entes queridos e a ajudá-los, enquanto estes sofriam a sua suposta perda.

Dia após dia, nos últimos vinte e cinco anos, a minha vida tem sido dedicada a provar, a todos os que me procuraram, o facto incontestável de que há uma ponte entre esta vida mortal e a imortal, e que os dois mundos podem e de facto comunicam entre si.

Ao longo destes anos, dei, posso dizer, milhares de provas de que os chamados mortos estão entre nós, fornecendo evidências tão absolutas da sua identidade que até os mais céticos foram convencidos.

E existem centenas de outros médiuns em todo o país a fazer exatamente o mesmo trabalho, cuja influência está a espalhar-se silenciosamente, mas de forma segura, minando os preconceitos e a oposição da intolerância, do medo e da superstição.

Na minha opinião, baseada em toda a minha longa experiência, as pessoas que mais se opõem à crença na comunicação com os espíritos pertencem a uma classe que tem motivos para temer as revelações que ela pode trazer e a luz que os espíritos podem lançar sobre as suas vidas.

O mundo espiritual é um lugar de verdade, onde tudo é conhecido, até mesmo os segredos mais profundos da mente de alguém.

Há pouco tempo, um cavalheiro veio visitar-me com uma recomendação de um amigo.

Disse-me que tinha ouvido falar muito sobre mim e queria ver algo por si mesmo, embora tivesse dúvidas sobre se era errado comunicar com espíritos.

— "Não é nem metade tão errado quanto viver como um hipócrita" — respondi-lhe.

— "O que quer dizer com isso?" — perguntou ele.

— "Exatamente o que eu disse."

— "Mas não compreendo a sua insinuação."

— "Oh, mas compreende. Talvez isto o ajude."

— "Hester G----n está aqui; entrou consigo e quer perguntar se cumpriu a promessa que lhe fez sobre o seu filho e o dela. Diz que prometeu cuidar dele, protegê-lo, e o que fez? Pagou uma quantia de dinheiro e nunca mais quis saber. Ela diz que deve ir a tal lugar, onde encontrará a menina Amy; coloque-a na escola e comporte-se como um homem."

Pensei que tinha matado o meu visitante.

— "Pelo amor de Deus, não diga mais nada. Diga-lhe que farei tudo o que ela pede."

Não deixei este homem escapar tão facilmente, e continuei a relatar-lhe tudo o que via e ouvia a respeito dele.

Se alguma vez encontrei um hipócrita, foi este homem, e estou bastante certa de que, no futuro, ele terá opiniões ainda mais fortes do que antes sobre o quão "imprudente" é comunicar com espíritos, especialmente para quem deseja manter uma imagem de santidade enquanto leva uma vida vergonhosa.

Há doze meses, recebi uma carta de uma senhora pedindo permissão para me visitar.

Apenas algumas palavras, mas o papel estava fortemente carregado com a força magnética da escritora, que rapidamente senti.

Segurei a carta como faço quando psicometrizo, e li o seguinte:

"Uma mulher de temperamento irritável e instável, extravagante e irresponsável, mãe de filhos, vivendo separada do marido. Está preocupada com um processo judicial. Ah, vejo, trata-se de um divórcio. Ela é tão culpada quanto o marido, mas está a fingir ser uma mulher injustiçada! O divórcio ainda não será concedido, e duvido que ela o consiga."

Não quis vê-la, então escrevi recusando a entrevista, dizendo que não queria envolver-me em casos como o dela ou em disputas legais.

Na semana passada, os jornais estavam cheios do processo de divórcio desta senhora e do marido.

As provas apresentadas confirmaram exatamente a minha leitura da carta, feita um ano antes.

Este é apenas um dos muitos exemplos das minhas experiências.

Mas como a maior parte da minha mediunidade é exercida para ajudar os outros, e a maioria dessas pessoas são estranhas para mim, é fácil perceber que não posso publicar muitos dos relatos extraordinários que recebo, sem trair a confiança que depositam em mim.

CAPÍTULO XXIII

UMA HISTÓRIA MARAVILHOSA SOBRE UM ANEL

"O que será de mim agora, pobre mulher?
Sou a mais infeliz entre todas."

"Se fores tão casta quanto o gelo, tão pura quanto a neve,
não escaparás à calúnia."
— Shakespeare

Como poderei relatar uma experiência tão extraordinária pela qual passei recentemente?

Para muitos, sem dúvida, parecerá estranha e inacreditável; para outros, parecerá que deixei a minha imaginação correr solta, sem controlo.

A todos, digo apenas que relato aqui a mais pura verdade.

Certa vez, estava sentada sozinha, a pensar, quando fui subitamente interrompida pela entrada do meu filho pequeno, conhecido pelos leitores de *There is no Death* pelo nome de "Dat Geordie".

Ele exclamou:

— Oh, mamã! Enquanto estava na sala, vi uma mão a deslizar pelo corrimão da escada.

— Uma mão, Geordie? — perguntei.

— Sim, mamã, apenas uma mão—uma mão muito branca—e tinha um anel enorme!

— Como era esse anel, Geordie?

— Oh, era um anel tão grande—uma pedra azul enorme e muitas pedrinhas de vidro à volta!

(Queria dizer diamantes.)

Não reconheci a descrição desse anel como pertencente a alguém que conhecesse e, depois de pensar durante algum tempo sobre o seu significado e não encontrar uma explicação, deixei o assunto de lado e esqueci-me dele.

Cerca de quatro meses depois, recebemos a visita do Dr. M----, que tinha estado na América.

Durante o jantar, entre outros assuntos, mencionei casualmente o que Geordie tinha visto.

Não consigo descrever o meu espanto quando o Dr. M---- estendeu a mão para mim e disse:

— Acha que este é o anel?

Na sua mão estava um anel que correspondia exatamente à descrição dada por Geordie.

— Meu Deus! — exclamei. — Parece-se exatamente com o que Geordie viu. Vou chamá-lo agora mesmo! Estou muito interessada nisto e quero ouvir o que ele dirá.

Fui imediatamente buscá-lo e disse:

— Agora, Geordie querido, conta ao Dr. M---- tudo sobre a mão a deslizar pelo corrimão com o grande anel azul. Ainda te lembras, não lembras?

— Oh, sim, mamã, lembro-me muito bem.

E então, ele contou ao Dr. M---- exatamente a mesma história que me tinha contado a mim.

O médico pareceu muito impressionado e, quando o menino terminou, perguntou:

— Achas que reconhecerias o anel outra vez, se o visses?

— Oh, sim! Era um anel tão bonito.

O médico então entregou-lhe três anéis e disse:

— Esta é uma história muito estranha, Geordie. O anel que viste era parecido com algum destes?

Geordie imediatamente escolheu um com uma safira rodeada de diamantes.

— Era exatamente assim! — disse ele.

Nem é preciso dizer o quão intrigados todos ficámos, e decidimos tentar descobrir mais sobre esse anel.

Quando o Dr. M---- nos visitou no domingo seguinte, peguei no anel nas mãos e tentei obter alguma informação através da psicometria, mas falhei.

Isso surpreendeu-me muito, pois sempre consegui obter conhecimento tanto de pessoas como de objetos através deste dom.

Ainda assim, coloquei o anel no dedo, embora fosse muito grande para mim, e segurei a mão para que não caísse.

Depois, apoiei a cabeça na mão levantada.

Em poucos segundos, entrei num transe profundo ou fui controlada por um espírito, e o que se passou a seguir terei de relatar através das palavras do meu marido, pois pessoalmente não me lembro de nada; quando estou em transe, ou seja, quando outra entidade assume o controlo do meu corpo, fico completamente inconsciente do que acontece ou do que é dito através de mim.

Assim que fiquei totalmente sob o controlo do espírito que queria comunicar, levantei-me e comecei a andar rapidamente pela sala, parecendo estar em grande angústia e aflição.

Por várias vezes, atirei-me ao chão diante de uma pequena mesa que estava no nicho da janela, enterrei o rosto nas mãos e soluçava violentamente—todo o meu corpo tremia com a intensidade da dor que sentia.

Foi uma cena muito difícil tanto para o médico quanto para o meu marido, e ambos tentaram acalmar o espírito.

Aos poucos, este tornou-se mais tranquilo.

O meu marido perguntou então o seu nome e, para seu espanto, ouviu a resposta:

— O meu nome é Catarina, e fui rainha de Inglaterra. Chamavam-me Catarina de Aragão.

— Este era o meu anel, e dentro dele ainda há um pedaço do meu próprio cabelo.

— Dei este anel à minha filha, e ela, por sua vez, deu-o a Isabel, a bastarda!

Aqui, o espírito tornou-se novamente agitado e, durante algum tempo, não conseguiu falar.

Quando retomou a fala, foi apenas para lançar insultos contra Ana Bolena, a mulher que a substituiu no coração de Henrique VIII.

Parecia que esse tormento ainda pesava sobre a sua alma.

No entanto, recuperou a calma e, antes de partir, disse-nos que havia um lema gravado na parte de trás do anel.

Pouco depois, deixou-nos, e eu saí do transe.

Quando o meu marido e o Dr. M---- me contaram tudo o que tinha acontecido, fiquei mais surpresa do que posso expressar.

Examinámos cuidadosamente o anel para encontrar o lema de que Catarina falara, mas não havia nenhum sinal nem de cabelo nem de inscrição.

No entanto, o Dr. M---- notou que a parte da frente ou a faixa de ouro parecia ter um revestimento adicional.

Quando regressou à América, levou imediatamente o anel a um joalheiro, pedindo-lhe que o examinasse minuciosamente e, se necessário, removesse as pedras, pois havia um interesse especial ligado a ele.

O joalheiro seguiu as instruções com o máximo cuidado e, para surpresa e alegria do Dr. M----, quando as pedras foram removidas, descobriram um pequeno compartimento escondido na parte de trás do anel.

Dentro dele, encontraram um pequeno pedaço de cabelo macio, de cor castanho-escura!

Isso incentivou uma busca mais profunda, que revelou que o anel realmente tinha um revestimento interior.

Quando essa fina camada de ouro foi removida, descobriram uma inscrição antiga, cujo significado traduzido era:

"Eu vivo, assim como outros vivem por mim."

Assim, cumpriram-se as palavras de Catarina de Aragão, proferidas através de mim.

Ela nunca mais me visitou, embora eu adorasse recebê-la novamente.

E, embora esta história seja estranha e difícil de acreditar para alguns, juro que é verdadeira.

Posso, a qualquer momento, referir os interessados ao Dr. M----, que certamente estaria feliz em responder a todas as perguntas e mostrar este anel maravilhoso e agora precioso.

E agora para o que—deverei chamar-lhe o desenlace?

Ao relatar esta experiência, sou fortemente lembrada de outra mulher ilustre e, como acredito firmemente, profundamente injustiçada: a já mencionada **Ana Bolena**.

Desde que me lembro, a minha personagem favorita da história inglesa foi esta senhora, para quem sempre senti uma ligação singular e a quem tanto devemos, pois foi através da sua influência—embora breve—sobre Henrique VIII que conseguimos libertar-nos da escravidão da Igreja Católica Romana.

E, no entanto, seja merecido ou não, até hoje ela é vergonhosamente difamada.

Certo dia, o meu marido, regressando de uma ida à cidade, disse-me:

— Ouvi falar de um livro que acho que te vai agradar imensamente. É um novo livro de Froude, chamado *O Divórcio de Catarina de Aragão*. Ainda não foi publicado, mas encomendei um exemplar para ti.

Fiquei muito grata, pois sempre me deu grande prazer ler qualquer coisa relacionada com a história, especialmente a do nosso próprio país.

Alguns dias depois, enquanto costurava, ouvi repentinamente uma voz dizer (naturalmente, de forma clarividente):

— Que injustiça! Nunca conhecerão a verdade? E, depois de todos estes anos, as velhas e vergonhosas mentiras são repetidas, e chamam-me prostituta!

Fiquei, como é óbvio, bastante surpreendida e perguntei:

— Quem és tu? De que verdade falas?

Podem imaginar o meu espanto quando veio a resposta:

— Sou Ana Bolena.

Fiquei atónita, sem palavras, como é fácil imaginar; mas ela continuou:

— O que me perturba é que a injustiça dos homens continua a perseguir-me, mesmo séculos depois da minha morte, e agora um livro é lançado ao mundo, escrito por alguém que nunca me conheceu, tornando a minha vida ainda mais horrenda do que já a pintaram.

Ela falava com muita tristeza, e não preciso dizer o quanto simpatizei com ela.

— Diz-me, minha senhora, o que ele escreveu sobre ti — pedi. — Gostaria de poder confortar-te, mas fica certa da minha mais profunda compaixão.

Devo agora enfatizar aos meus leitores que este livro ainda não havia sido publicado.

Ainda não tinha recebido a cópia que me fora prometida e, portanto, desconhecia completamente o seu conteúdo.

— O que ele disse? Pois bem, ele colocou sobre a minha pobre alma todas as acusações vis que um homem pode lançar sobre uma mulher.

— Chamou-me prostituta, traidora, libertina e, por fim, repetiu a velha acusação de incesto.

— Para "provar" todas essas acusações, conta a velha história de como os meus supostos cúmplices no crime morreram sem negar ou afirmar a sua inocência.

— E qual é a sua autoridade para essas afirmações? Diz que nunca foram encontrados nos arquivos do Estado quaisquer documentos que comprovem que essas pessoas deixaram declarações ou confissões.

— Pois bem, tanto para a autoridade do Sr. Froude... Agora escutem a minha.

— Todas essas acusações foram uma conspiração vil.

— O meu marido, Henrique VIII, cansou-se de mim, como já se cansara de tantas antes de mim—mas que, por não serem suas esposas, foram facilmente descartadas.

— Mas eu era sua esposa legítima, e antes que Henrique pudesse livrar-se de mim, precisava de uma boa desculpa e de acusações graves.

— Assim, com muitos assistentes hábeis e dispostos, forjaram essas acusações.

— Eu, que na juventude nunca conhecera restrições, cheia de vida, energia e alegria, tornei-me uma vítima fácil da maldade dos meus inimigos e da traição vil de Henrique.

— E assim caí—e comigo caíram aqueles cavalheiros valentes e leais, entre eles o meu amado irmão, como mártires dos desejos de um rei e de um grupo de sacerdotes e aduladores.

— E quanto aos meus amigos que morreram?

— Dizem que não deixaram confissões.

— Sim, é verdade. Mas sabem porquê? Porque **não tinham nada a confessar**.

— No entanto, é falso que não tenham deixado declarações.

— **Todos** deixaram declarações da sua absoluta inocência.

— Eu, Ana Bolena, a muito difamada esposa de Henrique VIII—eu, que sei a verdade—declaro solenemente a inocência deles e a minha própria.

— Mas acham que Henrique e os seus aliados, que forjaram essas acusações, permitiriam que o mundo soubesse da sua vilania?

— **Claro que não!**

— Fizeram uma busca minuciosa por qualquer registo ou carta que pudesse chegar ao conhecimento do povo, e **destruíram tudo**, para que Henrique nunca fosse acusado do assassinato da sua esposa e de nobres inocentes.

— Vim para te contar isto porque vais ler esse livro, escrito por alguém que nunca me conheceu, e porque sei da tua compaixão por mim.

Nunca poderei descrever o que senti ao ouvir esta comunicação.

Parecia-me extraordinário que isso acontecesse logo depois de ter encomendado esse livro, e logo após a visita do espírito de Catarina de Aragão, sua antecessora.

Imediatamente, vieram-me à mente as palavras de Shakespeare, com as quais iniciei este capítulo:

"Se fores tão casta quanto o gelo, tão pura quanto a neve, não escaparás à calúnia."

De tal forma isto me impressionou, que não consegui tirar o assunto da cabeça.

Em dezembro passado, contei esta experiência ao Sr. W. T. Stead, que ficou muito interessado.

Sem eu saber, ele entrou em contacto com o Sr. Froude, e este respondeu dizendo que *"lamentava se havia ferido os sentimentos de uma senhora"*, mas recusava um convite—que, pelo tom da carta, parecia ter sido feito por Stead—para participar numa sessão espírita.

Froude justificou-se dizendo que não permitiria *"a interferência de terceiros"*.

(Deduzi que esse "terceiro" seria eu, enquanto médium.)

No entanto, acrescentou que, *"se Ana Bolena viesse até ele, no seu próprio quarto, estaria disposto—condescendentemente— a receber a sua visita."*

O Sr. Stead enviou-me esta carta, e eu retirei-me para o meu quarto, sentando-me e mentalizando-me para que Ana Bolena me visitasse novamente.

O espírito veio até mim, e ouvi estas palavras:

— **Então, ele quer ver-me? Que bondade!**

— Mas se eu for até ele, será que me reconhecerá?

— Se eu estiver ao seu lado, reconhecerá o meu rosto ou a minha forma?

— Se eu falar, reconhecerá a minha voz?

— Ele tem algum poder que me permita ir até ele?

— Ele consegue escrever os seus livros sem caneta, tinta e papel?

— Diz-lhe para me dar as condições adequadas, e eu irei.

— Enquanto isso, dar-te-ei a única coisa que, após tantos séculos, ainda pode ser reconhecida—o meu autógrafo.

Estendi a mão para apanhar um pedaço de papel, e, através da minha mão, ela escreveu "Anne Boleyn" várias vezes.

Depois, despediu-se de mim.

Entreguei este papel ao Sr. Stead e, lamento dizer, infelizmente ele perdeu-se.

Mas pedi a Ana a sua assinatura novamente, e ela teve a bondade de me conceder esse pedido.

Enquanto escrevia, disse as palavras do grande Mestre:

"Aquele que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra."

Envio estas experiências aos meus amigos, esperando que lhes tragam interesse e conhecimento, e que encorajem muitos a investigar as grandes e gloriosas verdades que os nossos amigos espirituais nos querem dar.

"Acerca dos dons espirituais, irmãos, não vos quero ignorantes!"

"Ora, há diversidade de dons, mas o mesmo Espírito. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que tudo opera."

"A um é dada, pelo Espírito, a palavra da sabedoria; a outro, a palavra do conhecimento, pelo mesmo Espírito;"

"A outro, a fé; a outro, os dons de cura; a outro, o dom de operar milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento de espíritos (clarividência); a outro, a variedade de línguas; a outro, a interpretação de línguas."

"Mas todas estas coisas vêm de um mesmo e único Espírito."

"Eis que estou convosco todos os dias, até ao fim dos tempos."